

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

WALKER UMEKI HANASHIRO

**A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E A TEATRALIZAÇÃO DA SUA
BATALHA ESPIRITUAL: UMA CONSTRUÇÃO ETNOGRÁFICA DA “SESSÃO
ESPIRITUAL DO DESCARREGO”**

**GUARULHOS
2013**

WALKER UMEKI HANASHIRO

**A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E A TEATRALIZAÇÃO DA SUA
BATALHA ESPIRITUAL: UMA CONSTRUÇÃO ETNOGRÁFICA DA "SESSÃO
ESPIRITUAL DO DESCARREGO"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Alessandra El Far

**GUARULHOS
2013**

Hanashiro Umeki, Walker.

A Igreja Universal do Reino de Deus e a Teatralização da sua Batalha Espiritual: uma construção etnográfica da "Sessão Espiritual do Descarrego" / Walker Umeki Hanashiro. – 2013.

1 f.

Dissertação de conclusão de curso (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Alessandra El Far.

1. Antropologia. 2. Construção Etnográfica. 3. Igreja Universal do Reino de Deus. I. Prof.^a Dr.^a Alessandra El Far. II. A Igreja Universal do Reino de Deus e a Teatralização da sua Batalha Espiritual: uma construção etnográfica da "Sessão Espiritual do Descarrego".

WALKER UMEKI HANASHIRO

**A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS E A TEATRALIZAÇÃO DA SUA
BATALHA ESPIRITUAL: UMA CONSTRUÇÃO ETNOGRÁFICA DA "SESSÃO
ESPIRITUAL DO DESCARREGO"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovação: ____/____/____

Prof.^a Dr.^a Alessandra El Far
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof. Dr. Ronaldo Romulo Machado de Almeida
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Pompa
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof.^a Dr.^a Francirosy Campos Barbosa Ferreira (Suplente)
Universidade de São Paulo (USP - Ribeirão Preto)

Ao Francisco, meu filho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Alessandra El Far, pelo voto de confiança, por ter aceitado este desafio e por ter me conduzido com tamanha sutileza pelos nem sempre tranquilos caminhos da pesquisa acadêmica.

Aos docentes, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo . E à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/ REUNI) pelo financiamento desta pesquisa.

Meu muito obrigado à professora Maria Cristina Pompa e ao professor Ronaldo de Almeida por terem aceito o convite para participar tanto da Banca de Defesa quanto na Qualificação desta dissertação; espero ter correspondido as suas contribuições.

Aos meus pais, Luzia e Walter; e irmã Greyce pelo suporte e o amor de sempre.

À família Nemoto e Sabino de Freitas que me recebeu de braços abertos: Dona Marlene, Seu Nemoto, Maria Teresa, Ernesto e João Paulo.

E, um agradecimento especial, à Marina Nemoto Sabino de Freitas com quem compartilho o delicioso desafio de ver o nosso filho, Francisco, crescer.

“Longe de representar a fraqueza da antropologia, portanto, a etnografia dramatiza, com especial ênfase, a visão weberiana da eterna juventude das ciências sociais”

(Mariza Peirano)

RESUMO

Este trabalho pretende discorrer sobre algumas singularidades, identificadas em campo, da postura da Igreja Universal do Reino de Deus em relação às religiões declaradas abertamente, pela própria, como suas inimigas. Entre estas podemos incluir o Catolicismo, o Espiritismo Kardecista e, em especial, o Candomblé e a Umbanda; contudo casos envolvendo trocas de acusações entre a Igreja Universal do Reino de Deus e algumas denominações da própria corrente pentecostal estão se tornando cada vez mais frequentes.

Palavras-chave: Neopentecostalismo, Igreja Universal do Reino de Deus, Mercado Religioso.

ABSTRACT

This study intends to discuss some singularities, identified inside the field, about the Igreja Universal do Reino de Deus's posture regarding of religions openly declared, by themselves, as their enemy. Between these we can include Catholicism, Kardecista's Spiritualism and in particular, the Candomblé and Umbanda; which cases involving exchanges of accusations between the Igreja Universal do Reino de Deus and some of the own Pentecostal current denominations are becoming increasingly frequent.

Keywords: Neopentecostalism, Igreja Universal do Reino de Deus, Religious Market.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| | |
| CAPÍTULO 1 – O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO | |
| 1.1. O Fenômeno Pentecostal no Brasil | 16 |
| 1.2. O Desenvolvimento da Igreja Universal do Reino de Deus | 19 |
| 1.3. A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus | 28 |
| 1.4. A Batalha Espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus | 31 |
| | |
| CAPÍTULO 2 – BATALHA ESPIRITUAL: CONFLITO E TROCAS SIMBÓLICAS | |
| 2.1. A Guerra Santa Iurdiana e o Mercado Religioso Brasileiro | 36 |
| 2.2. Uma Breve Discussão Metodológica: o Fazer Etnográfico | 47 |
| 2.3. A Construção de uma Narrativa sobre a "Sessão Espiritual do Descarrego" | 50 |
| | |
| CAPÍTULO 3 – A IURD E A TEATRALIZAÇÃO DA SUA BATALHA ESPIRITUAL | |
| 3.1. A Ritualização da Visão de Mundo Iurdiana | 61 |
| 3.2. Uma "Descrição Densa" do "Ritual de Libertação" Iurdiano | 66 |
| 3.3. Um Olhar sobre o "Ritual de Libertação" Iurdiano | 81 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 106 |

INTRODUÇÃO

Importante esclarecer, desde já, que esta pesquisa desenvolvida ao longo da temática religião tem como pano de fundo alguns dos coloridos fragmentos que, em conjunto, dão forma à este rico mosaico que é o cenário religioso brasileiro e toda a sua diversidade. Universo vasto e dinâmico que nas últimas décadas presenciou tanto o surgimento quanto a expansão institucional de novas expressões religiosas oriundas do movimento evangélico pentecostal; e, localizada exatamente no interior desta corrente, denominada *neopentecostalismo*¹, que se encontra o fenômeno a ser aqui estudado: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

A construção do objeto de pesquisa em questão não se trata de uma novidade, porque não são poucos os estudos propostos a compreender o funcionamento e as polêmicas práticas da IURD. Contudo, este trabalho pretende discorrer sobre algumas singularidades, identificadas em campo, da postura *iurdiana*² em relação às religiões declaradas abertamente, pela própria, como suas inimigas. Entre estas podemos incluir o Catolicismo, o Espiritismo Kardecista e, em especial, o Candomblé e a Umbanda; contudo casos envolvendo trocas de acusações entre a Igreja Universal do Reino de Deus e algumas denominações da própria corrente pentecostal estão se tornando cada vez mais frequentes.

Fundamentado na observação de alguns cultos praticados no interior de templos da Igreja Universal do Reino de Deus e no acompanhamento de parte de sua vasta programação difundida principalmente pela rede mundial de computadores, um dos objetivos desta investigação é examinar a estratégia beligerante de finalidade proselitista praticada pela IURD e compreender como as acusações contra as suas concorrentes diretas no chamado *mercado religioso* são construídas e atualizadas em seu cotidiano. Para tanto, se faz necessário percorrer, mesmo que brevemente, pelo extenso universo iurdiano constituído por “ofertas de

¹ Sobre a tipologia das formações pentecostais: MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo, Loyola, 2ª Edição, 2005.

² A Igreja Universal do Reino de Deus é tão estudada pelas Ciências Sociais que em seus artigos aparecem palavras como “iurdiano” e “iurdiana” em referência à sigla IURD.

sacrifícios”, “encostos”, “Sessão Espiritual do Descarrego”, “Correntes de Libertação”, “batalhas espirituais”, e por um peculiar repertório de serviços religiosos que mais a frente iremos comentar. Antes, introduz-se parte da trajetória percorrida desde a escolha da sua temática até a construção deste objeto de pesquisa e sua respectiva abordagem.

Não por acaso o tema religião servirá de palco para o desenvolvimento desta pesquisa, porém vale ressaltar que esta investigação não se refere a uma Sociologia ou Antropologia da Religião *stricto sensu*, mas um exercício sociológico (no sentido amplo do termo) que pretende apontar, a partir de uma perspectiva antropológica, algumas peculiaridades da Igreja Universal do Reino de Deus no rico cenário religioso brasileiro. Esta escolha acontece porque, mesmo nos dias atuais, a religião continua ocupando um importante espaço em nossa sociedade, importância expressa através da sua presença marcante nos diversos canais modernos de comunicação e até mesmo na participação direta na política partidária. Assim, apoiando-se no pressuposto de que algumas instituições religiosas são importantes referências para compreender parte dos contextos sociais em que estão inseridas, incluímos a Igreja Universal do Reino de Deus neste quadro, pois muitas de suas práticas, em especial a sua postura beligerante contra as sua concorrentes diretas no chamado mercado religioso brasileiro, muito nos diz sobre o cenário religioso do qual faz parte e da maneira como esta instituição se coloca neste universo.

O primeiro contato direto e de fato com a Igreja Universal do Reino de Deus ocorreu durante a graduação em Ciências Sociais³, visto que ao final da disciplina Antropologia das Religiões, [nós estudantes] tivemos que participar de algumas missas, sessões ou cultos de uma igreja ou religião, de nossa escolha, a fim de realizar um trabalho etnográfico. Nem tanto pela badalação fruto do seu bem-sucedido crescimento na década de 1990, mas principalmente pelas polêmicas envolvidas em seu relacionamento nada harmonioso com outras instituições religiosas que a IURD foi eleita como objeto de investigação para realizar este exercício etnográfico inaugural.

³ Graduação realizada, entre 2004 e 2009, na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A primeira visita à Igreja Universal do Reino de Deus foi no mínimo surpreendente; era segunda-feira, dia da semana escolhido pela IURD para realizar os cultos dedicados especialmente aos fiéis, empresários ou trabalhadores comuns, que estejam enfrentando algum tipo de dificuldade financeira. Todas as sedes da IURD, assim como grande parte das denominações neopentecostais, seguem a mesma agenda institucional de “reuniões” – como são denominados os cultos na Igreja Universal do Reino de Deus – na qual, cada dia da semana tem a sua temática específica. Neste dia, o constante apelo às questões econômicas, o discurso do pastor em defesa de um estilo de vida luxuoso e os seus insistentes pedidos de “ofertas” para as “obras de Deus” não me chocaram tanto quanto a “manifestação” de alguns “encostos”. Conforme divulga a Igreja Universal do Reino de Deus, os “encostos” são “espíritos demoníacos” cujo único propósito é atrapalhar a vida das pessoas e, segundo a própria, suas origens se encontram nos “feitiços”, “macumbas” e “trabalhos” encomendados e realizados nas chamadas “casas de encostos”⁴ ou até mesmo na relação, mesmo que indireta, com alguma dessas crenças.

Se este primeiro contato com o universo simbólico da Igreja Universal do Reino de Deus foi surpreendente, a segunda visita que ocorreu no dia seguinte, terça-feira dia da chamada “Sessão Espiritual do Descarrego”, foi ainda mais intensa. Pois, foi possível observar tanto na “pregação” do pastor quanto por parte da plateia que o assistia uma maior ênfase às “manifestações dos encostos” e uma demanda ainda maior aos serviços religiosos, muitos dos quais de natureza com características mágicas, disponibilizados pela própria Igreja Universal do Reino de Deus.

O descobrimento deste peculiar universo simbólico, curiosamente desenvolvido no interior de uma denominação religiosa de matriz protestante, coincidiu com a leitura da obra *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber* de Antônio Flávio Pierucci. Neste livro, Pierucci afirma que a categoria analítica *desencantamento do mundo*, uma exclusividade terminológica da teoria sociológica de Max Weber, é complexa e abrangente principalmente em relação aos

⁴ Maneira como os pastores da IURD se referem aos espaços onde são praticadas as religiões que creem na incorporação de entidades espirituais; em especial, aos terreiros de umbanda e candomblé.

distintos significados que esta assume ao longo de toda a sociologia weberiana. No entanto, o autor brasileiro defende a tese de que na obra-prima de Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, este conceito é empregado em dois principais e distintos significados: um próximo à noção de *desmagificação* enquanto o outro está relacionado à *perda de sentido*. Porém, o primeiro significado ocorreria de modo mais recorrente nesta obra, pois para Pierucci (2003) a categoria analítica *desencantamento do mundo* em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* relaciona-se estritamente à peculiar racionalização ética e religiosa ocidental caracterizada pela crescente eliminação da magia como meio de salvação da alma; um grandioso e longo processo histórico de eliminação da magia como prática religiosa.

Tendo como referência inúmeras práticas e alguns rituais presenciados durante as visitas à Igreja Univesal do Reino de Deus, em especial na “Sessão Espiritual do Descarrego”, comecei a questionar [guardadas as devidas precauções] sobre até que ponto e de que maneira o conceito *desencantamento do mundo* – fenômeno característico da religiosidade moderna ocidental – poderia ser utilizado para pensar o cenário religioso brasileiro e localizar a Igreja Universal do Reino de Deus na corrente protestante. Tanto esta reflexão quanto a curiosidade por encontrar algumas respostas a estes questionamentos influenciaram diretamente e marcaram a minha iniciação como pesquisador nas ciências sociais, o fruto desta investigação foi um trabalho concluído em 2009 e intitulado: *“Tá Amarrado!”: magia e religião na Igreja Universal do Reino de Deus*⁵.

Apesar de terem propostas com naturezas totalmente distintas entre si, a dissertação que aqui se inicia é consequência imediata da pesquisa que a antecedeu. Uma vez que, o desdobramento da investigação original acabou revelando questionamentos e possibilidades de análise que serviram de inspiração a este trabalho. Contudo, antes de iniciar, de fato, esta investigação seria muito produtivo indicar a maneira como foi contruído o seu objeto de estudo e o ponto de partida da sua abordagem.

⁵ Trabalho apresentado como monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob a orientação do Prof. Dr. Dimas Floriani, em 2009.

Não seria engano afirmar que a trajetória desta pesquisa tem a sua origem na proposta em compartilhar ou, ao menos, realizar uma leitura da religião tendo como referência o seguinte postulado de Peter Berger, presente em sua obra *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*:

A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. [...] A religião é definida aqui como um empreendimento humano porque é assim que ela se manifesta como fenômeno empírico. No âmbito dessa definição, a questão de se saber se a religião pode também ser algo mais que isso é omitida como, é claro, deve-se fazer em qualquer tentativa de compreensão científica (BERGER, 1985, p.38).

Peter Berger, caracteriza este postulado sobre a religião tendo como finalidade compreender a interação entre a objetividade institucional e a consciência subjetiva individual na vida cotidiana. Desta maneira, este autor desenvolve uma reflexão sobre a importância da religião na manutenção do mundo ou na chamada tarefa religiosa de manter a realidade. E, em relação a este aspecto, assim, Berger (1985) o define:

Este aspecto se refere aos pré-requisitos socioestruturais de qualquer processo religioso (ou, no que diz respeito ao assunto, qualquer outro) de manutenção da realidade. É o que se pode formular do seguinte modo: os mundos são construídos socialmente e mantidos socialmente. Sua realidade perdurável, quer objetiva (como facticidade comum, aceita como óbvia) quer subjetiva (como a facticidade impondo-se à consciência individual), depende de processos sociais *específicos*, a saber, aqueles processos que permanentemente reconstroem e mantêm os mundos particulares em apreço. Reciprocamente, a interrupção desses processos sociais ameaça a realidade (objetiva e subjetiva) dos mundo sem apreço. Cada mundo requer, deste modo, uma “base” social para continuar a sua existência como um mundo que é real para os homens reais. Essa “base” pode ser denominada a sua estrutura de plausibilidade (BERGER, 1985, p. 58).

Portanto, tendo como referência a premissa *bergerniana* de que as religiões se referem a um empreendimento humano e conseqüentemente, como tal, são mantidas socialmente, a proposta desta dissertação tem como ponto de partida as seguintes reflexões: De que maneira o chamado “reino de Deus” iurdiano é construído e legitimado, tanto objetiva quanto subjetivamente? E, qual é a base social ou a estrutura de *plausibilidade* de sustentação que encontramos na Igreja Universal do Reino de Deus?

Para iluminar alguns dos caminhos que nos levem às possíveis respostas destes questionamentos, nesta investigação optou-se por adotar a “Sessão Espiritual do Descarrego” como um evento simbólico privilegiado tanto para possibilitar a identificação da visão de mundo da Igreja Universal do Reino de Deus quando para compreender parte de seu extenso universo simbólico, pontos que estarão presentes por toda a extensão desta dissertação.

Além de uma introdução, as reflexões propostas por esta pesquisa foram aprofundadas ao longo dos três capítulos que dão forma a este trabalho, incluindo um desfecho desenvolvido em suas considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado “O Pentecostalismo Brasileiro”, se teve a preocupação em realizar um breve levantamento histórico do surgimento e do desenvolvimento das principais denominações pentecostais em território nacional. Visando tal finalidade utilizou-se a tipologia do fenômeno pentecostal brasileiro realizada por Ricardo Mariano, em *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, e a sua expressão *neopentecostalismo* para localizar e caracterizar a Igreja Universal do Reino de Deus dentro deste movimento religioso de matriz protestante.

É no capítulo seguinte “Batalha Espiritual: conflitos e trocas simbólicas” que se inicia a reflexão sobre a importância da visão de mundo defendida pela Igreja Universal do Reino de Deus, e fundamentada na sua Batalha Espiritual, em fomentar a sua postura beligerante perante suas concorrentes diretas no mercado religioso brasileiro, que além do conflito compartilham entre si diversas trocas simbólicas. E, é com estas informações que se desenvolverá, ainda neste capítulo, a construção de uma narrativa sobre a “Sessão Espiritual do Descarrego”.

“A IURD e a Teatralização da sua Batalha Espiritual” se refere ao terceiro, e último, capítulo desta dissertação que se detém sobre o desenvolvimento de uma análise um pouco mais aprofundada das principais estratégias que circundam a

política proselitista da Igreja Universal do Reino de Deus. Visando esta finalidade, adota-se como referência os exorcismos praticados em seu interior que serão interpretados a partir de uma descrição densa do “ritual de libertação” iurdiano, dividido em três principais momentos: “a manifestação”, “o interrogatório” e a “expulsão do encosto”.

Após esta rápida pincelada sobre os principais pontos a serem desenvolvidos neste trabalho, o iniciamos realizando um levantamento histórico do pentecostalismo em nosso país e construindo um sucinto relato sobre o desenvolvimento histórico-institucional do seu objeto de pesquisa: a Igreja Universal do Reino de Deus – denominação símbolo do movimento neopentecostal brasileiro.

CAPÍTULO 1 – O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

1.1. O Fenômeno Pentecostal no Brasil

O pentecostalismo desenvolvido, atualmente, no Brasil é descendente dos movimentos religiosos que se originaram ao norte do continente americano e bem no início do século XX. Em território brasileiro, apesar de presente anteriormente, a sua expansão ocorreu a partir da década de 1950 impulsionada principalmente pela utilização de emissoras de rádio e posteriormente de canais de televisão para divulgar suas doutrinas.

Esta fase que abrange a vinda dos primeiros líderes estrangeiros em missões pentecostais e a consolidação de suas crenças em nosso país ficou marcada pela acentuada ênfase de suas distinções em relação ao catolicismo e pelas divergências internas, que insustentáveis, derivaram no surgimento de distintas denominações. Ricardo Mariano – em *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* – realiza uma bem-sucedida tipologia histórico-institucional das formações pentecostais desenvolvidas em solo brasileiro, classificando-as em três principais tendências: o pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e o neopentecostalismo. E, é seguindo esta tipologia que se tentará realizar, neste momento, um sucinto retrato do fenômeno denominado pentecostalismo brasileiro.

Segundo Mariano (2005), o desenvolvimento do pentecostalismo clássico é datado entre 1910 e 1950 a partir da inauguração, por missionários estrangeiros, das chamadas “igrejas pioneiras” como: a Congregação Cristã no Brasil (São Paulo/SP, 1910) e Assembleia de Deus (Belém/PA, 1911), e suas respectivas expansões pelo território nacional. As denominações fundadas neste período são caracterizadas pela áspera oposição e crítica ao catolicismo, pela glossolalia ou dom de línguas como batismo do Espírito Santo, por um sectarismo radical e conduta ascética de rejeição do mundo; além de terem sofrido forte discriminação por parte de algumas igrejas protestantes históricas que aqui já se encontravam.

Enquanto que, o deuteropentecostalismo teve seu início com a vinda de missionários norte-americanos que fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo/SP, 1953), caracterizada por uma postura menos sectária que as denominações da vertente anterior, porém conservando a sua sustentação pentecostal. Esta tendência trouxe para o Brasil o chamado “evangelismo de massa” que, neste caso, foi baseado na mensagem da cura divina, no uso de emissoras de rádio e do evangelismo itinerante para difundir-se e atrair novos fiéis. É neste contexto que surgem, também: a igreja Brasil para Cristo (São Paulo/SP, 1955), Deus é Amor (São Paulo/SP, 1962), Casa da Benção (Belo Horizonte/MG, 1964), entre outras de menor porte. Foi neste período que houve o crescimento da abrangência do pentecostalismo no país, graças principalmente à mensagem do dom de cura divina difundida via ondas de rádio e pelas estratégias proselitistas – como pregações em praças públicas, ginásios e estádios de futebol, cinemas, teatros e até à sombra de lonas de circo improvisadas – utilizadas, principalmente, pela Igreja do Evangelho Quadrangular para difundir-se e aproximar seus líderes ao cotidiano da população brasileira.

Contudo, acompanhando Mariano (2005), foi somente a partir dos anos 1970 com o surgimento de igrejas fundadas pelos “novos líderes” – em sua maioria, brasileiros com formação em denominações pertencentes ao deuteropentecostalismo – que o movimento pentecostal passou por profundas transformações e alcançou um importante espaço de destaque em nosso cenário religioso, chegando até a incomodar a histórica hegemonia católica. Durante este período surgiram várias denominações que deram origem ao chamado neopentecostalismo brasileiro, entre as principais, estão: a Igreja Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro/RJ, 1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro, 1980), Igreja Evangélica Cristo Vive (Rio de Janeiro/RJ, 1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiânia/GO, 1976) e Igreja Apostólica Renascer em Cristo (São Paulo/SP, 1986). Semelhante ao desenvolvimento histórico de todo o movimento pentecostal no Brasil, o neopentecostalismo é marcado profundamente por inúmeras cisões que acarretaram no surgimento de novas denominações, merece destaque a Igreja Internacional da Graça de Deus fundada pelo missionário Romildo Ribeiro Soares e, mais recentemente, o caso da Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada – ao final da década de 1990 em Sorocaba, cidade localizada no

interior do estado de São Paulo – pelo apóstolo Valdemiro Santiago que fora, até então, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus.

Esta vertente evangélica denominada neopentecostalismo é caracterizada por uma postura demasiadamente liberal em relação às tendências que a antecederam, pois permite de maneira antes nunca observada a acomodação do cristão no mundo mundano, valorizando e até servindo de legitimação para o seu sucesso nas atividades seculares. Esta conduta nem um pouco ascética, apresenta poucos traços do pentecostalismo tradicional e acaba por desconstruir o estereótipo da figura clássica do crente-evangélico, edificada sobre costumes e usos rígidos de negação dos prazeres provindos do mundo material. Além destas distinções, as denominações neopentecostais, em sua maioria originárias de cisões, não fazem questão de reivindicar uma ligação histórica com as vertentes e instituições anteriores. Portanto, enquanto a corrente clássica mantém uma postura mais tradicional, o proselitismo neopentecostal acompanha as atuais tendências de gestão e expansão empresarial investindo fortemente em modernas estratégias de *marketing*, incluindo o uso intenso da mídia eletrônica, e até a participação direta e ativa na política partidária para garantir, em outras instâncias, os seus interesses que também acabam por ultrapassar a fronteira do estritamente religioso. Trata-se de uma dinâmica de desenvolvimento que em muito contribui para a consolidação de um regime da concorrência religiosa fundamentada na noção “*mercado de bens simbólicos*” de Peter Berger em *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*.

Dentre as vertentes pentecostais desenvolvidas no Brasil o neopentecostalismo é o principal destaque, pois com apenas algumas décadas de existência alcançou um importante espaço em nosso cenário religioso chegando a preocupar a histórica hegemonia do predomínio católico; consolidada há algum tempo em território nacional, a fórmula de sucesso de algumas igrejas neopentecostais brasileiras agora está sendo exportada para outros países e até continentes.

Entre as inúmeras denominações do movimento neopentecostal brasileiro, a Igreja Universal do Reino de Deus é a que melhor representa [ou ao menos, é a

mais utilizada em pesquisas desenvolvidas nas ciências sociais para representar] esta corrente evangélica⁶.

1. 2. O Desenvolvimento da Igreja Universal do Reino de Deus

O desenvolvimento histórico da Igreja Universal do Reino de Deus, em muito, se confunde com a polêmica biografia de seu líder, fundador e bispo Edir Macedo. Edir Macedo Bezerra, nascido em 1944 e filho de migrantes nordestinos fixados no subúrbio do Rio de Janeiro, teve uma formação religiosa de orientação católica e chegou até a frequentar a Umbanda, mas logo na adolescência se converteu à Igreja Evangélica Nova Vida.

A Igreja Nova Vida – situada na vertente deuteropentecostal e fundada em 1960 pelo missionário canadense Walter Robert Maclinster, dissidente da Assembleia de Deus – não é de grande expressão no quadro evangélico nacional, porém contribuiu de maneira considerável para o surgimento das primeiras igrejas neopentecostais brasileiras. Tanto participando na formação de alguns de seus principais personagens como Miguel Ângelo (Igreja Evangélica Cristo Vive), Romildo Ribeiro Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus) e Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus) quanto antecipando alguns dos aspectos levados às últimas consequências pelo fenômeno que, posteriormente, ficaria conhecido como neopentecostalismo brasileiro, tais quais: o intenso combate à figura do diabo, valorização da prosperidade material através da contribuição financeira para a igreja e a ausência de um rigor normativo em relação à postura e o comportamento a ser seguido pelo seu fiel (Mariano, 2005, p. 51).

Romildo Ribeiro Soares e o seu cunhado Edir Macedo fizeram parte do quadro de líderes da Igreja Nova Vida até meados de 1975, quando se desligaram com a intenção de fundar, juntos, uma igreja autônoma. As primeiras pregações desta nova

⁶ Consultar a obra Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé lançada em 2003 e organizada por Ari Pedro Oro, André Corten e Jean-Pierre Dozon.

denominação ocorreram em praças do subúrbio carioca até um antigo cinema ser alugado para acomodar o crescente número de pessoas que os procuravam em busca de suas promessas de “cura”, “libertação” e “prosperidade”. Assim, em 1977, surge a Igreja Universal do Reino de Deus um empreendimento, conjuntamente, encabeçado por Romildo Ribeiro Soares e Edir Macedo. Três anos se passaram desde a sua fundação quando as divergências internas em relação aos direcionamentos da instituição se tornam insustentáveis, uma cisão foi inevitável; então, finalmente R.R. Soares se vê obrigado a romper com Edir Macedo para inaugurar a Igreja Internacional da Graça de Deus – enquanto este se fortalece assumindo o controle total da Igreja Universal do Reino de Deus (Tavarolo, 2007, p.114).

São diversos os fatores que contribuíram para o desenvolvimento da IURD desde a sua humilde fundação em 1977 até a construção de um “império” que ultrapassa, em muito, as fronteiras do território nacional e principalmente as do estritamente religioso. Para Ricardo Mariano – d’*A Igreja Universal no Brasil*, texto publicado em 2003 na coletânea *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores a fé* – não foi gratuitamente que a IURD transformou-se no maior fenômeno religioso brasileiro do final do século XX com apenas vinte anos de existência, Mariano (2003) reconhece que os aspectos socioeconômicos, culturais e políticos em que se encontrava o país muito favoreceram para o crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus, mas afirma que o seu sucesso ocorreu principalmente devido às habilidosas estratégias do bispo Edir Macedo e de seus homens de confiança em fazer o uso deste contexto histórico-social a seu favor.

Tanto que, para superar a concorrência e recrutar elevado número de seguidores, entre outros artifícios, eles [bispo Macedo e seus homens de confiança] adaptaram suas crenças e práticas mágico-religiosas – inclusive por meio de sincretismos com a religiosidade popular – aos interesses materiais e ideais das massas urbanas pobres. A efetivação de tal habilidade religiosa e mercadológica resultou igualmente na opção denominacional pelo emprego da fórmula evangelística que consiste em unir o que há de mais moderno nas áreas de propaganda e comunicação – uso de técnicas de marketing e de rádio, tevê, música, jornais, revistas, literatura, internet – a crenças e práticas religiosas “pré-modernas” ou em tensão com saberes e valores da modernidade, tais como os ritos

exorcistas, as curas divinas, as promessas de milagres e de prosperidade material. Em suma: na busca da eficácia proselitista, a [Igreja] Universal optou por dilatar e sistematizar a oferta de magia e por investir maciçamente no evangelismo eletrônico (MARIANO, 2003, p.58, grifo do autor).

A eficaz habilidade em mesclar, simultaneamente, em seu cotidiano o uso de avançadas técnicas e tecnologias de fins publicitários com diversas crenças aparentemente antagônicas ao processo de *desencantamento do mundo religioso* não se trata de uma exclusividade da Igreja Universal do Reino de Deus, porém foi tão bem aplicada por ela que parte de sua trajetória de sucesso – revelada na enorme quantidade de seguidores e de sedes espalhadas pelo mundo – deve-se a esta competência. Uma estratégia mercadológica bem sucedida de expansão religiosa ou uma bem sucedida estratégia religiosa de expansão mercadológica sustentada na difusão de uma mensagem consonante ao estilo de vida da sociedade de consumo cujo discurso fundamental tem a promessa em atender as demandas mundanas e imediatistas de seus fiéis.

Esta elementar preocupação da Igreja Universal do Reino de Deus em divulgar uma mensagem religiosa baseada na promessa de soluções “milagrosas” e quase instantâneas aos apelos seculares de seus fiéis é evidenciada nas distintas especificidades de seus cultos distribuídos ao longo de sua programação semanal de “reuniões”. Também, é importante ressaltar que os templos iurdianos espalhados por todo o território nacional seguem esta mesma agenda, na qual cada dia da semana é dedicado a um culto com finalidade específica. Por isso eleger a “Sessão do Descarrego” como um evento privilegiado para estudar a IURD permite apenas um dos inúmeros acessos às suas práticas e símbolos, pois cada uma de suas “reuniões” tem a sua finalidade e conseqüentemente a sua dinâmica particular de operar com o sagrado.

A programação semanal de cultos que toda e qualquer sede da Igreja Universal do Reino de Deus segue é constituída por diversas “reuniões” diárias em que cada dia da semana tem a sua temática específica. Geralmente são realizados, dependendo de cada sede, entre três e cinco encontros que são distribuídos ao longo de todo o dia – a primeira “reunião” é realizada às sete horas da manhã enquanto a última normalmente se inicia às dezenove horas. Para melhor

compreender esta programação semanal dos cultos iurdianos, segue abaixo a programação de suas “reuniões” e a descrição utilizada pela própria IURD para divulgar aos fiéis em potencial as suas atividades⁷.

PROGRAMAÇÃO SEMANAL DOS CULTOS IURDIANOS

Dia da Semana: Segunda-feira.

Culto: “Reunião da Prosperidade” ou “Nação dos 318”

Descrição: “Desemprego, falência e instabilidade financeira têm sido umas das principais causas do desespero de muitos brasileiros. Além disso, diversas pessoas em todo o mundo, neste exato momento, pensam em suicídio devido à quebra ou falência dos negócios. Talvez essa também seja a sua realidade. Se for, não se desespere, pois mesmo que o problema pareça impossível, ele tem solução. Se as dívidas fugiram do seu controle e, mesmo recorrendo às linhas de crédito, você vive no vermelho, é hora de dar uma virada em sua vida econômica. Participe da "Nação dos 318", na Igreja Universal do Reino de Deus. Esta reunião acontece às segundas-feiras, e milhares de pessoas têm superado a crise financeira e testemunhado o sucesso econômico por meio do poder de Deus. Bispos e pastores, fundamentados nas Sagradas Escrituras, ensinam, a cada reunião, o segredo desta conquista. Se você deseja reerguer seus negócios, conquistar o emprego dos sonhos, montar sua empresa ou sair definitivamente do vermelho, venha fazer parte desta grande nação de vencedores”.

O encontro realizado toda segunda-feira é denominado “Nação dos 318” e também conhecido como “Reunião da Prosperidade”. Este dia é voltado para todas as pessoas que estão enfrentando alguma dificuldade financeira seja o trabalhador ou empresário endividado ou mesmo uma pessoa sofrendo pela falta de emprego, a

⁷ A programação das “reuniões” semanais realizadas pela IURD é muito divulgada pela própria em seus diversos meios e formatos publicitários e está disponível em seu site institucional: <http://www.arcauniversal.com/institucional/reunioes-seg.html> (acesso em 29/04/2013).

sua principal finalidade é solucionar, através do poder da fé, o desemprego, a falência, a instabilidade econômica e garantir a realização profissional e o sucesso financeiro de seu fiel. O último culto de segunda-feira é conhecido como “Congresso Empresarial” e é voltado exclusivamente aos empresários e empreendedores que estejam enfrentando dificuldades nos negócios e desejam alcançar o “segredo da conquista” e fazer parte da “nação de vencedores”.

Dia da Semana: Terça-feira.

Culto: “Sessão do Descarrego” ou “Sessão de Limpeza Espiritual”

Descrição: “Cada vez mais pessoas têm sido atormentadas com problemas de ordem espiritual. Visão de vultos, audição de vozes, doenças que os médicos não descobrem a causa, insônia, vícios e inveja, além de depressão e estresse, são males que tiram a paz de muita gente na atualidade e vêm fazendo muitas vítimas. O pior é que tudo isso está mais próximo de nós do que podemos imaginar. Um filho, os pais, um irmão e até mesmo crianças não estão imunes a perturbações deste tipo. Se você está passando por situação semelhante ou conhece alguém que esteja – talvez um familiar ou um amigo atormentado – saiba que Deus tem o poder de dar um fim a este sofrimento. A “Sessão de Limpeza Espiritual”, que acontece às terças-feiras na Igreja Universal do Reino de Deus, foi criada com o objetivo de fazer as vítimas do mal lutarem contra essas forças. Nestas reuniões, são feitas orações fortes para a quebra da maldição e, com isso, milagres ocorrem constantemente a cada encontro”.

Dia da Semana: Quarta-feira.

Culto: “Reunião dos Filhos de Deus”.

Descrição: “Para estar alicerçado na presença de Deus, é importante buscar a cada dia o fortalecimento espiritual. Ouvir mensagens de fé, pautadas nas Sagradas Escrituras, é uma forma importante de estabelecer uma vida espiritual completa. Por isso, você que almeja a salvação da alma, deve participar da “Reunião dos Filhos de Deus” todas as quartas-feiras. O encontro é a oportunidade que os filhos de Deus têm de conquistar uma vida plena e, o mais importante, resistir firmemente às

tentações que o mal apresenta. Nas reuniões, são realizadas orações de fortalecimento, consolo, além da busca ao Espírito Santo. Cansado de buscar ajuda no homem e só se decepcionar? Está descrente em relação à felicidade? Ou tentando preencher o vazio que insiste em ficar no seu coração? Essa é a sua reunião!”.

Dia da Semana: Quinta-feira.

Culto: “Terapia do Amor”.

Descrição: “A "Terapia do Amor" é voltada para as questões sentimentais. Pessoas que estão em busca de uma vida amorosa bem-sucedida não devem deixar de participar. A escolha amorosa adequada nem sempre depende exclusivamente da pessoa. É por esse motivo que nas reuniões, com base nas Sagradas Escrituras, bispos e pastores ensinam que, para uma vida sentimental harmoniosa, é necessário estruturar primeiramente uma aliança com Deus, pois essa é a base para a felicidade plena. O encontro é importante para os casados, para os que possuem um relacionamento e para os solteiros que estão em busca da sua outra metade. No entanto, a "Terapia do Amor" não se restringe apenas a uma reunião para quem busca a sua alma gêmea. Ela também ajuda homens e mulheres a superar mágoas e traumas do passado - sentimentos tais que podem prejudicar qualquer relação. Os testemunhos de vidas transformadas são cada vez mais frequentes. Milhares de pessoas têm comprovado o poder de Deus em suas vidas, por isso, participe você também!”.

Dia da Semana: Sexta-feira.

Culto: “Reunião da Libertação” ou “Desafio da Cruz”

Descrição: “Engana-se quem pensa que forças malignas não existem. E é com este propósito que o mal trabalha, fazendo com que as pessoas não acreditem em sua existência. Se você vem sendo vítima de forças opressoras, que lhe têm levado ao desespero; se por conta de problemas, você já chegou a pensar em dar cabo da própria vida; ou se a paz de espírito que você tanto almeja parece cada vez mais distante, participe de uma "Reunião de Libertação", às sextas-feiras. Os problemas

espirituais devem ser combatidos por meio da fé sobrenatural. É isso o que bispos e pastores têm ensinado aos participantes, que testemunham a transformação de vida a cada reunião”.

Dia da Semana: Sábado.

Culto: “Reunião dos Impossíveis” ou “Jejum das Causas Impossíveis”.

Descrição: “Muitos são os problemas que, aos olhos humanos, parecem impossíveis de resolver, no entanto, podem ser solucionados por meio do sacrifício, jejum e oração. É isso o que mostra a Palavra de Deus, quando diz: “Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum” (Marcos 9.9). Para que essa promessa se cumpra, a Igreja Universal do Reino de Deus realiza a “Reunião dos Impossíveis”, todos os sábados. Bispos e pastores, pautados na Bíblia, orientam sobre a maneira correta de alcançar a vitória. Se você tem uma causa que considere improvável de se resolver; um objetivo que parece ser inalcançável ou um problema praticamente sem solução, participe desses encontros e veja o impossível acontecer em sua vida”.

Dia da Semana: Domingo.

Culto: “Encontro com Deus” ou “Reunião da Família na busca pelo Espírito Santo de Deus”.

Descrição: “O que fazer para alcançar a felicidade? Como deixar as marcas deixadas pelo sofrimento e encontrar de vez a paz interior? A “Reunião do Encontro com Deus”, que acontece todo domingo, é voltada para esse fim. Se você é uma pessoa nervosa, depressiva, angustiada e deseja alcançar uma mudança de vida, dê um passo rumo à felicidade plena. Nessas reuniões, milhares de pessoas testemunham uma transformação de vida. Isso porque este dia é exclusivo para o fortalecimento espiritual. Saiba que o Senhor Jesus tem poder para lhe dar a paz tão desejada. Tenha uma vida pautada na Palavra de Deus e mude a história da sua vida”.

Já para Ronaldo de Almeida – em *A Igreja Universal e seus Demônios: um estudo etnográfico* – a difusão da IURD entre as diferentes camadas e segmentos de nossa sociedade deve-se muito pela sua presença em espaços e atividades tradicionalmente não almejados pelas instituições religiosas brasileiras, mas principalmente pelo fato de sua mensagem ter sido arquitetada segundo os apelos cotidianos de seus fiéis sobre o tripé “cura, exorcismo e prosperidade financeira⁸”.

Do ponto de vista mais doutrinário, a Igreja Universal também demarca algumas diferenças. Em primeiro lugar, a cura. Tanto as igrejas pentecostais quanto a versão católica do pentecostalismo, a Renovação Carismática, prometem a cura do corpo. Mas a Igreja Universal, em pregação ostensiva, promete desde a cura da dor de cabeça, da depressão, do desmaio, do nervosismo – em suma, dos infortúnios que atingem o cotidiano de qualquer pessoa – até a cura da doença mais estigmatizada nas últimas décadas, a AIDS. De forma mágica, pelo contato com “óleos santos”, “sal abençoado”, “roupas ungidas”, a cura é prometida a todos os que têm fé. Portanto, é no mínimo insuficiente o argumento de que as pessoas procuram a igreja simplesmente por não terem à sua disposição serviços de saúde oferecidos pelo Estado. A Igreja Universal promete mais do que o Estado e a medicina podem proporcionar. A cura milagrosa da AIDS, a cura do câncer sem sofrimento e a cura de outros males são respostas oferecidas à aflição do fiel diante da dor e da morte. Tudo isso é alardeado de forma espetacular nos jornais, templos, rádios, televisão. Com tamanha divulgação, essas promessas fazem dos cultos destinados à cura um dos mais frequentados. [...] Em segundo lugar, assim como a Igreja Universal, quase todos os pentecostais praticam de alguma maneira o exorcismo. Mas nela o exorcismo tornou-se peça central da dinâmica dos cultos, na medida em que os males da vida encontram a sua origem no Satanás e seus demônios. O desemprego, a miséria, a crise familiar – novamente, os problemas que afligem o cotidiano das pessoas, principalmente das camadas mais desfavorecidas da população – são quase sempre de origem maligna. Além disso, segundo sua interpretação, o diabo é o ser cultuado por outras religiosidades, mais especificamente pelas

⁸ Termo que Almeida (1996) empresta de BITTENCOURT, José Filho. “Remédio Amargo”. In: *As alternativas dos desesperados: como se pode ler o pentecostalismo autônomo*. Rio de Janeiro: CEDI, 1991.

afro-brasileiras. O desemprego, por exemplo, não é resultado de uma estrutura social injusta, como afirmaria a Teologia da Libertação, e sim da possessão de alguma entidade, no caso os exus Tranca-Rua e Sete-encruzilhadas – assim prega o bispo Macedo, autor do livro *Libertação da Teologia*. Dessa maneira, dado que a Igreja Universal estrutura seu discurso na oferta de soluções dos problemas e faz do combate a outras religiões um de seus grandes propósitos, o diabo torna-se, talvez mais que Deus, o elemento fundamental para compreendê-la. [...] Por fim, protestantes, pentecostais e até mesmo católicos têm a doação do dízimo como um ensinamento bíblico (Malaquias 3:10-12), muito embora exista uma variação no compromisso de seus respectivos fiéis na obediência a esse mandamento. Na Igreja Universal e nas denominações neopentecostais, o dízimo é o limite mínimo de doação exigido por Deus para a prosperidade financeira. Por meio dos votos e ofertas especiais, a quantia oferecida pelos fiéis acaba vários casos extrapolando em muito os 10% (Mariano, 1995). Mas o grande diferencial não está só na porcentagem da renda doada, e sim no discurso religioso que sustenta tal prática. O dízimo não é visto como sinal de gratidão pelo que foi proporcionado por Deus, como pregam algumas igrejas, mas é um investimento na obra divina do qual o fiel espera o retorno de bons rendimentos. Diga-se de passagem: se os pastores fazem do dízimo uma relação mercantilizada com o seu deus, é importante ressaltar que os fiéis – pastores e obreiros em potencial – são cientes dos termos dessa relação e procuram a igreja, entre outras coisas, com o propósito de prosperar na vida. Longe do trabalho “vocacionado”, como ensinou Lutero, e distante da doutrina em que a riqueza era sinal da condição de predestinado, como pregou Calvino (Weber, 1987), a Igreja Universal proclama uma relação com Deus baseada na certeza de um bom investimento. (ALMEIDA, 2009, pp. 131-133).

Importante ressaltar que a figura do diabo assume um papel de extrema relevância na mensagem iurdiana estruturada sobre a máxima “cura-exorcismo-prosperidade financeira” não somente por ser apontada pela própria IURD como a origem dos problemas que afligem o cotidiano das pessoas nos mais diferentes aspectos de sua vida, mas por se tratar do elemento fundamental que permite a articulação entre os três aspectos que compõem esta mensagem religiosa.

A crença da cura do corpo através da fé está presente nos diferentes credos, contudo para a Igreja Universal do Reino de Deus toda e qualquer doença tem a sua

origem na figura do diabo, e conseqüentemente não há doença que não seja curável pela força divina – inclusive as consideradas incuráveis para a medicina moderna. Já o exorcismo está presente em toda a corrente pentecostal, porém na IURD são tão enfatizados que em muitos dos seus cultos são a principal atração, pois para a IURD todos os males que afligem a vida das pessoas – como doenças, problemas de relação familiar ou dificuldades afetivas, desemprego, problemas financeiros – são em sua maioria de origem demoníaca (os chamados “encostos”), logo a ferrenha necessidade de “exorcizá-los” da vida destas pessoas. É neste contexto construído e amplamente difundido pela Igreja Universal do Reino de Deus que a imagem abstrata ou a ideia de um diabo acaba por se concretizar. Contudo se materializa, essencialmente, travestido por entidades divinas cultuadas por outras crenças, em especial pela umbanda e pelo candomblé. Essas entidades ou forças, segundo a IURD, não passam de “falsas divindades” e isto, em muitos casos, justifica o seu discurso caracterizado pelo estilo combativo e diretamente agressivo contra estas religiões.

Assim, tanto a possibilidade de “cura”, “libertação” e da “prosperidade material” do fiel iurdiano depende quase que exclusivamente de sua luta incansável contra as forças demoníacas, mas também de seu compromisso firmado através de sua fé e traduzido na entrega do dízimo, das “ofertas” e “sacrifícios” que representam um “investimento na obra de Deus” da qual se espera o retorno de bons rendimentos. Esta mensagem religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus edificada sobre o tripé “cura, exorcismo e prosperidade financeira” pode ser representada significativamente por duas de suas principais características: a chamada “Batalha Espiritual” e sua “Teologia da Prosperidade”.

1.3. A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus

Surge nos EUA da década de 1940 uma nova tendência religiosa cuja proposta principal é a possibilidade da prosperidade financeira através do poder da fé. No entanto, foi somente com o sucesso de grupos evangélicos carismáticos norte-americanos, a partir da segunda metade do século XX, que esta alcançou grande

visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs. Doutrina que no Brasil ficou conhecida como “Teologia da Prosperidade”, uma reinterpretação do Evangelho que não somente legitimou – ao transferir as realizações das promessas divinas para “este mundo” – um estilo de vida religioso alternativo à tradição cristã do desapego aos valores materiais, mas possibilitou a inserção de igrejas historicamente ligadas ao movimento pentecostal à lógica da sociedade de consumo (Mariano, 2005, p. 151).

Como mencionado anteriormente, o surgimento e o desenvolvimento do protestantismo em território brasileiro esteve desde sua origem sobre forte influência estrangeira, em especial a mensagem pentecostal que foi produto direto dos movimentos carismáticos norte-americanos que trouxeram também para o Brasil ao final dos anos 1970 este “Novo Evangelho” chamado, aqui, de Teologia da Prosperidade. No Brasil, esta doutrina foi adotada pelas denominações pentecostais, mas principalmente pelas neopentecostais, de maneira bem heterogênea, pois cada denominação acabou por abordar e enfatizar alguns de seus aspectos separadamente.

No caso da Igreja Universal do Reino de Deus defende-se não somente a possibilidade da prosperidade financeira, mas também a cura de doenças através da fé. Para a IURD, assim como a maioria das denominações pentecostais, o mundo material e o plano espiritual estão diretamente ligados, ou seja, o primeiro é complementar ao segundo. Assim, a sua Teologia da Prosperidade é respaldada pelo pressuposto de que a riqueza material e a boa saúde são provas da fé do fiel e a comprovação de que Deus está “operando” em sua vida. A IURD segue também a lógica cristã na qual é importante praticar certos atos para receber as “bençãos de Deus”, mas não estamos falando sobre a ideia de caridade. Pois para a Igreja Universal do Reino de Deus é imprescindível se sacrificar para ser “abençoado por Deus”, assim, na IURD a noção de caridade cristã dá lugar para as chamadas “ofertas” e “sacrifícios” e desta maneira seus fiéis são instruídos a se aproximarem e estabelecer relações com Deus, quase que exclusivamente, através destas “obrigações”. Para a IURD essas demonstrações de fé são garantias e a certeza de que as orações e seus pedidos serão atendidos, por isso seus fiéis evocam e até

parecem tentar “coagir”⁹ Deus através destas chamadas “obrigações”, “exigindo, decretando e até determinando” para si tudo de bom e do melhor, ainda neste mundo.

O sacrifício inclui o ato de renunciar voluntariamente a alguma coisa, em troca de outra muito mais valiosa. É a menor distância entre querer e o realizar e inclui a troca. Muitos que se dizem cristãos ou religiosos evitam falar desse assunto, mas a grande verdade é que na relação entre o ser humano e Deus está sempre presente o dar e o receber. Todas as conquistas da vida têm o preço do sacrifício. Tudo tem o seu preço. Se o objetivo que eu quero alcançar é muito alto, então alto também será o preço do sacrifício que terei de pagar. Quanto maior é a conquista, maior também será o sacrifício para consegui-la (MACEDO, 1997, pp. 45-46).

Inúmeros são os deveres de seus fiéis para poderem “cobrar seus direitos” perante Deus, entre os principais se encontram as chamadas “ofertas” e “sacrifícios”. Segundo a Igreja Universal do Reino de Deus estas são ações que servem como meio para o indivíduo se aproximar de Deus, seria uma demonstração da fé por parte do fiel e a materialização de um “contrato firmado com Deus”.

A oferta é o instrumento pelo qual o ser humano se aproxima de Deus. Essa aproximação é desejada pelo Pai, que instituiu a oferta do sacrifício. O Senhor Jesus é a Oferta do Deus-Pai para a salvação da humanidade; portanto, a oferta perfeita, ao mesmo tempo em que é a porta de acesso à Sua santa presença. Isso mesmo! Se Jesus é a oferta perfeita, isso significa que todas as ofertas são representações d’Ele. A oferta representa o Senhor Jesus! Por isso, ela não pode ser imperfeita. Se a oferta de Deus para a humanidade é perfeita, então toda oferta que se oferece a Deus tem de ser também perfeita, a fim de poder representar coerentemente o Seu Filho Jesus. Caso contrário, não é aceita e, conseqüentemente, não produz os resultados que deveria. (MACEDO, 1997, p.15).

⁹ Os verbos “exigir”, “decretar” e “determinar” são utilizados nos discursos dos pastores e constantemente repetidos nas orações proferidas coletivamente nas “reuniões” da IURD.

A Teologia da Prosperidade se refere a uma mensagem em sintonia a lógica da sociedade de consumo e serve como justificativa de um estilo de vida fundamentado na crença de que o cristão tem direito ainda “neste mundo” de ser feliz, isto é, o fiel tem o direito “a tudo do bom e do melhor” e deve ser próspero em seus empreendimentos seculares. A expressão “neste mundo” é um elemento chave para compreender a Igreja Universal do Reino de Deus, pois o principal discurso iurdiano – traduzido na frase “Pare de SOFRER!” presente em todos os seus formatos de publicidade – traz a promessa de atender e solucionar todos os problemas imediatistas de seus fiéis, e é a partir dele que se desenvolvem boa parte de suas doutrinas e experiências religiosas.

1.4. A Batalha Espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus

A chamada “Batalha Espiritual” fundamenta-se em responsabilizar a figura do diabo por todos os males e infortúnios que acontecem na Terra, característica muito presente nas denominações da corrente pentecostal como um todo. Na Igreja Universal do Reino de Deus esta ideia é extremamente enfatizada através da crença de que tudo que se passa no plano material é reflexo do que ocorre no mundo celestial. Assim, se acredita ser o mundo secular produto direto da disputa travada entre as forças divinas e demoníacas no plano espiritual, sendo os humanos, conscientes ou não, figuras importantes neste tenso cenário de disputas.

Além de dar grande destaque em suas pregações aos males realizados pela figura do diabo, o discurso predominante nos cultos iurdianos – assim como em algumas religiões cristãs – desconstrói os deuses e entidades consideradas divinas por outras crenças “transformando-os” em elementos malignos. Para a IURD, o poder demoníaco age neste mundo através de diversas maneiras, mas principalmente travestido em divindades que assim se proclamam e são veneradas, tendo como caso exemplar no Brasil as entidades cultuadas tanto pelo Candomblé quanto pela Umbanda, por isso a ferrenha necessidade de combatê-las.

Devemos, entretanto, afirmar, de início, que eles [os demônios] existem. São espíritos sem corpos, anjos decaídos, rebeldes que atuam na humanidade, desde o princípio, com a finalidade de destruí-la e afastá-la de Deus. Esses anjos decaídos têm enganado os homens há milhares de anos. Nas religiões mais remotas, tais como o vedismo, o bramanismo e o hinduísmo (2000 A.C), já se encontraram evidências de sua existência, ora repudiadas como verdadeiros demônios, ora adorados como deuses. Tanto nas religiões hindus, egípcias ou babilônicas, quanto nas nativas da África e outras regiões, os demônios têm sido evitados e adorados. No Brasil, em seitas como vodu, macumba, quimbanda, candomblé ou umbanda, os demônios são adorados, agradados ou servidos como verdadeiros deuses. No espiritismo mais sofisticado, eles se manifestam mentindo, afirmando serem espíritos de pessoas que já morreram (médicos, poetas, escritores, pintores, sábios, etc.). Se fazem também passar por espíritos de pessoas da própria família dos que se encontram nas reuniões quando são invocados para “prestar caridade” ou receber uma “doutrina” (MACEDO, 2000, pp. 13 - 14).

A Batalha Espiritual travada pela IURD é um dos elementos fundamentais de sua estratégia de expansão proselitista e é sustentada em grande parte pela sua atitude em “*demonizar o outro*”. Ou seja, trata-se de um discurso construído e amplamente divulgado pela Igreja Universal do Reino de Deus que associa as divindades de diferentes crenças à imagem do diabo e conseqüentemente as transformam em suas inimigas em potencial. Característica que culminou em inúmeros casos de agressões e conflitos envolvendo membros da IURD e das mais diversas manifestações religiosas presentes no Brasil.

Enquanto os primeiros movimentos pentecostais brasileiros, ainda sobre forte influência do protestantismo histórico, construíram o seu discurso criticando quase que exclusivamente Igreja Católica, os grupos neopentecostais além de continuarem com essas duras críticas ao catolicismo assumiram uma postura de confronto direto contra os cultos de práticas mediúnicas, em especial à Umbanda e o Candomblé. Diversos processos na justiça e principalmente registros jornalísticos demonstram que a expansão pentecostal – liderada pela Igreja Universal do Reino de Deus – que o Brasil presenciou nas últimas décadas foi acompanhada pelo crescimento e pela intensificação de atitudes agressivas por parte principalmente das igrejas neopentecostais contra as demais religiões que compõem o quadro religioso

brasileiro, mas em especial as de matrizes africanas¹⁰. Esta postura hostil, como bem destacou Vagner Gonçalves da Silva (2007), provavelmente está relacionada a diversos fatores como:

[...] a disputa por adeptos de uma mesma origem socioeconômica, o tipo de cruzada proselitista adotada pelas igrejas neopentecostais [...] e, do ponto de vista do sistema simbólico, o papel que as entidades afro-brasileiras e suas práticas desempenham na estrutura ritual dessas igrejas como afirmação de uma cosmologia maniqueísta (SILVA 2007, pp. 9-10, grifos do autor).

Já na década de 1980, tanto pela cosmologia maniqueísta quanto pelo tipo de cruzada proselitista praticada pelas igrejas neopentecostais brasileiras, não era raro a ocorrência de incidentes envolvendo agressões por parte de grupos evangélicos contra símbolos e membros de diferentes manifestações religiosas. Estes casos de intolerância religiosa, expressões extremas do proselitismo exclusivista defendido por grande parte do movimento neopentecostal, foram retratados como capítulos de uma “Guerra Santa”. Expressão criada pela própria imprensa para designar a violenta estratégia neopentecostal de expansão caracterizada pelas duras críticas ao catolicismo e principalmente pelo tratamento crescentemente hostil em relação às manifestações religiosas brasileiras de matrizes africanas. Os evangélicos, de forma geral, já associavam as entidades da umbanda e os deuses do candomblé aos “demônios”; no entanto, o conjunto evangélico neopentecostal liderado pela Igreja Universal do Reino de Deus começou a enxergá-los como responsáveis por todos os males e sofrimentos presentes “neste mundo”. Assim, o combate à “macumba”, aos “exus”, “guias”, “preto-velhos” e “orixás” tornou-se um de seus principais pilares doutrinários (Mariano, 1999, p. 115).

Com a eclosão de conflitos, ataques e agressões entre membros dessas religiões, o fenômeno, embora de proporção e gravidade infinitamente

¹⁰ O livro de Mariano (2005) e o texto de SILVA (2007) apresentam diversas dessas fontes.

menores comparados (se é que se pode comparar) à guerra religiosa, política, econômica e territorial travada entre árabes e judeus, protestantes e católicos na Irlanda, foi nomeado de guerra santa pela mídia brasileira (MARIANO, 2005, p. 112).

Casos de agressões supostamente fundamentados por justificativas religiosas envolvendo membros de igrejas neopentecostais foram constantes durante todo o seu período de maior expansão no país, etapa que compreendeu as décadas de 1980 e principalmente 1990. Porém foi somente em 1995 que esta chamada Guerra Santa acabou recebendo destaque por parte de toda a imprensa brasileira, grande repercussão fruto do episódio que ficou conhecido como o caso do “chute na santa”¹¹ e o seu consequente embate público e midiático entre a Rede Globo – principal e mais influente canal de televisão do Brasil – e a Rede Record, sistema de comunicação adquirido a pouco pelo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus bispo Edir Macedo.

Foi também nos cultos que se percebeu outro dos atributos dessa polêmica igreja, manifesto igualmente nos escritos de seus líderes e nos conteúdos de seus programas radiofônicos e televisivos. Trata-se da beligerância em relação a outras tradições e práticas religiosas. A expressão “guerra santa” surgira nos jornais já no final da década de 1980 para fazer referência aos ataques de certas igrejas protestantes, entre as quais a IURD, desferidos contra cultos espíritas e afro-brasileiros. Em 1995, com o “chute na santa”, voltou-se a falar em “guerra santa”. Agora, entretanto, não se tratava mais do enfrentamento entre dois segmentos minoritários do campo religioso, mas da provocação lançada por uma das mais ousadas e ameaçadoras expressões de um protestantismo em ascensão à religião historicamente constituidora e ainda majoritária do povo brasileiro. Daí um sentimento generalizado da apreensão diante da cena e das possíveis reações que geraria o “chute na santa”. O que estava em questão era a ideia de tolerância, tradicionalmente evocada para traduzir o clima predominante nas

¹¹ Giumbelli (2002) e Almeida (2007) analisam este acontecimento e suas consequências no campo religioso brasileiro, mas principalmente o papel central que a mídia assumiu neste caso em específico.

relações inter-religiosas no Brasil, ora duplamente atingida: pela agressão à santa e pelas reações que possivelmente desencadearia (GIUMBELLI, 2002, p.3).

Frente ao extenso alcance deste contexto, a orientação desta pesquisa é abordar apenas uma das diversas dimensões que formam esta chamada Guerra Santa, a proposta é realizar um recorte delimitando a IURD como agente de um discurso combativo às divindades e crenças de suas concorrentes diretas no cenário religioso brasileiro. Tendo esta finalidade restrita, porém não menos complexa, adota-se um de seus diversos cultos realizados semanalmente – a “Sessão Espiritual do Descarrego” – como um evento simbólico privilegiado para observar e posteriormente compreender o modo como esta postura é construída e atualizada no cotidiano da Igreja Universal do Reino de Deus. Tão logo se pergunta: Que elementos compõem este contexto? E, quais destes elementos poderiam nos auxiliar nesta investigação?

Possivelmente, a principal resposta para estas indagações seja o elemento fundamental que coloca em articulação os três aspectos que compõem a mensagem iurdiana de “cura, exorcismo e prosperidade financeira”: a sua representação do diabo. Importante ressaltar que a figura do diabo assume um papel de extrema relevância na mensagem iurdiana por ser apontada pela própria como a origem dos problemas que afligem o cotidiano das pessoas nos mais diferentes aspectos de sua vida. Desta maneira, adota-se o ritual de exorcismo dos “encostos”, em especial os realizados na “Sessão Espiritual do Descarrego”, como uma manifestação simbólica exemplar da postura iurdiana sobre e contra as suas concorrentes religiosas diretas no mercado de serviços religiosos.

Contudo, antes de descrever e analisar alguns dos principais pontos da “Sessão do Descarrego” e seu respectivo ritual de exorcismo faz-se necessário uma passagem, mesmo que breve, por algumas pesquisas que tiveram a IURD como objeto de investigação e conseqüentemente localizar este trabalho dentro deste universo.

CAPÍTULO 2 – BATALHA ESPIRITUAL: CONFLITO E TROCAS SIMBÓLICAS

2.1. A Guerra Santa Iurdiana e o Mercado Religioso Brasileiro

Ao final da década de 1980, o Brasil presenciou o fortalecimento de um movimento evangélico que ficou conhecido, anos mais tarde, como neopentecostalismo – seguindo a classificação realizada por Ricardo Mariano, em *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*, a qual os trabalhos acadêmicos referentes ao tema adotam em sua maioria. Mariano (2005) realiza um levantamento do desenvolvimento histórico-institucional do pentecostalismo em território nacional visando formular uma tipologia de suas formações, como vimos anteriormente. No entanto seus interesses estão voltados principalmente em caracterizar o movimento neopentecostal e suas respectivas instituições, distinguindo-o dos demais, cuja principal expressão foi a Igreja Universal do Reino de Deus.

Fundada em 1977, no subúrbio carioca, a Igreja Universal do Reino de Deus tornou-se objeto de interesse para as ciências sociais já no início dos anos 1990, devido ao seu rápido crescimento e pela forte presença em diversos setores de nossa sociedade. São inúmeros os estudos que abordaram a IURD, sob os mais diferentes ângulos, com a finalidade de compreender as estratégias institucionais e o funcionamento do movimento neopentecostal. Cito apenas algumas dessas abordagens.

Há autores que buscaram compreender a inserção destas denominações religiosas às lógicas da sociedade de consumo, tendo a Teologia da Prosperidade iurdiana como referência (Oro, 1995) e (Mariano, 2003); algumas pesquisas analisaram a presença evangélica na política brasileira e a participação em disputas eleitorais (Freston, 1993) e (Fernandes, 1996); já (Almeida & Montero, 2001) buscaram debater sobre o trânsito religioso, identificando a intensa migração de fiéis, crenças e práticas entre as diversas manifestações religiosas no Brasil, tendo a Igreja Universal do Reino de Deus e a Renovação Carismática Católica como expressões das transformações do chamado campo religioso brasileiro; e, outros

trabalhos que fizeram uso de algumas peculiaridades características do neopentecostalismo, em especial da IURD, para desenvolver um debate em torno da denominada “tese de secularização” (Pierucci, 1997) e (Mariano, 1996). Porém, os trabalhos que vão ao encontro desta pesquisa são os que se preocuparam em estudar a chamada, e já citada, guerra santa envolvendo a Igreja Universal do Reino de Deus e outras manifestações religiosas. Isto é, investigações desenvolvidas por antropólogos e sociólogos que tiveram, sobretudo, como ponto de partida o conflito e as trocas simbólicas que abarcaram a IURD e suas concorrentes religiosas no denominado mercado religioso brasileiro.

O interesse em estudar a Igreja Universal do Reino de Deus, como se pode observar, acabou por revelar [para quem vos escreve] um universo particular – tão complexo como a própria cosmologia iurdiana – formado por inúmeros artigos, dissertações, teses e livros dedicados exclusivamente ao fenômeno IURD. São pesquisas e trabalhos acadêmicos desenvolvidos em diferentes áreas das ciências sociais que exploraram as mais diversas possibilidades de compreensão deste objeto de pesquisa. A coletânea *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé* – organizada por Ari Pedro Oro, André Corten e Jean-Pierre Dozon – configura um expressivo retrato do interesse científico em torno da IURD e suas diferentes abordagens. Uma vez que além de conter diversos artigos de especialistas, possui como anexo a referência de onze teses e quarenta dissertações desenvolvidas nos programas de pós-graduação brasileiros, além de cinco teses defendidas no exterior, todas registradas até 2001, tendo como tema principal: a Igreja Universal do Reino de Deus.

A preocupação inaugural deste trabalho, como qualquer outro que pretenda sondar um objeto de pesquisa tão investigado, seria viabilizar-se; isto é, conquistar o seu espaço em um universo, de antemão, amplamente explorado. Tarefa não muito simples, considerando os inúmeros artigos publicados pelos *iurdiólogos* em todos esses anos. Tendo em vista que, muito provavelmente, o ineditismo não seja uma das características alcançadas ao seu final, alega-se que a contribuição desta pesquisa esteja nas peculiaridades, próprias, da sua natureza: um estudo de caso.

Simultâneo ao seu discurso combativo ao catolicismo, espiritismo kardecista e de forma mais intolerante à Umbanda e ao Candomblé – genericamente englobados como religiões afro-brasileiras¹², algo recorrente no neopentecostalismo – porém, principalmente na Igreja Universal do Reino de Deus – é a apropriação e a ressignificação de elementos originários nas religiões rivais, prática pouco comum e até desqualificada pelos cultos pentecostais mais tradicionais. Não se trata de uma exclusividade iurdiana, porém realizada pela IURD de uma forma tão intensa e peculiar que diversos *iurdiólogos* se preocuparam em descrever. Ari Pedro Oro além de dar a sua contribuição, faz tão bem um relato destas descrições que o reproduzimos:

A Igreja Universal se autoproclama pentecostal. No entanto, e de forma semelhante, embora com mais ênfase, a outras igrejas pentecostais, ela se coloca numa relativa situação de fronteira inter-religiosa, que é explicitada de formas diferentes por alguns autores. Por exemplo, para P. Freston, ela é a mais católica das igrejas evangélicas (Freston, 1993); para R. Valle e I. Sarti, ela é “uma reedição urbana do catolicismo popular tradicional” (Valle & Sarti, 1994, p.II); para P. Sanchis, um fenômeno que além de desafiar uma tradução cultural (a da cultura católico-brasileira) sabe reencontrar algumas das suas linhas mestras (Sanchis, 1994, p.63); para R. Mariano, uma igreja que “rearticula sincreticamente no seu próprio interior crenças e práticas rituais dos adversários” (Mariano, 1995, p. 127); para R. de Almeida, uma igreja que se situa “a um meio caminho entre evangélicos e as religiões afro-brasileiras” (Almeida, 2003, p.340); e enfim, para P. Birman, uma igreja de “bricolagem” (Birman, 2001). [...] De minha parte, considero-a, sem nenhuma conotação pejorativa, uma igreja religiofágica; literalmente, “comedora de religião”, ou, como diz R. de Almeida, uma igreja que procedeu a uma “fagocitose religiosa” (Almeida, 2003, p.341). Isto é, uma igreja que construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários (ORO, 2007, pp. 32-33).

¹² Em sua maioria, a literatura a respeito da Guerra Santa iurdiana define tal qual o candomblé, a umbanda como manifestação religiosa afro-brasileira.

Estes símbolos transformados, ou melhor, *ressemantizados* como prefere Ari Pedro Oro, formam um repertório de bens e serviços religiosos essenciais presentes não somente na Igreja Universal do Reino de Deus, mas também nas mais diferentes expressões do neopentecostalismo brasileiro. Oro (2007) esclarece em nota de rodapé que:

Ressemantização ocorre quando conteúdos das religiões de origem, vindas de fora, são alterados por conteúdos das localidades e dos grupos que os adota; ressemantização ocorre quando conteúdos tradicionais de um grupo adquirem nova expressão através de formas simbólicas importadas, vindas de fora (SEGATO, 1997 apud ORO, 2007).

São essas peculiaridades, elementos *ressemantizados*, presentes em todo o movimento neopentecostal, mas principalmente nos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus que esta investigação adota como referência para analisar parte do discurso iurdiano contra as suas concorrentes no mercado religioso brasileiro, ou seja, as religiões declaradas como inimigas na guerra santa iurdiana. Assim, esta proposta pretende compreender, através de uma análise dos rituais de exorcismo praticados nos cultos iurdiano, a maneira pela qual estes conteúdos religiosos são selecionados, ressignificados e utilizados em seu discurso contra as suas crenças originárias. E, um dos principais elementos adotados para esta investigação é a prática do exorcismo, uma constante nos cultos iurdianos especialmente na “Sessão Espiritual do Descarrego”.

Não exclusivo, mas principalmente Ronaldo de Almeida (1996 e 2003) reconheceu a importância dos rituais presentes nas “reuniões” iurdianas para compreender a complexa e espinhosa relação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e suas concorrentes, em destaque para a umbanda. Contudo, mesmo as propostas de Almeida buscando conferir um determinado ritual iurdiano como dramatização do seu discurso sobre o seu poder perante as religiões inimigas, o autor mostra-se mais interessado em analisar o trânsito religioso e principalmente o processo conflituoso das trocas simbólicas entre diferentes crenças no campo religioso brasileiro.

O ritual de exorcismo, realizado com maior frequência nos cultos de cura e de “libertação”, talvez seja a síntese simbólica mais elaborada desse processo de troca conflituosa entre diferentes lógicas religiosas. Ela é anterior ao “chute na santa” e sua performance está socializada por toda a Igreja, tanto entre pastores quanto entre fiéis. A postura combativa expressa nos exorcismos, entretanto, acabou gerando uma curiosa relação da Igreja Universal com as religiões afro-brasileiras, em particular a umbanda. A Universal dependeu delas para construir parte de seu universo simbólico, como se ela se alimentasse daquilo que propunha combater (ALMEIDA, 2003, p.322).

Contudo, mesmo a nossa abordagem tendo orientações não tão preocupadas em discutir o trânsito religioso no campo religioso brasileiro, a investigação realizada por Almeida, em *A guerra de possessões*, nos indica quão determinante é esta presença e o quanto ela é importante para poder localizar a Igreja Universal do Reino de Deus neste cenário religioso. Algumas referências presentes nesta obra de Almeida (2003) são importantes para o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente ao demonstrar a marcante e enfática presença da figura do diabo nas pregações dos pastores, além de indicar que alguns elementos oriundos das religiosidades tão combatidas pela IURD passam a fazer parte da sua cosmologia; e, este trânsito religioso acaba por deslocar a própria IURD de suas origens religiosas para uma dimensão mais próxima às religiões inimigas.

Dessa forma, se o conflito estabelecido dá-se por um processo de sucessivas atribuições de significados inversamente simétricos ao sentido original atribuído pelas religiões combatidas, a Igreja Universal acabou situando-se, ainda que parcialmente, numa mesma lógica com as religiões afro-brasileiras (ALMEIDA, 2003, p. 337).

Esta situação de peculiar proximidade com as suas rivais possibilitou não somente a migração de elementos e de entidades oriundas das religiões de matrizes africanas para dentro da cosmologia iurdiana, como tornou possível a *ressemantização* e conseqüentemente o desenvolvimento de práticas próprias,

como também o surgimento de entidades e da possessão, agora, legitimamente iurdianas: a “manifestação do encosto”.

O que pode parecer uma observação óbvia, na realidade, é a constatação daquilo de mais original que essa Igreja apresenta ao meio evangélico. O exorcismo [...] só pode ocorrer no espaço do templo e sob estímulos específicos daquele culto; o que jamais aconteceria da mesma forma em um terreiro. Esse transe, portanto, já não pertence mais às religiões afro-brasileiras, e sim à Igreja Universal. As diferenças nele observadas são o resultado de uma síntese entre, de um lado, a forma de incorporação de algumas entidades e, de outro, um processo gradual de elaboração coletiva do exorcismo da própria Igreja Universal. Portanto, mais que o transitar das entidades, o que de fato transitou e adquiriu uma nova fórmula foi o próprio transe, possibilitando às entidades irromperem no seu universo religioso. [...] E, mais ainda, se o transe narrado já pertence à Igreja Universal, as entidades, conseqüentemente, já fazem parte do seu universo (ALMEIDA, 2003, p.339).

Logo, o objetivo primeiro desta pesquisa é abordar como essas entidades ou os “encostos” e suas “manifestações”, agora, legitimamente iurdianos são retratos nos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus para servirem como um evento significativo que teatraliza de maneira simbólica o discurso da IURD sobre as religiões brasileiras de matrizes africanas. Esta proposta não tem a finalidade de analisar como ocorrem estes conflitos e conseqüentemente as trocas culturais no cenário religioso brasileiro, modelo este que um número considerável de pesquisadores seguiu, mas antes descrever como o discurso iurdiano nesta chamada “Guerra Santa” é construído cotidianamente; uma investigação cuja finalidade é entender como a postura de “*demonizar o outro*” é vivenciada e atualizada em seu interior.

Nesta pesquisa optou-se pela observação direta de algumas de suas “reuniões”, em especial a “Sessão Espiritual do Descarrego” para conhecer um pouco da dinâmica da Igreja Universal do Reino de Deus em relação a este tema. Justifica-se a escolha pela Sessão do Descarrego, pois esta “reunião”, segundo a própria IURD, tem a finalidade de “quebrar maldições” e “desfazer trabalhos” realizados nas chamadas “casas de encostos” com a intenção única de prejudicar a

vida e impedir a felicidade das pessoas. Assim, a “Sessão Espiritual do Descarrego” acontece em um contexto repleto de acusações, serviços religiosos e contrafeitiçarias que formam um cenário propício para analisar o discurso da IURD sobre as suas concorrentes, mas principalmente sobre as religiões de matrizes africanas.

É necessário esclarecer que adotar a “Sessão Espiritual do Descarrego” como um elemento de compreensão da IURD permite apenas um acesso específico às suas práticas simbólicas, pois cada “reunião” tem a sua finalidade e conseqüentemente seus peculiares serviços religiosos e maneiras de se relacionar com o mundo divino. No entanto, esta investigação adota a “Sessão do Descarrego” como um evento privilegiado para identificar a postura da IURD nesta chamada guerra santa à brasileira e para compreender de que maneira o seu discurso sobre práticas religiosas concorrentes é construído e atualizado em seu dia a dia.

Logo nas primeiras idas a campo foi possível identificar algumas ocorrências que se tornaram frequentes ao longo da pesquisa e observadas também pelos diversos pesquisadores que adotaram a IURD como objeto de investigação, tais como: a forte ênfase às questões financeiras presente na pregação dos pastores; as acusações diretas e o ataque explícito, principalmente, às religiões afro-brasileiras; e a surpreendente apropriação de elementos historicamente identificados como pertencentes à cosmologia das religiões de matrizes africanas. Essas ocorrências não são peculiaridades da “Sessão Espiritual do Descarrego”, mas características que expressam a doutrina e as estratégias deste fenômeno chamado Igreja Universal do Reino de Deus.

O Brasil, embora conhecido pelo sincretismo e tolerância religiosa, nos anos 1980 acompanhou o aumento da hostilidade pentecostal contra os cultos afro-brasileiros. A ocorrência de constantes conflitos diretos envolvendo invasões de terreiros, ataques e agressões entre membros dessas religiões – foi registrada pela mídia brasileira da época e nomeada como “guerra santa”. Além de empregada pela imprensa, o termo guerra santa pode ser também identificado nos cultos e na literatura iurdiana (Mariano, 2005, p.112), do lado pentecostal a IURD não foi a única agente neste conflito, mas foi quem desencadeou e intensificou de maneira mais agressiva os ataques direcionados aos cultos afro-brasileiros, principalmente contra a Umbanda.

Apesar de alguns fatos relacionados a este conflito no campo religioso brasileiro serem registrado desde os anos 1970, tendo como responsáveis as igrejas pentecostais mais tradicionais, foi nos anos 1980 com a expansão da IURD que estes casos foram intensificados, porém foi na década seguinte que esta guerra santa alcançou o seu ápice.

Já na década de 1990, o Brasil acompanhava o extraordinário crescimento da IURD expandindo suas fronteiras e investindo fortemente não somente em construções de gigantescas catedrais, mas também na política com participação nas disputas eleitorais e principalmente nos diversos instrumentos de mídia e comunicação em massa. E, foi neste período que ocorreu o conhecido caso do “chute na santa”, acontecimento que gerou enorme repercussão tendo grande destaque e ampla cobertura pela imprensa brasileira. Giumbelli (2002) nos atenta que este caso gerou grande repercussão devido aos interesses e principalmente às instituições diretamente envolvidas. A chamada guerra santa antes representando essencialmente os ataques por parte da corrente neopentecostal contra os cultos afro-brasileiros, agora envolvia a principal expressão do movimento neopentecostal brasileiro a Igreja Universal do Reino de Deus e o seu próprio canal de comunicação a Rede Record e a Igreja Católica que historicamente foi detentora da hegemonia religiosa no país e a principal e mais influente rede de comunicação do Brasil a Rede Globo.

No entanto a guerra santa que iremos adotar como referência nesta pesquisa não é referente ao conflito envolvendo a IURD e a Igreja Católica, mas sim a postura agressiva que a IURD assume ao falar e interpretar as manifestações religiosas dos cultos brasileiros de matrizes africanas; uma “guerra” que ocorre no universo simbólico de suas “reuniões” e configurado pelo discurso agressivo de seus pastores.

Conduta agressiva, uma vez que a postura iurdiana e suas afrontas de convicções religiosas contra outros grupos, não são compatíveis com a situação de pluralidade e tolerância que configura [ou, ao menos, acredita-se configurar] o campo religioso brasileiro. Assim, analisar-se-á como este discurso iurdiano, sobre e

contra as suas concorrentes diretas no chamado “mercado religioso”¹³, é construído e atualizado em seu cotidiano.

Alguns sociólogos e antropólogos adotam o cenário em que a IURD está inserida como um contexto de *mercado religioso*. Não se trata, a princípio, de uma incoerência; mas ao adotar esta noção para o cenário religioso brasileiro é necessário ao menos discutir alguns pontos que se demonstram essenciais. E, para tentar esclarecer estas questões retomemos a reflexão desenvolvida por Peter Berger em *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*; contudo vale ressaltar que esta perspectiva, na qual a concorrência religiosa é tratada como uma situação de mercado, em muito depende da sua discussão sobre secularização.

Para Peter Berger, no mundo moderno secularizado, tendo como referência a classe média estadunidense contemporânea, a religião torna-se assunto de escolha individual ou de preferência, algo exclusivamente voluntário, carecendo de obrigatoriedade e não mais coagido. Características que nos leva a chamada “individualização” / “privatização” da religião ou a “religiosidade privada” que segundo o próprio Berger não pode mais desempenhar a tarefa clássica da religião: “construir um mundo comum no âmbito do qual toda a vida social recebe um significado último que obriga a todos” (BERGER, 1985, p. 145). Trata-se, agora, de um contexto social totalmente novo, em que o processo de secularização, ao romper o monopólio religioso, inaugurou uma situação de pluralismo. Segundo Berger, a situação de pluralismo foi desencadeada após a Guerra das Religiões na Europa, quando católicos e protestantes disputavam o monopólio. Uma vez quebrada a unidade do catolicismo, abriu-se caminho para a fragmentação, isto é, para a instauração do pluralismo. Essa foi, sem dúvida, uma condição necessária, porém, não suficiente. Mas não foi na Europa, senão nos EUA, que se configurou inicialmente uma situação propriamente pluralista, na qual havia, sim, a competição, mas não uma competição pelo monopólio. Trata-se, a partir de então, de uma competição pelo maior número de fiéis, o que se pressupõe uma postura

¹³ A noção mercado religioso é emprestada de BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. – São Paulo: Paulus, 1985.

dissimuladamente tolerante (economicamente tolerante) para com as demais religiões.

Um pluralismo que ocorre desta maneira instaura a possibilidade da livre competição entre as religiões, e tradições religiosas, com suas crenças e ritos, não são mais objetos de imposição, mas se convertem em produtos postos a venda em um mercado, o que leva Berger a afirmar que “a situação pluralista é, sobretudo, uma situação de mercado” (BERGER, 1985, p. 169). Assim, as instituições religiosas passam a desempenhar o papel da agência comercial, e sua tradição de converter em mercadoria. Com isso uma nova lógica se impõe às religiões, obrigando-lhes a profundas transformações em termos de organização e de seus objetos.

Assim, para Berger, no mundo moderno secularizado, a religião faz sentido apenas na esfera privada, e como consequência direta deste contexto de secularização há o fim do monopólio das tradições religiosas conduzindo a uma situação de pluralismo em que diferentes grupos religiosos são tolerados pelo Estado e mantêm competição uns com os outros. Para Berger (1985, p.149, grifo do autor), na situação de pluralismo as opções religiosas são colocadas no mercado, pois, *“a situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado [...], grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado”*.

A opção por interpretar o universo religioso como um mercado de bens simbólicos, obedecendo às mesmas leis de expansão e a mesma lógica do capital, parece fazer muito sentido dentro do contexto dos EUA que reflete Berger. Mas, também poderíamos adotar este conceito para pensar o cenário religioso brasileiro?

Em um contexto em que está inserida a Igreja Universal do Reino de Deus e a sua mensagem religiosa de batalha espiritual, esta noção de “mercado” de Berger parece um pouco “romântica” e harmoniosa, pois passa a ideia de que as religiões que constituem uma grandiosa possibilidade de opções estão expostas em vitrines e prateleiras nas quais o consumidor ou o fiel em potencial escolhe tranquilamente a sua melhor opção, parece não haver conflito e conseqüentemente não haver possibilidade para a chamada guerra santa. Pode-se adotar a lógica do capital, e portanto o conceito *mercado religioso*, para pensar o cenário religioso brasileiro, mas é importante considerar que a estratégia adotada pela Igreja Universal do Reino de Deus para arrecadar seus fiéis consumidores é fundamentada exatamente na

intenção de influenciar na escolha final desses consumidores, pois através do seu discurso de propagação do “medo” e “demonizador” de suas concorrentes, neste chamado *mercado religioso*, a IURD constrói um regime do temor em que o fiel tem como única “saída ou salvação”: a própria Igreja Universal do Reino de Deus. Desta maneira a IURD, aparentemente, segue um rumo na contramão da ideia principal que Berger caracteriza o mercado religioso como um “complexo legitimante voluntariamente adotado por uma clientela não-coagida [...] carecendo de obrigatoriedade” (BERGER, 1985, p. 145).

A IURD visa perpetuar o conflito, o combate e a guerra tendo como finalidade um maior número de adeptos, uma postura beligerante que está presente na IURD desde a sua constituição e expressa nos ataques ao catolicismo. Mas a maior expressão desta sua postura beligerante está no seu “ritual de exorcismo” intensamente praticado em suas “reuniões de cura e libertação”. Talvez, seja este ritual, uma prática socializada por toda a IURD, a síntese simbólica mais elaborada desta postura beligerante iurdiana contra as suas concorrentes diretas na arrecadação de féis, em especial a Umbanda.

Para desenvolver um texto adequado e, concomitantemente, realizar um diagnóstico coerente em uma área de interesse amplamente discutida como esta se deve ter o amparo de um recorte bem delimitado do objeto de pesquisa, bem como recorrer de maneira lúcida aos conceitos a serem utilizados. Assim, com o propósito de realizar uma análise do desenvolvimento histórico desta guerra santa e, conseqüentemente, compreender a estratégia belicista da IURD, optou-se por acompanhar algumas de suas “reuniões”; em especial, as com finalidades de “cura e libertação”, como a “Sessão Espiritual do Descarrego” realizadas às terças-feiras, segundo a agenda semanal iurdiana. Tendo em vista este horizonte, compartilha-se o pressuposto de que uma abordagem bem sucedida do universo simbólico da IURD diz respeito a uma tarefa antropológica pautada na prática etnográfica, temática do próximo sub-capítulo.

2.2. Uma Breve Discussão Metodológica: o Fazer Etnográfico

Após ligeira síntese sobre trajetória da Igreja Universal do Reino de Deus e de situá-la no cenário religioso brasileiro, encontramos-nos em um momento da pesquisa significativamente importante para qualquer investigação antropológica: a construção de uma narrativa sobre a experiência de campo. Neste caso, um relato etnográfico.

O trabalho de campo que foi realizado – através da observação de alguns cultos da IURD – é item indispensável para esta pesquisa, pois um estudo estritamente teórico se mostra insuficiente para identificar e abordar parte do extenso universo simbólico iurdiano. A preferência por acompanhar a chamada “Sessão Espiritual do Descarrego”, culto realizado às terças-feiras nas sedes da IURD, pode ser justificada por se tratar, segundo a própria, de *“uma reunião que tem como finalidade desfazer trabalhos e quebrar maldições que são a causa de todo sofrimento na vida das pessoas, principalmente em relação aos casos de problemas de saúde”* – elementos que configuram um contexto muito propício à nossa discussão. Contudo ao optar por adotar a “Sessão Espiritual do Descarrego” como um evento peculiar para compreender a Igreja Universal do Reino de Deus é importante ter em mente que esta escolha representa apenas um dos diversos caminhos possíveis a serem percorridos que viabilizam a sua compreensão, pois a IURD além de suas inúmeras “reuniões”, cada qual com a suas particularidades, contém ainda todo um universo de práticas e símbolos que flutuam de acordo com o culto e a finalidade em ocasião.

Frente a esse universo, levou-se em consideração a premissa de que a antropologia possui à sua disposição um extenso legado teórico e metodológico ideal para o desenvolvimento deste trabalho, tendo a etnografia como um dos principais recursos para a realização de uma pesquisa de campo. Por isso, antes de iniciar a construção de um relato sobre as experiências vivenciadas em campo, seria produtivo realizar, neste momento, uma reflexão mesmo que sucinta sobre este empreendimento antropológico. Afinal, quais os elementos que configuram uma etnografia?

Tentando elucidar algumas possíveis respostas para esta questão, recorro primeiramente ao ensaio intitulado *A pesquisa etnográfica* de autoria da antropóloga Janice Caiafa – texto presente em seu livro *Aventura das Cidades: ensaios e etnografias* (2007) – no qual a autora afirma que a etnografia pode ser definida como um tipo de investigação e, ao mesmo tempo, como um gênero de escrita que foi desenvolvido dentro da tradição antropológica. Esclarecendo também que esta é descendente direta dos mais diversos e antigos registros de viajantes que por algum motivo enfrentaram, mesmo que temporariamente, situações de distanciamento geográfico e cultural em relação às suas origens; são relatos de missionários, navegantes e funcionários coloniais que tiveram contato com povoados de culturas diferentes e que produziram narrativas sobre estes e seus costumes. Contudo, Janice Caiafa enfatiza que foi somente com as pesquisas desenvolvidas por Malinowski, no início do século XX, e sua consistente preocupação em relação à importância da observação participante que a etnografia adquiriu o formato de investigação antropológica que conhecemos hoje, configurando-a como método (Caiafa, 2007, p.135).

Foi com Malinowski, portanto, que a pesquisa etnográfica se estabeleceu como uma atividade de trabalho de campo intensivo numa certa área específica e envolvendo a experiência pessoal do etnógrafo. [...] Esta é a característica central do estilo de trabalho de campo legitimado por Malinowski. Antes, embora a etnografia já passasse para as mãos dos antropólogos, prevalecia a atitude da observação distanciada e com objetivos documentais, característicos da descrição das ciências naturais. É a observação participante, com Malinowski, que vai marcar a pesquisa etnográfica não só como tarefa científica, dissociando-a do trabalho do missionário e do funcionário colonial, mas também como o aspecto definidor do empreendimento antropológico (CAIAFA, 2007, p. 136, grifo do autor).

Bronislaw Malinowski sobre forte influência de sua formação nas ciências naturais declarou em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, livro publicado pela primeira vez em 1922, que encontrou “onde residia o segredo do verdadeiro trabalho de campo” e “a magia pela qual era capaz de evocar o verdadeiro espírito dos nativos, a verdadeira imagem tribal” através de uma “aplicação sistemática e paciente de um determinado número de bom senso e de princípios científicos bem

definidos” (Malinowski, 1978, p.21). No entanto, Mariza Peirano em *A Favor da Etnografia*, texto presente em seu livro homônimo de 1995, afirma que não há na antropologia um modelo único a ser adotado quando o assunto é pesquisa de campo.

[...] não há cânones possíveis na pesquisa de campo, embora haja, certamente, algumas rotinas comuns, além do modelo ideal. E se não há cânones no sentido tradicional, talvez não se possa ensinar a fazer pesquisa de campo como se ensinam, em outras ciências sociais, métodos estatísticos, técnicas de survey, aplicação de questionários. Na antropologia a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia local da pesquisa; [...] (PEIRANO, 1995, p.43).

Já Clifford Geertz, em seu livro *A Interpretação das Culturas* (1978), tem um texto denominado *Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura* em que defende que o conceito de cultura é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu; assim, Geertz assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise. Portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1978, p. 15). Geertz frisa que esta não é uma questão de métodos:

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada a noção de Gilbert Ryle (GEERTZ, 1978, p. 15).

Com base no texto, a pouco citado, de Janice Caiafa, podemos afirmar que a etnografia não se trata apenas de um empreendimento científico, mas também de

uma atitude mental e intelectual em busca do estranhamento ou da acolhida da diferença. Outra reflexão interessante sobre o fazer etnográfico na pesquisa de campo, José Guilherme Cantor Magnani – em *A Antropologia Urbana e os Desafios da Metrópole*¹⁴ – conclui, de maneira sintética, que:

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo, mas para uma relação de troca, comparar suas próprias representações e teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2003).

E, é com este “espírito” que se pretende ir a campo. Por isso optou-se em descrever a posição do pesquisador nesta investigação enquanto um “observador privilegiado”. Isto é, alguém que vai a campo, com esforço, e que tem em mente a missão de interpretar de maneira atenta os acontecimentos, tentando compreender e quem sabe até compartilhar com os fiéis, apesar do distanciamento, os significados e os sentidos deste universo simbólico iurdiano presente na “Sessão Espiritual do Descarrego”.

2.3. A Construção de uma Narrativa sobre a “Sessão Espiritual do Descarrego”

As visitas e observações das reuniões da “Sessão do Descarrego” foram realizadas na sede da Igreja Universal do Reino de Deus localizada no bairro do Brás na cidade de São Paulo. A escolha deste templo ocorreu por ser uma sede iurdiana de grande porte e conseqüentemente de intensa concentração de fiéis que

¹⁴ Em realidade, trata-se de uma aula inaugural do curso de Ciências Sociais da FFLCH/USP, proferida em março de 2003. Ver em <http://www.n-a-u.org/AntropologiaUrbanadesafiosmetropole.html> acessado em 18/09/2012.

permite o anonimato do pesquisador, pois – segundo relatos de alguns autores que estudaram a IURD – investigações de qualquer natureza não são tão bem-vindas por ela, devido ao histórico de “perseguições” por parte da mídia em torno de suas polêmicas doutrinas e práticas religiosas¹⁵.

As idas a campo ocorreram na chamada “reunião especial” da “Sessão do Descarrego” que acontece toda terça-feira às dezenove horas nos principais templos iurdianos. Foram observadas diretamente dezoito “Sessões do Descarrego”, estas observações ocorreram mais intensamente no período entre o mês de julho e novembro de 2011, incluindo algumas visitas isoladas durante todo o ano de 2012 e o primeiro semestre de 2013.

As “reuniões” da Igreja Universal do Reino de Deus na sede do Brás acontecem em um amplo e confortável salão com capacidade para mais de 2000 pessoas. Ao longo do seu teto, como decoração, há uma colorida e iluminada cruz. Em suas, brancas, paredes laterais estão espalhadas as potentes caixas de som e algumas câmeras de segurança de circuito interno. A frente do salão está um “palco” de onde são realizadas as pregações, no centro deste há um púlpito de madeira com uma cruz talhada ao meio, ao lado uma mesa e algumas confortáveis poltronas muito pouco utilizadas, e no lado oposto está um teclado – único instrumento musical utilizado nos cultos que presenciei. No alto da parede ao fundo deste “palco” há um enorme vitral colorido representando Jesus crucificado. Sua refinada decoração tem detalhes em gesso e mármore conta com toda uma iluminação especial além de projeções de vídeo e de som; tem um amplo estacionamento e banheiros, que lembram os de *shopping centers*. Alguns dos seus cultos são filmados e transmitidos durante a programação local da IURD na Rede Record¹⁶.

As “Sessões do Descarrego” que acompanhei seguem certas regularidades ritualísticas familiares às descrições feitas por Oliveira (2002), Reinhardt (2007) e Mariano (1999). Grosso modo, a estrutura da “Sessão do Descarrego” pode ser

¹⁵ Este fato pode ser comprovado pela seguinte placa encontrada próxima as principais entradas do templo: “É proibido filmar, fotografar e qualquer outro tipo de gravação no interior do templo”.

¹⁶ A Rede Record, desde 1989, faz parte do patrimônio do Bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. Atualmente Macedo conta com um dos maiores grupos de comunicação do país (TAVOLARO, 2007).

dividida em alguns momentos distintos e principais: invocação do Espírito Santo, a oferta, a cura espiritual, os testemunhos, o dízimo e o fim do culto.

Nos instantes preliminares ao início do culto, o templo se encontra com todas as luzes acesas e praticamente vazio, uma música ambiente tenta quebrar o silêncio, aos poucos as pessoas chegam e se espalham por todo o salão. Os “obreiros” presentes abordam e conversam com alguns fiéis, e de acordo com o problema reclamado fazem orações individuais pressionando, com as mãos, a cabeça do fiel, o “obreiro” sussurra no seu ouvido e finaliza dizendo: “Saaaaaaai!”; demonstrando querer expulsar o incômodo. Este tipo de cura individual se repete durante todo culto, principal e enfaticamente no momento de invocação dos “demônios”.

Os “obreiros”, em sua maioria pastores em formação, são recrutados para trabalhar voluntariamente nos templos iurdianos. Estes seguem uma rígida escala de trabalho e são peças fundamentais na estrutura da IURD, pois são de sua responsabilidade os inúmeros serviços rotineiros e indispensáveis para a manutenção cotidiana dos templos e igrejas; e, por estarem em constante relação direta com os fiéis fazem, muitas vezes, o elo entre o crente e o pastor (MARIANO, 1999, p.58). Jovens, em sua maioria, e de ambos os sexos, usam um traje característico. Os “obreiros” usam sapatos, calça social, camisa clara com gravata, barba feita e o característico corte curto de cabelo; já as “obreiras” vestem sapatos com pouco ou nenhum salto, saia azul na altura do joelho, camisa social branca, meia calça no tom da pele e um lenço amarrado frouxamente ao redor do pescoço, maquiagem discreta, além dos cabelos presos, na maioria das vezes, por coques. Faz parte entre as inúmeras funções do “obreiro”, organizar os preparativos para as reuniões, recepcionar os fiéis e direcioná-los aos assentos, e, durante o culto, auxiliar o pastor seguindo atentamente as suas instruções.

Os frequentadores da “Sessão Espiritual do Descarrego” são jovens, adultos e idosos de ambos os sexos, famílias inteiras incluindo bebês e crianças; muitos vestem o uniforme de trabalho, indicando que vêm direto à igreja, no fim do expediente. Muitos dos fiéis, antes de se acomodarem, ajoelham-se com as costas viradas para o palco e com os cotovelos apoiados nas poltronas fazem uma breve oração. Percebe-se que os fiéis mais fervorosos procuram sentar mais próximos ao palco, enquanto os indivíduos não tão familiarizados aos rituais iurdianos costumam

ficar mais ao fundo do salão, provavelmente fiéis ocasionais ou visitantes de primeira viagem. Após o início do culto, é difícil achar um assento vago, muitos que chegam atrasados acompanham a reunião de pé perto das portas de entrada.

As reuniões duram em torno de duas horas. Durante todo este período, dois aspectos predominam a pregação do pastor: a importância do dízimo e das “ofertas” como prova de fidelidade e fé a Deus; e o poder maléfico dos “demônios” e a influência dos “encostos” na vida das pessoas. Esses aspectos predominantes são frutos da ênfase dada à Teologia da Prosperidade e à sua Batalha Espiritual contra as forças malignas – principais características da doutrina neopentecostal e não exclusivamente iurdiana. É neste contexto que as chamadas “correntes” assumem suma importância, pois representam o compromisso do fiel e tornam regular a sua frequência às reuniões. As “correntes” são atividades que acontecem durante todo um período pré-determinado pelo pastor – convencionalmente um mês, porém observamos na “Sessão do Descarrego” a utilização de números carregados de superstição no nosso imaginário popular para indicar a duração de algumas, no caso sete e treze terças-feiras. Segundo o pastor, as “correntes” têm a promessa de libertação, e quando esta é alcançada protegem o fiel, afastando-o da influência do “Mal”. É com esta crença que a IURD busca justificar a presença de diversas “correntes” em seus cultos e a importância de segui-las rigorosamente; pois “quebrar uma corrente” pode acarretar consequências drásticas na vida deste fiel. As “correntes” são sempre acompanhadas por uma “oferta” ou “sacrifício financeiro”.

Uma animada música vinda do teclado anuncia a entrada do pastor. Na Sessão do Descarrego, a vestimenta característica do pastor são roupas inteiramente brancas (sapato, calça, camisa e cinto) – parece um médico e lembra, em muito, um “pai de santo” – e curiosamente não utiliza gravata como nos demais cultos iurdianos; alguns de seus auxiliares vestem aventais brancos lembrando enfermeiros. Quando este aparece, de uma porta ao fundo do palco, rapidamente todos os fiéis se levantam¹⁷ e cantam empolgadamente, acompanhando-o nesta alegre música. Ao final desta canção, o pastor pede para que todos os que estão

¹⁷ Mais do que respeito, os fiéis parecem demonstrar certo medo e receio perante a figura do pastor. Talvez pela agressividade que este trata as entidades das “casas de encostos”.

pela primeira vez em na “Sessão do Descarrego” levantem as mãos e que se dirijam até a frente do palco para a oração inicial. Quando lá chegam, o pastor convida todos os presentes, ainda de pé, a evocar a presença de Deus através do Espírito Santo; e, com os olhos fechados, as mãos sob o coração ou mesmo com os braços levemente levantados e com a palma das mãos para cima, começam a oração inicial da sessão repetindo calorosamente, em alto e bom som, as palavras do pastor. Neste momento há a invocação da presença do Espírito Santo, com esta oração o pastor ressalta que Deus está presente ao culto consagrando tudo e a todos que ali estão. Após evocar as forças divinas com esta oração inicial os novatos voltam aos seus lugares, porém antes os “obreiros”, por ordem do pastor, lhes entregam a “corrente” do mês para que estes se tornem fiéis frequentadores e frequentadores fiéis da IURD. Assim que estes se acomodam em suas poltronas, o pastor começa a falar sobre a importância das doações financeiras para a “obra de Deus” e como prova de “fidelidade”; e pede para quem trouxe um dízimo ou mesmo algum envelope, entregue nas reuniões anteriores, com alguma “oferta” se levante e o deposite em uma das diversas sacolas de pano preto que os “obreiros” seguram sob o palco. Enquanto se deslocam até as sacolas, o pastor inicia mais uma alegre canção, alguns fiéis vão andando e dançando alegremente entregar as suas ofertas, que dura até o último fiel da longa fila entregar a sua “oferta”.

Nos cultos, inúmeros envelopes são entregues aos fiéis para depositarem doações seja dízimo, “ofertas” ou “correntes”. Os envelopes com as “doações¹⁸” do dízimo e das “correntes” são para serem entregues nas próximas reuniões; já algumas “ofertas” são realizadas durante a sessão presente em formas de “desafios a Deus” e, convencionalmente, nestas não se utiliza envelopes. Quando o fiel realiza alguma “doação” é costume da IURD que este receba algo em troca, seja um bem de características mágicas como uma pulseira de proteção com a descrição “anjo forte, fiel dizimista”, uma “simples” unção de azeite na cabeça ou na palma da mão, ou mesmo um CD de música gospel e até apenas um toque das mãos do pastor no topo de sua cabeça.

¹⁸ “Doações” entre aspas, pois os pastores enfatizam a livre espontaneidade das doações financeiras, porém estas são tidas como um dever entre outras obrigações do fiel na doutrina iurdiana.

Os pastores da IURD seguem inúmeras táticas para prender a atenção dos fiéis. Uma delas consiste em toda vez que dizem: “ – *Tá ligado?*” os fiéis sincronizados batem uma palma, ou mesmo quando perguntam: “ – *Amém, pessoal?*” - eles respondem “Amém!”. Os cultos são dinâmicos e animados; até piadas os pastores contam. Ao longo destes os fiéis se levantarem várias vezes, dão pulinhos, erguem os braços, batem palmas, além de cantarem as animadas canções e acompanhá-las com suas coreografias.

Há momentos, porém, nas reuniões da IURD que toda essa descontração dá lugar a muita tensão e apreensão, principalmente na “Sessão Espiritual do Descarrego”. Em certa altura do culto o pastor solicita quem já tenha frequentado ou ido ao menos uma vez a alguma “casa de encosto” a se dirigir a frente do palco. Logo em seguida, conforme a instrução do pastor, se junta a este grupo pessoas que estejam enfrentando algum tipo de problema independente de sua natureza e que desconfiam que este seja fruto de algum “trabalho” ou “feitiço encomendado”. Neste momento uma música de suspense é tocada no teclado, as luzes internas do templo diminuem de intensidade, às vezes apagam-se totalmente, ficando acessa apenas a cruz colorida que decora o teto do salão ou somente a vitral ao fundo do palco. É neste cenário de muita apreensão que o pastor convida todos, com as mãos sobre a cabeça, a fazerem juntos uma “oração forte” contra as “forças do mal”, assim, ele começa a evocar as entidades que se acredita interferir maleficamente na vida dessas pessoas. Chamando por seus nomes e até “ordenando” enfaticamente as mais diversas entidades a “manifestarem-se”. Os “obreiros” ficam agitados e começam a andar por todo salão procurando pessoas com algum sinal de “manifestação do demônio”. O pastor, convencionalmente, se dirige à plateia no gênero feminino, como: “*a senhora que perdeu o filho para as drogas*”, “*você que tem o marido que bebe e é violento*”, “*você que não consegue um homem bom e decente pra viver junto*”, e etc. Choros e gritos de desespero, em sua maioria gritos de mulheres, são ouvidos entre os presentes, essencialmente nas proximidades do palco onde se encontra os que já frequentaram ao menos uma única vez alguma “casa de encosto” ou que estão enfrentando algum tipo de problema; pessoas entram em transe, um transe característico nas manifestações das reuniões da IURD. São os chamados “encostos”, os “demônios se manifestando”.

Durante a possessão iurdiana é característica em sua *performance* ficar de cabeça baixa, olhos entre abertos, com as duas mãos para trás como se estivesse algemada. Segundo o pastor, os “encostos têm as mãos amarradas”, por isso quando estes se manifestam, as mãos das pessoas possesas estão para trás como se realmente estivessem amarradas; daí a expressão “*Ta Amarrado!*”, quando um desses “encostos” fica relutando e se rebatendo, muitas vezes querendo agredir os “obreiros” e até mesmo o pastor ao seu redor. A respiração da fiel possesso fica ofegante, a voz se modifica.

A chamada “cura espiritual” acontece em três principais momentos: a invocação e manifestação das entidades; o interrogatório dos “demônios”; e o exorcismo destes “encostos”. Estas são sempre acompanhadas pelo pedido e recolhimento do dízimo e de “ofertas” - realizado pelo pastor com o auxílio dos “obreiros”. Assim, a estrutura das reuniões iurdianas conta com três momentos distintos de relação com os “encostos”; e, no mínimo¹⁹, com três momentos de ênfase no pedido e coleta de doações financeiras para a igreja - sempre acompanhados de um discurso proferido, enfaticamente, pelo pastor para justificar e legitimá-las.

Para exorcizar tais entidades é muito importante a manifestação destes, mas nem sempre necessária, o próprio pastor defende que as manifestações são mais importantes para que os fiéis consigam visualizar a presença do mal em seu cotidiano. O pastor neste momento do culto provoca e invoca com muita ênfase a manifestação do “demônio” que se acredita estar atuando em alguma parte da vida do fiel. Para que este alcance a prosperidade e a felicidade são imprescindíveis a libertação perante os “encostos”, pois na doutrina iurdiana a justificativa dos infortúnios na vida das pessoas está na existência de um “demônio”. Esse “encosto” representa todo o poder maléfico que é causa de toda desordem e sofrimento na vida das pessoas. Portanto é responsabilidade do pastor, segundo o próprio, fundamentado no poder e na fé em Jesus, a reação divina contra essas forças destrutivas. O objetivo dos pastores na IURD é retirar esses “demônios” que,

¹⁹ Acompanhamos reuniões que se deu tanto ênfase às “ofertas” que o pastor chegou a solicitar, ao longo do culto, seis doações financeiras entre dízimo, “correntes” e “ofertas”.

segundo eles, são verdadeiros “encostos” na vida das pessoas e responsáveis pelos inúmeros problemas que as atingem, as fazendo sofrer e tornando-as tristes. Esses “demônios”, segundo a IURD, causam dívidas, crises financeiras, miséria, vícios, doenças, “esfriamento no casamento”, traições, homossexualismo, brigas, suicídios, entre inúmeros outros problemas que atingem a vida das pessoas e de seus próximos.

Essas manifestações de “encostos” nos fiéis ocorrem, curiosamente, na sua grande maioria em mulheres. Observamos também que entre os frequentadores da Sessão do Descarrego as mulheres são maioria e principais alvos das pregações. Logo, o pastor começará o “descarrego dos encostos e feitiçarias”, porém antes interroga o “demônio”, a conhecida “entrevista com o demônio”, exaltando a força divina de seus serviços para libertar o fiel desses males espirituais.

Durante o culto o pastor se refere às outras religiões relacionando-as ao “mal” e ao “diabo”, principalmente as chamadas “casas de encostos”, enfatizando a presença e a influência dos “encostos” na nossa vida cotidiana. Para caracterizar e derrotar “o encosto” o pastor utiliza termos e práticas de outras religiões, principalmente das religiões espíritas e afro-brasileiras, curiosamente as suas concorrentes diretas no mercado de serviços religiosos.

No decorrer dos cursos o pastor “ordena” para que os “encostos” que estão nos fiéis se manifestem. O pastor determina: – *“Sai, sai daí encosto!”* – *“Vai, manifesta!”*. Os fiéis que apresentam as manifestações são levados pelos “obreiros” até o altar para realizar-se o exorcismo, porém antes alguns são entrevistados pelo pastor. Os mais inquietos são dominados e humilhados durante o interrogatório. Nesta entrevista o pastor pergunta qual é a identidade do “encosto” que está incorporado na pessoa, quem fez o “trabalho” ou “feitiço” contra ela e quais são os malefícios que esta faz. As respostas apontam que esta foi enviada por alguém e através de “feitiços”, mas o pastor ressalta que os “encostos” também podem ser transmitidos hereditariamente como algumas doenças, a chamada “maldição hereditária ou maldição de família”. Porém os “encostos” em sua maioria, segundo a IURD, são frutos da encomenda de “feitiços” por inveja, ciúmes ou outros motivos, mas sempre intermediados pelas religiões de matrizes africanas. As causas que desencadeiam a desgraça na vida de uma pessoa são em sua maioria, segundo a IURD, oriundos de ações maléficas das “casas de encosto”.

A pessoa quando incorporada por um “encosto” parece estar em transe, algo muito semelhante com as incorporações encontradas nas religiões afro-brasileiras. Assim também, As identidades dos “encostos” iurdianos são, em sua maioria, identificados por nomes de entidades presentes nas religiões de matrizes africanas, mas principalmente da umbanda: Exu Sete Capas, Pombagira Maria Padilha, Exu Tranca Rua, Zé Pelintra, Exu Capa Preta, Exu da Morte, entre outros. Na IURD as entidades se manifestam com as mãos para trás, pois estão amarradas, segundo o pastor. Por isso o grito: – *“Tá amarrado!”* ou – *“Tá amarrado, em nome de Jesus!”*.

Para se concretizar o exorcismo o pastor antes humilha a entidade manifestada no palco diante de todos. Neste momento o pastor aumenta a sua agressividade ao falar com o “encosto”, zombando dos seus poderes ínfimos em relação ao poder de Deus; para finalizar este ritual ordena que alguns “encostos” se ajoelhem, demonstrando a vitória do “bem” sobre o “mal”. Após esta cena, o pastor inicia o exorcismo destas entidades, apoiando uma de suas mãos na cabeça da pessoa possuída e grita com o auxílio dos fiéis: – *“Queima, queima, queima”* e – *“Em nome de Jesus, sai! Sai!”*. Alguns “demônios” são teimosos e resistem em sair do corpo do fiel, alguns apresentam mais de um “encosto”, uma “legião de encostos”, segundo o pastor. Assim este com o poder do Espírito Santo “consagra” as mãos das pessoas presentes e pede auxílio da plateia para expulsar estes “encostos”. Todos com as mãos estendidas para o palco oram cada, mas cada um com suas palavras; há neste momento um aumento crescente da intensidade das orações, até não podermos identificar as palavras ditas, somente o – *“Sai, sai, sai!”*, repetido várias vezes e acompanhado com gestos das mãos querendo expulsar pra longe a “legião” manifesta. O exorcismo é concluído. É finalizada a “cura espiritual” com uma calorosa saudação de palmas celebrando – *“A vitória do bem sobre o mal!”*; e assim suspira o pastor: – *“Está liberta, graças à Deus! Palmas, bem forte, para Jesus! Amém”*.

Após o exorcismo, o pastor toma um breve “testemunho” de algumas pessoas que estavam possesadas. Ele pergunta qual era o problema que as afligia e como elas estão se sentindo agora que estão “libertas”; as respostas indicam que antes do exorcismo elas sentiam dores pelo corpo, tristeza e incômodos, e que agora se encontram aliviadas, “mais leves” e felizes. Eis a “cura espiritual”, segundo o pastor e – *“Palmas para Jesus!”*.

Outra animada canção se inicia: *“O nome de Jesus é poderoso / não há quem possa derrotar / o demônio sai, a doença sai / quando o nome de Jesus vem operar/ Sai, sai, sai todo o poder das trevas/ Sai, sai, sai a minha paz você não leva...”*.

Os testemunhos são práticas muito importantes nas “reuniões” da IURD, ocupando um respeitável espaço dentro dos cultos. É o momento que o fiel sai do anonimato da plateia e sobe ao altar ganhando nome e visibilidade para expor a sua “graça alcançada”. O testemunho trata-se de uma confirmação discursiva. O instante que o fiel ganha voz para descrever e compartilhar a ocorrência de uma “cura”, sua “libertação”; uma experiência pessoal bem sucedida. Legitimando, assim, o discurso do pastor perante a coletividade presente. Durante os testemunhos o pastor aproveita para reforçar as doutrinas iurdianas presentes em sua pregação, em especial a Teologia da Prosperidade. Seus questionamentos giram em torno dos sacrifícios realizados pelo fiel, suas “ofertas”, dízimos e participações em “correntes” - sua “fidelidade a Deus”; afirmando que estas práticas e sua fé foram as causas diretas que o levaram ao sucesso almejado.

Aproveitando esta brecha o pastor aproveita para discorrer sobre a importância do dízimo na “obra de Deus”. Para ele, além de demonstrar a fé e fidelidade do fiel perante Deus, o dízimo é extremamente importante para a “obra do Senhor” na Terra, principalmente na evangelização e na manutenção da “casa de Deus” (os templos da IURD). Segundo o pastor tudo que o fiel arrecada e conquista financeiramente pertence a Deus, pois é fruto da “operação de Deus” na vida desta pessoa, portanto é necessário retribuir. Assim, os fiéis devem doar dez por cento do total conquistado para que o restante seja abençoado. O dízimo não representa apenas os dez por cento do seu salário líquido e sim dez por cento de todo o dinheiro que passa pelas suas mãos, seja através do salário de um trabalho fixo, o pagamento de um trabalho temporário ou mesmo um “bico”; a venda de algum pertence, o recebimento de uma dívida e até mesmo do seguro desemprego.

Nestes instantes finais do culto o pastor aproveita para oferecer, em troca das doações, alguns “objetos consagrados” para incentivar os sacrifícios financeiros. Estes objetos, afirma o pastor, são “bens abençoados”. Eles têm como característica principal o poder de cura pelo contágio, pelo toque; são objetos mágicos. A lista deste repertório é enorme, tem desde sabonete para “banho do descarrego” e “xampu abençoado”, “perfume do amor”, saquinhos com sal grosso, alianças, “água

do Rio Jordão”, cruz, chaves até cópias de cédulas de dinheiro abençoadas e “óleo de Israel”, entre outros. Neste aspecto as pregações da IURD, seguindo a corrente neopentecostal, têm um caráter enfaticamente emotivo e fundamentado nos ritos corporais, algo totalmente diferente à dependência da palavra no protestantismo histórico. Na IURD identificamos uma relação de contágio mágico entre os fiéis e alguns objetos. Eles fazem questão de tocar, encostar, ao menos relar nos “bens consagrados”. Muitos são os que ao chegarem ao culto tocam o altar antes de se acomodarem, dão o seu testemunho só para ter a unção com o óleo ou mesmo fazem alguma “oferta” para tocar na bíblia aberta sob o palco; outros estendem a mão e se esforçam ao máximo para que gotas de água lançados por galhos de arruda pelos “obreiros” toquem seu corpo ou mesmo inspiram com força para sentir o aroma da arruda que toma conta do ar. Enquanto no protestantismo clássico enfatiza-se a reflexão individual sobre a bíblia, na IURD a fé não é meditação e sim prática, conseqüentemente “ofertas”, “sacrifícios” e “desafios a Deus”.

Ao final, pastor solicita que todos fiquem de pé e levistem os objetos que trouxeram consigo para que estes sejam abençoados durante a oração de encerramento. As mulheres levantam suas bolsas, os homens carteiras e mochilas, muitas pessoas trazem em suas mãos fotos de parentes e de pessoas próximas, carteiras de trabalho, além de chaves de carros e de imóveis. É com este cenário que o pastor ora para que estes objetos sejam abençoados e tragam felicidade ao seu portador. A oração inclui a proteção do fiel na viagem de volta para casa para que na próxima reunião todos estejam presentes novamente. – “*Tchau!*” diz e acena o pastor ao terminar a oração. (Palmas). A plateia junta as suas coisas e logo o salão estará vazio, porém uma fila se forma numa das laterais do salão, são alguns fiéis que fazem questão de falar pessoalmente com o pastor que acabara de realizar a “reunião”.

CAPÍTULO 3 – A IURD E A TEATRALIZAÇÃO DA SUA BATALHA ESPIRITUAL

3.1. A Ritualização da Visão de Mundo Iurdiana

Finalizada a proposta que se dedicou à construção de uma narrativa da Sessão Espiritual do Descarrego, gostaria de expor alguns pontos a serem desenvolvidos na derradeira etapa desta dissertação. Capítulo cuja finalidade anseia em realizar uma análise do “ritual de exorcismo” praticado pela Igreja Universal do Reino de Deus – evento simbólico privilegiado para compreender esta instituição e os possíveis motivos de sua agressividade direcionada principalmente às religiões com as quais faz concorrência direta no “mercado de serviços religiosos” – presente não somente nas “Sessões do Descarrego” que observamos, mas devido à sua importância é intensamente explorado em todos os seus cultos e “reuniões”, inclusive na programação do canal de comunicação conhecido como IURD TV.

Antes de expor, brevemente, alguns pontos sobre a IURD TV e relatar a importância que a Igreja Universal do Reino de Deus atribui aos meios de comunicação para fazer publicidade da sua fé, é importante ressaltar que o “exorcismo” se refere a uma prática religiosa historicamente presente em todo o desdobramento do cristianismo, inclusive na corrente pentecostal. No entanto, a Igreja Universal do Reino de Deus levou esta atividade a estágios antes nunca praticados em uma denominação de matriz protestante, isto é, a IURD transformou o “exorcismo” – um evento não constante e até mesmo uma prática sem relevância entre as denominações pentecostais – na sua principal atração e no ponto máximo de demonstração do poder de Deus em suas pregações.

Não estou afirmando de forma alguma o desinteresse desses religiosos [a IURD] pela Bíblia. Afirmo, porém, que o estudo e o conhecimento desse livro não assumem uma centralidade que pode ser observada em outras igrejas evangélicas. Pelo menos em todas as diferentes igrejas já observadas, a reflexão sobre a Bíblia constitui o centro dos cultos. E é para o sermão que convergem todas as etapas iniciais da reunião. A oração e os cânticos são preparativos para o recebimento da “mensagem de Deus”

transmitidas pelas palavras do pregador. Na Igreja Universal, ao contrário, nem a Bíblia nem o sermão constituem a parte central do culto de “libertação” [“sessão de descarrego”]. Por mais que os pastores afirmem a importância do texto sagrado, o fato é que, em todos os cultos presenciados, o tempo destinado ao sermão sempre foi muito curto. O que procuro demonstrar é que o sermão – que compreende não só a reflexão do pastor, mas também o incentivo à leitura e ao estudo da Bíblia – não ocupa o ponto culminante da reunião. A centralidade da “sessão de descarrego” localiza-se num momento posterior, quando o exorcismo é realizado. É como se houvesse uma deslocação da pregação, ou melhor da doutrinação para o exorcismo (ALMEIDA, 2009, pp. 79-80).

Fundada em 2011 e de propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus, a denominada IURD TV é um canal de comunicação exclusivo cuja finalidade é divulgar suas mensagens e fazer propaganda de seus serviços religiosos, transmitindo – durante vinte e quatro horas por dia e todos os dias da semana, principalmente via internet – uma programação dedicada inteiramente ao conteúdo iurdiano²⁰. A preocupação dos líderes da Igreja Universal do Reino de Deus em aplicar grande quantidade de capital nos meios de comunicação é um fato já observado exaustivamente pelos iurdiólogos, contudo com a recente popularização da internet, esta rapidamente se tornou em mais um importante instrumento, juntamente com a televisão e a radiodifusão, utilizado para divulgar a sua mensagem. A importância crescente deste meio de comunicação e a infinidade de materiais divulgados nesta mídia, pela própria IURD, possibilitou adotar a internet como mais um importante recurso na obtenção de informações a fim de compreender a sua visão de mundo. Portanto, a internet, ou melhor, o conteúdo disponível e disponibilizado pela própria IURD nesta mídia – em especial o canal IURD TV – foi escolhido como fonte e uma importante referência para o

²⁰ A programação da IURD TV (iurdtv.com) também é transmitida integralmente em canais de televisão e de rádio. Neste último caso faz uso da Rede Aleluia, também patrimônio da Igreja Universal do Reino de Deus composta por quase oitenta emissoras espalhadas por todo o Brasil, e considerada a maior rede de radiodifusão da América Latina cobrindo aproximadamente 75% do território nacional.

desenvolvimento deste capítulo. Após esta rápida observação, voltemos ao nosso alvo de interesse.

A proposta central de abordagem para esta investigação pretende ser desenvolvida na estratégia mais eficaz e conseqüentemente de maior relevância, segundo o nosso entendimento, na política proselitista da Igreja Universal do Reino de Deus. Estratégia explícita na sua disposição e principalmente enorme habilidade em arrebanhar fiéis e alcançar um número crescente de consumidores para os seus serviços religiosos. Contudo, não nos referimos aos fortes investimentos praticado pelo grupo iurdiano, nas últimas décadas, tanto na área de comunicação quanto na construção civil em que templos e igrejas de dimensões colossais cada vez mais modernas e luxuosas²¹ são erguidas para divulgar a força e o poder da “marca” de sua instituição; nem estamos falando das acusações proferidas na esfera oficial e institucional por parte da IURD e direcionadas às religiões que esta declara abertamente como suas “inimigas – que tiveram o seu ápice na década de 1990 e que foram retratadas pela imprensa da época como episódios de uma guerra santa à brasileira. Mas, sobretudo, fazemos referência à conduta combativa e fundamentalmente aos conflitos travados simbólica e diariamente nos cultos iurdianos contra as “divindades” de suas concorrentes diretas no mercado religioso brasileiro, uma postura característica da Igreja Universal do Reino de Deus que é construída ritualmente e atualizada cotidianamente em suas “reuniões”, tendo como referência principal o seu chamado “ritual de exorcismo”.

Portanto, resumidamente, eis a proposta deste capítulo: realizar uma “descrição densa” do ritual de exorcismo praticado diariamente pela Igreja Universal do Reino de Deus tanto no interior de seus templos quanto nos estúdios profissionais em que são gravados os seus programas transmitidos via internet, televisão ou rádio para quem quiser ouvir, assistir e principalmente “testemunhar”.

Desta maneira, visando realizar uma “descrição densa” do ritual de exorcismo iurdiano, optamos por dividi-lo em três principais momentos: a primeira etapa seria a

²¹ O principal investimento atual da IURD está sendo construído no bairro do Brás na cidade de São Paulo-SP, ao lado da sede onde foi realizada a nossa pesquisa de campo, e trata-se de uma réplica idêntica, isto é, com as mesmas dimensões do Templo de Salomão original, e isto inclui até paredes cobertas totalmente por mármore importado do Oriente Médio.

chamada “manifestação do encosto”, instante em que a figura do pastor ou do bispo iurdiano “provoca” e “invoca” os chamados “encostos” a participarem diretamente das “reuniões” no interior da IURD; em segundo lugar estaria o “interrogatório” realizado pelo próprio pastor ou bispo com estes “encostos”, as perguntas direcionadas aos “encostos” como: – “*Quem é você?*”, “*Quais problemas você está causando na vida desta pessoa?*” e “*De que maneira você entrou na vida desta pessoa?*” descrevem muito bem a estrutura e o desenvolvimento desta “entrevista” que em muito lembra um interrogatório criminal; já, o terceiro e último momento seria o próprio “ato de exorcismo”, o ápice do ritual representado pelo instante em que se inicia a “expulsão” do “encosto” ou dos “encostos” do corpo e da vida das pessoas até então sob suas influências, momento que se concretiza a “vitória” iurdiana perante “as forças do mal”.

Alguns iurdiólogos retrataram a segunda etapa que compõe a chamada “manifestação do encosto” como uma “entrevista”, contudo neste trabalho optou-se por defini-la como um “interrogatório”, pois neste momento o pastor iurdiano parece assumir a postura de um policial procurando identificar os responsáveis por um determinado crime. Desta maneira o pastor iurdiano coage, agressivamente, o “encosto” a falar o que ele quer ouvir: o “encosto” confessando que é o, único, responsável por todos os infortúnios que aconteceram e acontecem na vida de sua vítima.

Ao investigar o “ritual de libertação” iurdiano, prática comum e de maior destaque nos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus, se pretende realizar uma reflexão sobre os elementos envolvidos neste conflito cuja natureza ultrapassa os limites do estritamente simbólico, mas principalmente permitir a compreensão da sua visão de mundo que explica, em boa parte, a sua conduta hostil e belicosa perante outras religiões e suas respectivas divindades.

Enfim, nesta etapa da pesquisa a proposta é construir uma interpretação sobre o ritual de exorcismo praticado pela Igreja Universal do Reino de Deus. Contudo a escolha por este ritual em específico ocorre não exclusivamente por se referir a uma prática que coloca em cena e de maneira peculiar importantes elementos simbólicos da Igreja Universal do Reino de Deus, mas fundamentalmente porque o ritual de exorcismo praticado pela IURD materializa, de maneira didática e dinâmica, para os espectadores a sua visão de mundo fundamentalmente baseada na ideia de que

todo infortúnio na vida dessas pessoas são consequências diretas da “batalha travada no plano espiritual entre o bem e o mal”.

Portanto, segundo a nossa interpretação, a prática do exorcismo iurdiano é o principal foco da política proselitista da Igreja Universal do Reino de Deus. Ou seja, é uma das principais, senão a principal estratégia da fórmula de sucesso da IURD no mercado religioso brasileiro, pois ao “*tornar em espetáculo*” a sua visão de mundo através do seu ritual de exorcismo coloca em cena, no formato da experiência pessoal, as crenças, as necessidades, os desejos mais profundos e principalmente as frustrações dos seus fiéis-espectadores que vivem em uma sociedade regida pela lógica do consumo.

Assim, a incrível expansão da Igreja Universal do Reino de Deus no cenário religioso brasileiro e em tão pouco tempo não pode ser justificada exclusivamente pelos altos investimentos nos meios de comunicação em massa para a divulgação de sua mensagem, mas sim a sua própria mensagem religiosa, construída e divulgada no formato de espetáculo através do seu ritual de exorcismo, pode ser considerada como o motivo mais propício ao seu sucesso. Desta forma, as inúmeras estações de rádio, a própria programação religiosa da Rede Record em conjunto com as dezenas de horas compradas em outras emissoras de televisão e os recentes investimentos em redes sociais na internet, praticados pela IURD, não passam de instrumentos refinados para a divulgação da sua visão de mundo. Isto é, são meios modernos e efetivos no alcance das pessoas afim de convidá-las a presenciarem, ao vivo e pessoalmente, toda a intensidade do espetáculo que é o seu ritual de exorcismo, “*em uma sede da Igreja Universal do Reino de Deus mais próxima*”.

Diferente do tele-evangelismo praticado nos EUA, o qual o próprio neopentecostalismo brasileiro é descendente, todos esses canais de divulgação da IURD tem uma única finalidade e levam os seus espectadores a um só lugar: à visitar um de seus inúmeros templos e participar de uma de suas “reuniões” “testemunhando”, pessoalmente, o seu “ritual de libertação” para consequentemente compreender a interpretação do mundo da Igreja Universal do Reino de Deus.

Assim, o “ritual de libertação” iurdiano não pode ser retratado como um evento simbólico isolado à sua política expansionista de mercado, pois a presença e a importância deste ritual, em quase todas as suas “reuniões”, demonstram que este

evento simbólico é demasiadamente essencial para o funcionamento da Igreja Universal do Reino de Deus, uma instituição cuja lógica fundamental de sua mensagem é baseada no proselitismo religioso. E mais, podemos dizer que o sucesso iurdiano no cenário religioso brasileiro está diretamente relacionado a este evento simbólico e à *teatralização* da sua visão, beligerante, do mundo [espiritual].

Desta maneira, finaliza-se a apresentação deste capítulo ressaltando a importância do mundo simbólico na compreensão de algumas instituições sociais e de seus instrumentos de manutenção, como bem nos lembra Geertz (1991, p.170): “[...] A limitação da análise interpretativa na maior parte da antropologia contemporânea ao aspecto supostamente mais ‘simbólico’ da cultura é um mero preconceito, nascido da noção, também presenteada pelo século XIX, de que o ‘simbólico’ se opõe ao ‘real’ como o extravagante ao sombrio, o figurativo ao literal, o obscuro ao simples, o estético ao prático, o místico ao mundano e o decorativo ao substancial [...] este preconceito tem que ser posto de lado, juntamente com o aliado que diz que a dramaturgia do poder é exterior ao seu funcionamento.” Tende-se a compreender separadamente o simbólico ao real, no entanto como enfatizou este mesmo antropólogo “[...] O real é tão imaginado como o imaginário”.

3.2. Uma “Descrição Densa” do “Ritual de Libertação” Iurdiano

Nas idas a campo, ou seja, durante as inúmeras Sessões Espirituais do Descarrego das quais foi possível participar²², foram acompanhados diretamente e com certa frequência diversos exorcismos praticados no interior da Igreja Universal do Reino de Deus. Contudo, vale ressaltar que este ritual não é conhecido, de maneira nominal, dentro da IURD como “exorcismo” e sim como um momento de

²² Opta-se por utilizar o verbo “participar” ao “observar”, pois se leva em consideração que enquanto pesquisador ou mesmo como espectador de um espetáculo, neste caso um culto iurdiano, sempre estamos por construir uma interpretação deste. Também se ressalta que nestes cultos os fiéis espectadores são constantemente convidados e até mesmo “coagidos” pelo pastor a participar diretamente na construção da “reunião” seja cantando, batendo palmas, reproduzindo as coreografias das músicas ou até mesmo para auxiliá-lo no momento de exorcizar o chamado “encosto”.

“libertação”; libertação no sentido de se livrar da influência do “mal” – e, no caso iurdiano, o “mal” é corporificado nos chamados “encostos”, ou melhor, é materializado ao tornar-se visível através das performáticas “manifestações” dos seus “encostos”. Portanto, a partir deste momento, utilizar-se-á a expressão “ritual de libertação” para se referir a esta prática tão difundida em toda a Igreja Universal do Reino de Deus.

Observando mais atentamente ao conjunto dessas “reuniões” pode-se afirmar que o desenvolvimento das pregações dos pastores, ao menos no caso da “Sessão do Descarrego”, segue um mesmo roteiro. Esta consideração foi desenvolvida no capítulo anterior e a mesma pode ser feita em relação à estrutura do exorcismo praticado pela IURD. Por isso, um “ritual de libertação” iurdiano, em específico, foi selecionado para construir uma “descrição densa” deste evento tão importante e enfaticamente praticado no interior da Igreja Universal do Reino de Deus.

No entanto, o “ritual de libertação” que será descrito neste momento não foi testemunhado *in loco*, isto é, não foi, especificamente, presenciado em uma das visitas à Catedral da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brás. O ritual em questão, se refere a um exorcismo que foi realizado dentro de um estúdio de gravações da própria Igreja Universal do Reino de Deus, transmitido de maneira integral pela IURD TV e disponibilizado na internet. Se concretizou esta opção, principalmente, porque foi possível identificar uma estrutura comum aos “rituais de libertação” praticados pela Igreja Universal do Reino de Deus, portanto o caso escolhido é representativo, pois traz consigo muitos dos elementos e das características presentes nos exorcismos acompanhados em seus cultos.

A escolha por um “ritual de libertação” disponibilizado na *internet*, pela própria IURD, é justificável também pela tentativa de se evitar que esta interpretação estivesse [muito] vulnerável, ou ao menos, tão exposta e suscetível às mutilações, exageros ou distorções, descomedidas, por parte da memória de seu pesquisador. Devido ao fato de que este não foi acompanhado de seu diário ou caderno de campo para fazer anotações durante a pesquisa realizadas nos cultos; medida adotada para não chamar a atenção e evitar possíveis questionamentos, por parte dos membros da IURD, sobre a sua presença e principalmente intenções nestas “reuniões”, e que muito provavelmente colocariam em risco a realização da própria pesquisa por motivos já observados no início desta dissertação.

Todavia, a contribuição mais fecunda desta escolha – a opção por uma fonte disponível na *internet* – é a alternativa de dar ao leitor a possibilidade de acessar ao conteúdo analisado e, assim, construir uma reflexão própria, estabelecendo um diálogo da sua interpretação com a visão que o autor desta pesquisa teve em relação ao mesmo caso²³.

O “ritual de libertação” escolhido para fundamentar esta “descrição densa” foi realizado durante a programação iurdiana denominada “Duelo dos Deuses” e apresentada pelo bispo Guaracy Santos. O “Duelo dos Deuses” é um programa transmitido diariamente às nove horas da manhã pela IURD TV e reprisado durante as madrugadas neste mesmo canal. O site institucional da Igreja Universal do Reino de Deus, assim, o descreve: *“Duelo dos Deuses – Bispo Guaracy Santos usa autoridade divina a ele concedida para libertar os que se encontram subjugados pelo mal”*. E complementa: *“Durante a atração, o bispo ministra a libertação de quem participa do programa no estúdio e também de quem liga para o SOS Espiritual em busca de ajuda. Quase todos os dias, pessoas possuídas por espíritos malignos manifestam e são libertas de uma vez por todas, em nome do Senhor Jesus Cristo. [...] Os sintomas dos que buscam ajuda são vários, dentre eles, perturbações espirituais, audição de vozes, visão de vultos, dores de cabeça constantes e doenças que os médicos não conseguem diagnosticar”*.

Ao que tudo indica o programa “Duelo dos Deuses” aparenta ser a versão *talk show* da “Sessão Espiritual do Descarrego”, pois mesmo com formatos diferentes, a sua dinâmica e a sua proposta, como vimos acima, é muito semelhante ao argumento central difundido pela IURD para a “Sessão do Descarrego”, principalmente pela natureza das aflições, dos problemas e dos sintomas enfrentados pelas pessoas que as procuram. Prova disso é o “testemunho” – idêntico aos muitos que se pôde ouvir durante as diversas “Sessões do Descarrego” presenciadas ao longo de toda a pesquisa de campo – apresentado na mesma página virtual institucional do grupo IURD para divulgar a programação do “Duelo dos Deuses”, eis o relato: *“Sofrimento e Mudança” – Desespero, fortes dores no*

²³ *Link* ao conteúdo analisado: http://www.youtube.com/watch?v=E35-5_VBfW0 (acesso em 29/04/2013).

corpo, medo e desejo de morrer eram os sentimentos que torturavam a secretária Lilia Santos Silva (foto), de 43 anos. Ela declara que depois que realizou vários exames, os médicos não diagnosticaram nada em seu corpo que pudesse causar as constantes dores. “Eles concluíram que eu estava com uma forte depressão”. Tudo isso aconteceu mesmo durante o período em que eu era membro de uma igreja evangélica”, lembra. Não houve progresso mesmo após fazer tratamentos psicológicos e psiquiátricos e tomar medicamentos de tarja preta. O marido dela, Luis Carlos Trindade da Silva, de 46 anos, e os três filhos do casal testemunharam a ruína de uma pessoa que sempre promoveu alegria e harmonia no lar. “Eles sofreram muito. Eu estava num inferno e arrastei a minha família comigo. Eu tinha insônia, estava sempre nervosa, brigava por qualquer motivo e chorava constantemente. Cheguei a pesar 36 quilos. Mesmo com o uso dos remédios, as crises eram frequentes”, conta. A mudança radical aconteceu na vida de Lilia quando ela aprendeu a combater a depressão usando a fé em Jesus Cristo na Igreja Universal do Reino de Deus, na Bahia. “Percebi que o problema não era clínico, mas sim espiritual. Havia um mal em minha vida. Após participar das reuniões de libertação na IURD fiquei absolutamente curada. Hoje tenho paz, alegria e prazer de viver. Toda a minha família está na presença de Deus. Vivemos num pedacinho do céu”, finaliza.

Uma peculiaridade que encontramos no “Duelo dos Deuses” é o quadro chamado “SOS Espiritual”: um número telefônico disponível para quem queira gravar uma mensagem delatando os problemas, as aflições e as dificuldades que está enfrentando. Muitas dessas mensagens são lidas e explicadas no quadro “A ex-Sensitiva Responde” no qual normalmente uma antiga mãe de santo, agora convertida à IURD, faz o uso de todo o seu conhecimento sobre “os trabalhos” praticados nas chamadas “casas de encosto” para identificar qual tipo de “feitiço” ou “maldição” está prejudicando esta pessoa que somente poderá ser “libertada” com a visita, o mais rápido possível e exclusivamente, a um dos templos da Igreja Universal do Reino de Deus para “quebrar” este “feitiço” ou “maldição”.

Importante observar, também, que o nome do programa “Duelo dos Deuses” explicita e traduz de maneira bem direta a visão de mundo defendida pela IURD, uma interpretação de que tudo que acontece no mundo secular é consequência direta da “batalha travada no plano espiritual entre o bem e o mal”.

Figura importante frente à programação do “Duelo dos Deuses” é o bispo Guaracy Santos, com sua voz grave e semblante não muito simpático ainda mais quanto está interpelando um “encosto” – em muitos momentos durante o seu programa este assume uma postura agressiva, inclusive faz uso de uma linguagem que com a sua postura corporal em muito lembra um policial – para explicitar a gravidade e os inúmeros problemas causados pelos “falsos deuses” venerados nas chamadas “casas de encosto”. Filho e neto de pais de santo, de formação religiosa na matriz africana e herdeiro direto do terreiro de seu pai biológico, o bispo Guaracy se converteu ainda jovem à Igreja Universal do Reino de Deus no estado da Bahia, onde iniciou sua trajetória como pastor e alcançou grande sucesso, principalmente pelo reconhecimento de seu amplo conhecimento das práticas das “casas de encostos” e conseqüentemente da “arte” de “desfazer trabalhos” e “quebrar feitiços e maldições”. Atualmente prega principalmente na Catedral da IURD do bairro de Santo Amaro em São Paulo, cidade da qual é transmitido o seu programa “Duelo dos Deuses” e que devido ao sucesso deste, atualmente o bispo Guaracy faz viagens semanais para sedes iurdianas de diferentes regiões do Brasil para divulgar o seu trabalho e o nome da instituição.

Após relatarmos mesmo que brevemente o perfil do bispo Guaracy e do seu programa “Duelo dos Deuses” da IURD TV, iniciaremos uma “descrição densa” de um “ritual de libertação” praticado por este mesmo bispo em seu programa, um exorcismo que adotamos como modelo deste tipo de ritual tão praticado no interior da Igreja Universal do Reino de Deus.

A “Manifestação do Encosto”

Ao início deste episódio do programa “Duelo dos Deuses”, bispo Guaracy se encontra de pé segurando ao microfone e acompanhado do pastor Leno que o auxilia neste dia. À sua frente, do outro lado da mesa de vidro que separa os apresentadores de seus convidados, está sentada a senhora N.A., ou simplesmente senhora N, que se encontra com as costas viradas para as câmeras com o intuito de não ser identificada.

Bispo Guaracy percebendo que alguma coisa está a incomodar a senhora N, logo a interpela e, assim, começa o “atendimento”:

- *A senhora está aflita, não é?*

- *Estou. O meu coração está palpitando.* (Responde a senhora N).

Em seguida o Bispo Guaracy faz uma bateria de perguntas, aumentando o tom de sua voz.

- *A senhora está se sentindo desconfortável aqui?... Por que a senhora só olha para baixo? [...] A senhora não consegue olhar para a gente, não?*

- *Não.* Responde a senhora N, aparentando um certo constrangimento ou medo.

- *Porque que a senhora não fita os olhos na gente, nos homens de Deus?*

- *Eu não consigo.*

- *Olha para mim, por favor! Olha para mim, senhora! Olha para mim!*

Após essas perguntas sem respostas da senhora N, um silêncio constrangedor toma conta do estúdio.

- *Olha prestem atenção, você [...] (o bispo Guaracy se referindo ao pastor auxiliar) [...] já sabe o quê esta acontecendo ali agora, não é? Olha só. E que isso sirva de alerta para quem está assistindo ao [programa] “Duelo dos Deuses” pra entender que quando uma pessoa está “carregada”, o espírito maligno não dá paz para ela um minuto se quer. Essas conversas que tem dentro das “casas de chiqueiro” (O bispo se referindo aos terreiros ou no termo iurdiano “casa de encosto”): - O “guia” abre e você “vai subir” ou “vai descer” é conversa fiada, é o jeito de enganar trouxa e fazer a pessoa acreditar que possam existir momentos do seu dia em que o diabo se afasta. [Mas] isso não existe! Não existe espírito subindo ou*

descendo, isso não existe. Existe espírito se manifestando ou não. Mas quando ele está dentro de alguém ali ele fica o tempo inteiro, ele não poupa uma se quer das vinte e quatro horas do seu dia. Por isso que essa senhora está aqui...e eu posso dizer que, sinceramente, ela já está manifestada. Vocês vão ver...o espírito maligno que está dentro dela não resistindo.

Neste momento a câmera fecha a imagem nos olhos da senhora N, e então o bispo Guaracy começa a “provocar a manifestação do encosto” alojado na senhora N. Na legenda na parte inferior do vídeo está escrito: “*Duelo dos Deuses com o BP Guaracy ministrando a libertação da senhora N.A.*”

- Força das trevas que está ai oculta dentro dela. O demônio que não deixa ela olhar pra gente, solta as emoções dela e toma o corpo por inteiro. Por inteiro, manifesta ai agora! Agora! Agora! Agora!

A imagem da câmera fica distorcida para impossibilitar a identificação do rosto da senhora N. E o bispo Guaracy continua “provocando o encosto a se manifestar”.

- O espírito maligno que está ai, não deixando ela se concentrar ou olhar para a gente [“os homens de Deus”], o demônio que está criando nela uma repulsa para o quê a gente está falando; e olha que a gente ainda não falou nada! Mas o pouco que falou, já criou um desconforto pra você [demônio]. PODE MANIFESTAR AI, POR INTEIRO!!! RRRÁPIDO, JÁÁÁ!!! Isso...

A feição da senhora N começa a mudar e indicar a “manifestação”.

- Isso! O mais forte de todos os “encostos” que está ai, o maior!

Enquanto isso, ao fundo, ouvi-se que o pastor auxiliar realiza uma oração, proferindo em tom calmo: *“em nome de Jesus...em nome de Jesus...”*.

- Aquele que sentou com ela quando ela sentou aqui. Isso, você já sentou com ela ai diabo. Isso por inteiro.

Neste momento o pastor auxiliar faz uma observação:

- Bispo, olha as mãos! Olha as mãos dela rasgando o papel!

O operador da câmera, obedecendo ao pastor, foca nas mãos da senhora N, todas retorcidas e rasgando o lenço de papel que esta segurava para enxugar as lágrimas. Assim, o bispo Guaracy retoma a fala:

- Olhas as mãos! Olha as mãos, olha só! Olha só, porque já está “manifestado”, olha só, olha só! A pessoa vai pro trabalho assim, imagine atravessar a rua assim [...] é uma bomba relógio, qualquer pessoa que tem um demônio dentro de si, ela é uma bomba?

- ...relógio. (Completa o pastor auxiliar, lembrando a mesma dinâmica dos pastores praticada nos cultos iurdianos que acompanhei. Um pastor inicia a frase e a multidão de fiéis a completa, lembrando e não por acaso a mesma dinâmica praticada em sala de aula por alguns professores para prender a atenção dos alunos e fazê-los participar da aula)

- Que pode explodir a qualquer momento em tragédia, pra ela e pra quem está a volta dela. (Continua o bispo).

- Olha lá, Olha lá ele [o demônio] já manifestando por inteiro, olha. Isso, isso...chega como chega em seu “chiqueiro”. Isso, vem por inteiro, RRRÁPIDO, JÁÁ!! Manifesta por inteiro!!!

- Olha só, olha só! (Exclama o bispo ao seu auxiliar).

- *Ela [a senhora N] não está conseguindo falar com a gente, não está conseguindo olhar pra gente, não está!* (Retoma o bispo Guaracy).

Gemidos são proferidos pela senhora N.

- *Isso mais forte!* (Exclama o bispo). *Mais forte! O que diz que não sai, o que diz que não sai! O que comanda a Falange! O que comanda todas as legiões que estão dentro dela.*

Neste momento, a imagem já mostra que o pastor auxiliar está de pé ao lado da senhora N e com as mãos em sua cabeça provocando a “manifestação do encosto” com mais intensidade e agressividade. Assim, a senhora N começa a se agitar com movimentos cada vez mais bruscos.

- *Olha ai, olha que situação...* (Diz o bispo). *Olha ai, RRRÁPIDO, JÁÁ!!! Chega, chega por inteiro.*

Repentina e aparentemente o “encosto” acata as palavras do bispo e se “manifesta por inteiro” no corpo da senhora N. Esta agora de pé, faz movimentos ainda mais bruscos e desordenados.

Neste momento, a senhora N se joga ao chão e aos berros, em uma mistura de gritos e gemidos histéricos.

- *Olha ai, Olha ai. Estão vendo? E, que isto sirva como um alerta para você que não tem um conhecimento de causa e acha que possa existir...* (Inicia o bispo Guaracy, mas é logo interrompido para dar espaço aos comerciais).

Neste momento, com o “encosto” da senhora N “manifestado”, acontece um intervalo para os comerciais.

O “Interrogatório do Encosto”

Após os comerciais, a imagem volta ao estúdio onde aparece o Bispo Guaracy e o pastor auxiliar sentados atrás da bancada, como dois apresentadores de telejornal, com seus *tablets* e canecas sobre esta, e a frente dos dois encontra-se a senhora N ainda manifestada de joelhos, com as mãos cerradas para trás e ainda de costas para a câmera.

- Muito bem estamos de volta, e olha aí... [...] (reinicia o bispo Guaracy apontando para o “encosto” a sua frente) [...] Daqui a pouquinho a gente vai ministrar a “libertação” dela, mas vamos aos primeiros comentários que tem muita gente entrando aqui [...].

Fala o bispo apontando para o *tablet* a sua frente, e então o pastor auxiliar Leno começa a ler alguns comentários de telespectadores enviados por e-mail e logo abaixo do visor da televisão aparece a seguinte legenda: “*Envie um sms com o link da IURD TV para seus amigos: www.iurdtv.com*”. Enquanto isso o “encosto” da senhora N, em silencio e bem comportado, espera a sua vez de ser solicitado. E, após a leitura dos comentários, o bispo dá a seguinte ordem ao pastor auxiliar:

- [Pastor] Leno, vai lá! Manda vir o chefe. (Apontando para o “encosto”). Porque o que está ali é um enganador, ele está tentando te enganar há várias semanas, este “desgraçado”! [Ele] não é o chefe, não! Ele está tentando te enrolar, heim?!

E com o mesmo tom irônico presente nas ordens do bispo Guaracy, o pastor Lino responde: - *Tá amarrado, bispo!*

E o pastor se aproxima do “encosto” que se encontra de joelhos e solicita a “manifestação” do “chefe” pegando com as duas mãos a nuca e a cabeça da senhora N e gritando com os dentes serrados em seus ouvidos:

- Chega o chefe, aqui e agora!!! O chefe!!! O chefe!!! O chefe, desgraçado! O Chefe!!! Sai da onde você estiver, agora! Chega aqui dando o seu grito de derrota, o chefe. O chefe, porque você é queimado aqui e agora.

Gemidos e gritos de dor, ainda mais intensos, saem da boca da senhora N.

- Sai das emoções, sai dos sentimentos. Sai do coração dela, da onde você estiver!

E, finalmente, inicia-se a “entrevista”, aos moldes de um interrogatório criminal, do pastor Leno com o “encosto manifestado” na senhora N. E, assim, interroga o pastor:

- Quem é você?

- Eu quero ir embora!!! Ai, me larga!!! (Esbraveja o “encosto”).

- Não, você não é o chefe!! O chefe não manifesta assim, pedindo para ir embora, não! (Retruca o pastor exorcista). - Chega aqui o chefe, em nome do senhor Jesus. “Manifesta” o cabeça, o mais forte. Isso o mais forte!!!

Então, aumenta a intensidade dos gritos e gemidos do “encosto”. Assim como aumenta a intensidade de seus movimentos querendo se livrar das mãos do pastor. Neste momento, um longo e bem mais alto e histérico grito é ouvido.

- *O que é que você quer comigo?* (Exclama o “chefe” finalizando a pergunta com um palavrão em alto e bom som).

- *Cala a boca!!!* (Reprime rapidamente o pastor). - *Tá amarrado!!! A tua língua, cala a boca!!!* - *Quem é você?* - *Quem é você?* (insiste novamente o pastor Leno).

Então o “encosto” responde: - *Exu Caveira. Eu sou.*

- *Tem quantos ai com ela? Fala?* (Pergunta o pastor).

- *A legião toda!!!* (Grita o exu caveira).

- *Você é o chefe da legião?*

- *Souuuuu!!!*

- *Está fazendo o que na vida dela?* (Quer saber o pastor).

- *Destruindo!!!* (Responde o “encosto”).

- *Destruindo como? Fala!* (Interpela o pastor).

- *Acabando com ela! Comendo a carne dela!* (Diz o “encosto”).

- *Você colocou alguma doença nela?* (Pergunta o pastor).

- *Botei várias!!! Várias!* (Completa o “encosto”).

Neste momento volta em cena o bispo Guaracy, enquanto o exu caveira iurdiano continua toda a sua performance que inclui gritos, respiração ofegante, palavras proferidas em tom grave, olhos revirados, mãos e dedos contorcidos.

- *Tá vendo?! Olha ai... É aquilo o que eu falo, um abismo chama outro abismo. Nem toda pessoa doente tem um “encosto”, mas quem está “carregado de capeta” vai ter uma porção de...?*

- *... Doença.* (Completa o pastor Leno).

- *Enfermidades!!!* (Retruca o bispo Guaracy, demonstrando assumir o controle da situação em relação ao “encosto” e também ao prosseguimento do programa).

- *Olha ai, e quando parece que a pessoa está se recuperando de uma, cai com outra!* (Complementa o bispo).

Neste momento o bispo Guaracy convida o pastor Leno a “expulsar” o “encosto”, colocando as suas mãos junto com as do pastor sobre a cabeça da senhora N.

- *Agora, vamos torturar este desgraçado, Leno! Vamos lá!!!* (Comemora o bispo).

- *Traz na sua companhia a falange inteira! RRÁPIDO!! JÁÁ!!!* (“Evoca” o bispo enquanto o “encosto” se contorce todo e violentamente).

- *Traz ai a cambada toda! Você disse que tem uma falange. Traz a falange inteira, agora!!! Traz a legião inteira! Traz a legião inteira na sua companhia! Vamos lá!! RRÁPIDO, JÁÁ!!!* (O “encosto” começa a se debater ainda mais violentamente com seus gritos ensurdecedores).

- *Já! isso! Isso!!!*

- *Ahh!!! Ahh!!!* (Grita o “encosto” se contorcendo ainda mais rapidamente). - *Você está proibido de machucá-la!* (Ordena o bispo, visando que o “encosto” não machuque o corpo da senhora N).

A Humilhação e a Expulsão do “Encosto”

- *E agora prepara a tua bagagem!* (Ordena o bispo).

- *Não!!!* (Grita o “encosto”).

- *Mas antes disso, eu vou ouvir o seu grito de dor.* (Ameaça e também comemora o bispo).

- *Não! Não!!!* (Gritos de dor são ainda mais altos e histéricos).

- *Porque você é torturado agora! Cada gemido, cada ai, cada ui que esta mulher deu em vida, quem vai dar, agora, é você [encosto]!*.

E continuando a sessão de tortura do “encosto” da senhora N, o bispo diz:

- *Jesus, incendeia a casa de satã! Incendeia o esconderijo dele! E que toda a cambada que esteja lá seja queimada!*

- *Queimado! Queimado!* (Repete várias vezes o bispo com muita agressividade)

- *Ahh! Ahh! Ahh!* (Grita ainda mais o “encosto” com sua respiração ainda mais ofegante).

- *Queimado! Torturado, totalmente torturado! - Seja queimado, seja amarrado, seja destruído em sua força, seu desgraçado! Queimado!*

- *Eu ainda não ouvi você confessando a sua derrota e pedindo pra sair! Fala: - Eu, exu caveira sou um frouxo!!!* (Ordena o bispo para que o “encosto” repita as suas palavras).

- *Não!!!* (Responde gritando o encosto, relutando).

- *Diga: - Um frouxo! Um frouxo! Um frouxo!!!* (Ordena com maior intensidade o bispo).

- *Não! Não! Não!!!* (Reluta o exu caveira iurdiano).

- *Eu quero ouvir um frouxo!!!* (Explode o bispo em meios aos gemidos do “encosto”). – *Eu quero ouvir: um frouxo , agora!!! - Diga: Eu sou frouxo!!!* (Repete mais uma vez o bispo).

- *Não!!!* (Retruca o teimoso “encosto”).

- *Jesus manda fogo setenta vezes mais forte do que mandou até aqui! Quebre o arco deste desgraçado! Quebra a força dele!!!*

(Esbraveja o, já sem paciência, bispo Guaracy). - *E queima! E queima! Queima!*

- *Você não vai me destruir!* (Fala o já bastante humilhado exu caveira iurdiano tentando demonstrar as suas últimas forças).

- *E, queima! Queima!* (Retruca o bispo, até que):

- *Eu sou frouxo. - Eu sou frouxo!!* (Grita o já vencido, humilhado e exausto “encosto”).

- *Ah, e é mesmo!!!* (Comemora o bispo por mais uma vitória na guerra contra o “mal”).

- *Eu não aguento mais! - Eu largo ela!* (Desiste e se entrega o cansado e derrotado “encosto”).

- *Não!!!! Eu tiro você dela em Cristo Jesus! Não é você que larga dela, não!* (Retruca o bispo e ainda complementa):

- *Eu tomo ela da tua mão! Perdeu, seu desgraçado! - Perdeu seu desgraçado! Perdeu, seu desgraçado!!!*

E para finalizar com os sofrimentos e as influências do “encosto” na vida da senhora N, o bispo Guaracy realiza o golpe final:

- *E, em nome de Jesus: Sai! Sai! Saiii!!!*

Finaliza o bispo, expulsando o “demônio” da vida da senhora N.

- *E, não volta nunca mais!!!* (Diz o bispo, com uma voz já mais calma tranquilizando a senhora N que meio desorientanda, sem entender

muito bem o que aconteceu, apenas chora “de alívio e de felicidade”).

3.3. Um Olhar sobre o “Ritual de Libertação” Iurdiano

Acompanhando a trajetória de desdobramento dos “exorcismos” presentes na IURD foi possível identificar, como diversos *iurdiólogos* observaram, um formato comum entre estes rituais. Desta maneira, a uniformidade no desenvolvimento dos “rituais de libertação” e a presença constante de certos elementos são características importantes que possibilitam realizar uma análise desta prática tão imprescindível para a sustentação da instituição iurdiana como um todo.

Na descrição realizada a pouco, foi possível identificar três principais momentos – a “manifestação”, o “interrogatório” e a “expulsão do encosto” – além de alguns componentes significativos que dão forma a estes “exorcismos”. E, é a partir deles que se pretende realizar, neste momento, uma abordagem interpretativa do “ritual de libertação” praticado no interior da Igreja Universal do Reino de Deus.

O ritual iurdiano que estamos preocupados em analisar se inicia com a chamada “manifestação do encosto”, momento em que a figura do pastor ou do bispo provoca, intensamente, e invoca a participação direta do “inimigo” em sua pregação. No episódio do programa “Duelo dos Deuses”, a pouco retratado, o bispo Guaracy evoca a “manifestação do encosto” da senhora N, com as seguintes frases intimidadoras:

- Força das trevas que está ai, oculta dentro dela. O demônio que não deixa ela olhar pra gente, solta as emoções dela e toma o corpo por inteiro. Por inteiro, manifesta ai, agora! Agora! Agora! Agora!

- O espírito maligno que está ai, não deixando ela se concentrar ou olhar para a gente, o demônio que está criando nela uma repulsa

para o que a gente está falando; e olha que a gente ainda não falou nada! Mas o pouco que falou, já criou um desconforto pra você, demônio. Pode manifestar ai, por inteiro!!! Rápido, já!!! Isso.

- Aquele que sentou com ela quando ela sentou aqui. Isso, você já sentou com ela ai, diabo. Manifesta por inteiro, Já!.

O inimigo neste caso são as “forças demoníacas” responsáveis e a causa única, segundo a IURD, dos problemas de saúde, de relacionamento, profissionais e financeiros que afligem as pessoas. Aliás, a maioria esmagadora dos que recorrem às suas “reuniões”, influenciadas pela mensagem de “libertação” difundida pela IURD, estão à procura de solução para as suas aflições. Neste caso, se pode observar que tanto a clientela que recorre aos serviços religiosos disponíveis nos cultos iurdianos quanto nos terreiros de Umbanda, possuem um perfil em comum: a busca por uma intervenção divina para solucionar os seus problemas de ordem mundana e secular.

Em relação a este paralelo entre a IURD e a Umbanda, é possível recorrer ao texto *Duas Respostas à Aflição: umbanda e pentecostalismo* no qual Peter Fry e Gary Nigel Howe definem que no contexto urbano do Brasil:

[...] os tipos de aflição podem ser agrupados em três áreas: em primeiro lugar vem a saúde; em segundo, o que nós chamaríamos “operando o sistema”, isto é, subemprego, não-pagamento de salários e dívidas, questões com a polícia, encontro com autoridades burocráticas e etc.; em terceiro a aflição que resulta de dificuldades em associação interpessoal. Este último incluiria as aflições decorrentes de problemas de amor, quebra da harmonia familiar e problemas de relacionamento de parentesco e vizinhança (FRY & HOWE, 1975, p. 75).

Segundo Fry e Howe (1975, p.75) foram diversas as agências e instituições criadas como respostas a estas aflições, incluindo “[...] médicos, farmacêuticos, advogados, despachantes, sindicatos, psiquiatras, a igreja católica (tanto a “oficial” quanto a “popular”), curandeiros, pentecostalismo, espiritismo, umbanda”. Segundo

os autores, enquanto as agências seculares cada uma se dedica às suas especificidades, as de ordem religiosa oferecem e prometem a solução para toda e qualquer aflição, independente da sua natureza. E, tanto a Umbanda quanto o pentecostalismo, entre as agências religiosas, têm uma peculiaridade em comum em relação a sua forma de recrutamento, pois recrutam os seus seguidores ou fiéis geralmente através e por causa das aflições. Por isso que, por empréstimo de Victor Turner (1967), estes autores definem tanto o pentecostalismo quanto a Umbanda como “cultos de aflição”, pois doenças e sofrimentos das mais diversas naturezas são, em grande parte, as condições preliminares para a filiação nestas religiões.

Traçar um paralelo entre a IURD e a Umbanda se apresenta como uma boa estratégia para retomar a análise da chamada “manifestação do encosto” iurdiano. Enquanto na Umbanda é usual as expressões “receber”, “baixar” ou “incorporar o santo” para indicar que a pessoa está sobre influência de alguma “entidade”; os membros da Igreja Universal do Reino de Deus compartilham, exclusivamente, o verbo “manifestar” para se referir à *performance* do “encosto”. É comum a cena, em terreiros de Umbanda, que o indivíduo ao “receber o santo” começa a tremer e agitar o seu corpo rápida e involuntariamente, uma maneira de demonstrar que a “entidade” está se “ajeitando” ao formato do corpo de seu “cavalo”²⁴ e principalmente para demarcar, ritualmente, que a partir deste momento a “entidade baixou” ou já está “incorporada”. Ao passo que na IURD não há a preocupação e nem mesmo o interesse em delimitar o momento exato da “incorporação” do chamado “encosto”, pois segundo a sua interpretação a pessoa sob a influência do “mal”, na maioria das vezes, já traz consigo e “carrega” dentro do seu corpo um “encosto” escondido, por isso que em suas “reuniões” estes são encitados à “manifestar” e não à “incorporar” no corpo da pessoa.

No “ritual de libertação” iurdiano descrito a pouco, o bispo Guaracy elucida bem a questão alertando de maneira enfática a necessidade de esclarecer e reforçar esta distinção:

²⁴ A expressão “cavalo” é utilizada na Umbanda para simbolizar o corpo do *médium* umbandista como um receptáculo da força divina representada por uma determinada “entidade”. O médium como veículo dos orixás; o médium é “cavalo” de um ou vários orixás.

- *E que isso sirva de alerta para quem está assistindo ao “Duelo dos Deuses”, para entender que quando uma pessoa está “carregada”, o espírito maligno não dá paz para ela um minuto se quer. Essas conversas que tem dentro das “casas de chiqueiro” de que você “abre” e o guia “vai subir” ou “vai descer” é conversa fiada, é o jeito de enganar trouxa e fazer a pessoa acreditar que possa existir momentos do seu dia em que o diabo se afasta. Isto não existe! “Não existe espírito “subindo” ou “descendo”. Existe espírito se “manifestando” ou não”. Mas quando ele está “dentro” de alguém ali ele fica o tempo inteiro, ele não poupa uma se quer das vinte e quatro horas do seu dia. Por isso que esta senhora está aqui. E eu posso dizer que, sinceramente, ela já está “manifestada”. Vocês vão ver o espírito maligno que está “dentro” dela não “resistindo”.*

O “encosto”, ao iniciar a sua *performance*, indica que o bispo ou o pastor alcançou o seu primeiro objetivo dentro do ritual de “exorcismo” iurdiano: demonstrar e “comprovar” que a pessoa, enfrentando sérios problemas em sua vida e que busca a sua “libertação” através dos serviços religiosos da Igreja Universal do Reino de Deus, já estava “carregada” e se encontrava sobre a influência ou possuída, sem perceber, por uma força demoníaca.

Esta *performance* é socializada ao longo de toda a estrutura do grupo corporativo da Igreja Universal do Reino de Deus, pois as “manifestações” dos “encostos” iurdianos aparentemente seguem a proposta de um modelo e uma *performance* corporal padronizada, tal como foi possível observar, intensamente, nas “Sessões do Descarrego” presenciadas durante toda esta pesquisa e no “ritual de libertação” da senhora N, descrito a pouco:

- *“Bispo, olha as mãos! Olha as mãos dela rasgando o papel!”*
(Observa o pastor auxiliar).

- *“Olhas as mãos! Olha as mãos, olha só! Olha só, porque já está “manifestado”, olha só, olha só! A pessoa vai pro trabalho assim, imagine atravessar a rua assim, é uma bomba relógio [...] que pode explodir a qualquer momento, uma tragédia para ela e para quem está a volta dela”* (Adverte o bispo Guaracy, retomando a fala).

Ao “manifestar-se”, o “encosto” iurdiano apresenta as mãos e os dedos retorcidos como se fossem garras de um animal ou de algum predador. Além de totalmente contorcidas, as mãos se encontram como se estivessem “algemadas” às costas, segundo os pastores, porque “estão amarradas” e, conseqüentemente, expressam a “impotência da mal perante o poder e a força de Jesus”. A representação que simboliza esta “dominação”, envolvendo a imagem de um Deus todo poderoso e a figura de demônios fadados ao fracasso, pode ser identificada na expressão iurdiana *“Tá Amarrado!”*. Expressão intensamente utilizada pelos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus em suas pregações, mas proferida enfática e principalmente para repreender os “encosto” que se “manifestam” de forma mais intensa e algumas vezes até agressiva.

- *“Cala a boca!”* (Reprime rapidamente o pastor). – *“Tá amarrado!”* “A tua língua, cala a boca!” – *“Quem é você?”* – *“Quem é você?”*.

Entretanto no “ritual de libertação” da senhora N, o vocábulo *“Tá Amarrado!”* se apresenta, também, em uma circunstância um pouco mais amistosa durante o diálogo envolvendo o bispo Guaracy e o pastor que o auxilia neste caso:

- *“[Pastor] Leno, vai lá! Manda vir o chefe”*. (Diz o bispo Guaracy, apontando para o “encosto” da senhora N). *“Porque o que está ali é um enganador, ele está tentando te enganar há várias semanas, este “desgraçado”! [Ele] Não é o chefe, não! Ele está tentando te enrolar, heim!”*.

- "Tá Amarrado", bispo! (Adverti o pastor Lino, com um discreto sorriso no rosto e com o mesmo tom irônico presente nas observações do bispo Guaracy em relação ao caráter "dissimulador" deste "encosto").

Curiosamente o dito "Tá Amarrado!", acompanhando o crescimento e a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus no cenário religioso brasileiro, ultrapassou as fronteiras de seus cultos e os muros de seus templos. Utilizada a princípio e exclusivamente por pastores e fiéis da IURD, a expressão se popularizou e converteu-se em um jargão compartilhado por membros de outras denominações pentecostais e está presente, até mesmo, no vocabulário de pessoas que não participam diretamente deste círculo religioso.

Retomando as principais características da "manifestação do encosto" iurdiano, a sua *performance* corporal se complementa através da expressão de seu olhar e pela voz característica. Com os olhos normalmente "virados" – escondendo a sua íris e pupilas – o "encosto" apresenta também uma voz, completamente diferente da pessoa que o "possuí", caracterizada por uma entonação bem mais grave, acompanhada por gritos histéricos e intercalada, às vezes, por alguns palavrões que rapidamente são repreendidos pelo pastor ou bispo que comanda a "libertação". De modo geral, o "encosto" quando "manifestado" se apresenta muito agitado, contorcendo o corpo e relutando perante a "dominação" por parte dos líderes iurdianos. Há situações em que a *performance* do "encosto" chega a ser violenta e até agressiva – tanto para o pastor que está comandando o "ritual de libertação" quanto para o corpo da pessoa que está "possuída" por este "encosto" – sendo que em muitos casos dois ou mais pastores e "obreiros" são solicitados no auxílio para dominar um só "encosto".

A IURD declara abertamente que seus "encostos" são a "verdadeira face" das divindades veneradas nos terreiros de umbanda e de candomblé – as chamadas "casas de encostos" –, contudo a *performance* entre elas, como se pode observar, são bem diferentes. Enquanto nos terreiros as "entidades" fazem o uso do corpo de seu "cavalo e trafegam livremente por todo o espaço reservado ao culto; nos templos da IURD os "encostos" quando "manifestados" ficam acuados, são imobilizados, obrigados a ficar de joelhos perante a figura do pastor e

constantemente submetidos a humilhações e “torturas” frente à plateia composta por seus fiéis. Enquanto no terreiro as “entidades” são respeitadas e principalmente requisitadas a ouvir as frustrações das pessoas para aconselhá-las perante alguma dificuldade; no púlpito iurdiano os “encostos” são constantemente desqualificados e “desafiados”, ao mesmo tempo que são humilhados e “torturados” simbolicamente e publicamente pela figura do pastor ou bispo que comanda a “reunião” da Igreja Universal do Reino de Deus.

Mesmo enumerando todas estas distinções entre a *performance* corporal do “encosto” iurdiano e a *performance* da “entidade” umbandista, é importante observar que há um elemento em comum entre as frequentes “manifestações” presentes nos cultos da Igreja Universal do Reino de Deus e as “incorporações” realizadas nos terreiros de Umbanda. Em ambas – ou seja, tanto no terreiro quanto nas “reuniões” iurdianas – a “possessão” expressa na IURD (através da *performance* de seus “encostos”) e na Umbanda (via *performance* de suas diversas “entidades”) se referem à um momento igualmente aguardado e até desejado por seus espectadores como ritualmente previsto e principalmente fomentado por seus membros. Portanto, mesmo distintas entre si, as frequentes “possessões” realizadas na IURD e na Umbanda demonstram a importância e a centralidade que estas práticas assumem em cada um de seus respectivos universos simbólicos.

Neste momento, proseguindo com a análise do “ritual de libertação” praticado pela Igreja Universal do Reino de Deus, um dos momentos mais aguardados de suas “reuniões”, a investigação se concentra na segunda etapa deste ritual que tem início com o chamado “interrogatório do encosto”. Instante posterior à sua “manifestação” e no qual o pastor ou bispo iurdianos procuram identificá-lo, em sua maioria, a partir de três combinações de perguntas fundamentais: - “*Quem é você?*” ou - “*Qual é o seu nome?*”; - “*O que você [“encosto”] tem feito na vida dela?*”; e “*Como você entrou na vida desta pessoa?*”.

Seguindo a análise do “ritual de libertação” da senhora N, assim se inicia o “interrogatório de seu encosto”, buscando identificá-lo:

- “*Quem é você?*” (Dispara o pastor Leno em direção ao “encosto”).

- *“Eu quero ir embora! Ai, me larga!”* (Esbraveja o “encosto”, relutando em revelar a sua verdadeira identidade).
- *“Cala a boca!”* (Reprime rapidamente o pastor).
- *“Tá amarrado!” “A tua língua, cala a boca!” “Quem é você?” “Quem é você?”* (Insiste novamente o pastor Leno).
- *“Exu Caveira, eu sou!”* (Então, Responde o “encosto”).

Entre o conjunto de respostas dadas pelos “encostos” iurdianos à pergunta que diz respeito à sua identidade, há um padrão que dificilmente se foge à regra – como presenciado, acima, na “libertação” da senhora N – e possível de ser observado tanto na extensa literatura existente sobre a IURD quanto nos diversos cultos acompanhados ao longo desta pesquisa: a relação estreita e direta entre a identificação dos “encostos” iurdianos com os nomes de divindades veneradas nas religiões de matrizes africanas, em especial com as “entidades” presentes na Umbanda.

O que ocorre neste instante é que o diabo revela sua verdadeira origem. [...] Para ser mais preciso, o diabo adquire uma identidade, um nome – e não é Lúcifer, nem Satanás. Os demônios que causam o sofrimento são as mesmas entidades que habitam os terreiros de Umbanda. Nesse sentido, não se trata somente da “manifestação” do diabo, mas, acima de tudo, da associação deste com as divindades que são cultuadas por uma parcela significativa da população brasileira. Dessa maneira, o fiel tem diante de si a revelação não só da causa de seus infortúnios, como também da sua origem, localizada em outras práticas religiosas com as quais a Igreja Universal entra em disputa (ALMEIDA, 2009, pp. 89-90).

Uma cosmologia maniqueísta não é invenção ou exclusividade da Igreja Universal do Reino de Deus, porém é para esta a base elementar da sua mensagem religiosa fundamentalmente baseada no vilipêndio de outras expressões religiosas – uma característica herdada da sua matriz protestante que teve como alvo principal de suas críticas a Igreja Católica. A construção deste discurso iurdiano, cuja expressão máxima está representada em seu “ritual de libertação”, tem como uma

de suas principais finalidades associar as divindades de suas concorrentes diretas no mercado religioso brasileiro à imagem do diabo, porém a Igreja Universal do Reino de Deus demonstra uma maior dedicação em *demonizar* a “entidade” Exu da Umbanda.

O Exu – “guia”²⁵ muito importante para o universo simbólico umbandista – foi “tomado por empréstimo”, ou melhor, *ressemantizado*, como prefere Oro (2007), pela cosmologia da Igreja Universal do Reino de Deus, e nela sua representação está associada diretamente aos “encostos” e às forças diabólicas. A escolha iurdiana, ao eleger este “guia” da Umbanda como sua principal representação demoníaca, pode ser considerada estratégica, pois a “entidade” Exu se refere a um elemento fortemente presente no nosso imaginário popular e, segundo Almeida (2009, p. 89), “cultuado por uma parcela significativa da população brasileira”. Ao conjunto de “entidades” da Umbanda representadas pela denominação Exu, incluem-se também as chamadas “Pombas Giras”; a Pomba Gira, na Umbanda, se refere à representação feminina do Exu, segundo Maggie (2001, p. 150) [...] “representa uma mulher de vida fácil, ‘mulher de sete maridos’, que faz o bem e o mal, diz palavrão e faz gestos obscenos. Sua imagem de cerâmica representa uma mulher com muitas jóias, algumas vezes vestida de cigana, outras vezes com o corpo pintado de cor avermelhada”. E, por causa dessas suas características a Pomba Gira, assim como o Exu, também é figura constantemente presente nos “rituais de libertação” da Igreja Universal do Reino de Deus, “manifestada” através dos chamados “encostos”.

A opção iurdiana por eleger o conjunto de “entidades” que pertencem ao grupo Exu da Umbanda – como os principais representantes dos “espíritos demoníacos” em seus cultos e como a personificação do “mal” na sua mensagem religiosa – não foi gratuita, porque mesmo, internamente, entre as diversas expressões da Umbanda esta figura assume um caráter ambíguo e controverso.

Em oposição aos chamados espíritos da direita – sobretudo Caboclos, Pretos Velhos e Crianças – os Exus constituem a esquerda. Isto significa

²⁵ O “Guia”: o “orixá” ou a “entidade”, as figuras do sobrenatural nas e para as religiões brasileiras de matrizes africanas.

que, ao contrário daqueles, são vistos como perigosos e maus, ou ao menos potencialmente perigosos e capazes de atuar maleficamente. Constituem a categoria mítica mais controversa para os umbandistas e a mais instigante para os pesquisadores. [...] A controvérsia principal é: são ou não demônios? Embora a resposta afirmativa seja francamente minoritária, a suspeita do caráter demoníaco dos Exus está sempre presente, mesmo nas insistentes negativas daqueles que os defendem desta acusação (NEGRÃO, 1996, p. 220).

Além de uma personalidade duvidosa, reconhecida até mesmo entre os umbandistas, a aparência do Exu, na Umbanda, é representada por figuras “grotescas” que mesclam características físicas humanas com as de animais. Sua *performance* é complementada pelo seu temperamento e por um comportamento todo particular, expressos corporalmente quando “incorporado” nos terreiros.

Realizadas estas observações, é possível considerar que a IURD além de *ressemantizar* a “entidade” umbandista Exu, tenha incluído neste pacote boa parte da sua *performance* desenvolvida nos terreiros, pois o “Exu iurdiano”, revelado através das “manifestações” de seus “encostos”, se apresenta em suas “reuniões” como uma caricatura, muitas vezes “grosseira”, do Exu da Umbanda.

EXU - Entidade que representa o bem e o mal. Algumas vezes é identificado com o diabo. Sua imagem de cerâmica representa um homem com pés de bode e orelhas pontiagudas, segurando às vezes um tridente, vestido quase sempre com capa preta ou vermelha e usando cartola. Outras vezes são homens de peito nu. Os exus, quando estão no terreiro, dizem palavrões e fazem gestos obscenos, dão gritos lancinantes e gargalhadas estridentes. Sua figura é ambígua, pois, podendo fazer o bem e o mal, tornam-se perigosos e poderosos. A relação dos homens com os exus é quase sempre um risco, pois eles podem trapacear seus filhos, dizendo uma coisa e fazendo outra. Os exus são os donos das encruzilhadas e do cemitério, onde são depositadas oferendas (MAGGIE, 2001, p. 144).

Retornando ao “ritual de libertação” descrito a pouco, o “encosto” que “se manifestou” no corpo da senhora N se autodenominou, sem antes muito relutar, como: “Exu Caveira”. Exu Caveira, para a Umbanda, segundo Maggie (2001, p. 144)

é uma “entidade” [...] “que pertence à ‘falange’ do cemitério e a sua imagem é representada por um esqueleto ou apenas por uma caveira”.

- “Exu Caveira, eu sou!” (Diz, então, o “encosto” revelando a sua verdadeira identidade).
- “*Tem quantos aí com ela? Fala!*” (Pergunta o pastor).
- “*A legião toda!*” (Grita o “encosto”, agora, identificado como Exu Caveira).
- “*Você é o chefe da legião?*”
- “*Sou!*” (É a resposta do “encosto”, acompanhada por uma alta e assustadora gargalhada).

Neste episódio, o Exu Caveira iurdiano, durante o seu interrogatório, revela que o sofrimento da senhora N não é causado por apenas um único “encosto” responsável, mas sim por toda uma “legião”. O termo “legião” na Igreja Universal do Reino de Deus, muitas vezes substituída pela expressão “falange”, traz o mesmo significado tal qual na Umbanda, pois nela o vocábulo “falange” representa a “estrutura do panteão dos orixás, [composta por] um chefe e seus subordinados” (Maggie, 2001, p. 145, grifo do autor). Por isso, a preocupação do pastor e do bispo iurdianos em perguntar ao seu Exu Caveira, “manifestado” na senhora N:

- “*Você é o chefe da legião?*”
- “*Traz a cambada toda! Você disse que tem uma falange. Traz a falange inteira, agora! Traz a legião inteira! Traz a legião inteira na sua companhia! Vamos lá! Rápido, já!*”

Esta observação reforça o que muitos *iurdiólogos* já afirmaram anteriormente, de que a Igreja Universal do Reino de Deus *ressemantizou* muitos dos elementos sacralizados pela Umbanda – religião considerada, pela própria, como uma de suas

inimigas – e conseqüentemente passou a compartilhar da sua lógica religiosa. Contudo, vale atentar que a IURD, ao *ressemantizar* certos elementos e parcela da crença umbandista, acabou adotando, conscientemente, em suas comunicações parte do vocabulário praticado pela sua rival. Suas pregações, ao incorporar diversos elementos oriundos da linguagem umbandista, se tornaram completamente acessíveis aos indivíduos que já se encontravam familiarizados a estes termos; um número considerável de futuros fiéis iurdianos em potencial, segundo a própria Igreja Universal do Reino de Deus e a sua política proselitista.

Um caso exemplar deste fenômeno é o termo “encosto” intensamente utilizado e proferido, com tanta naturalidade, nos cultos iurdianos que costumeiramente se dá o crédito de sua criação à cosmologia da própria Igreja Universal do Reino de Deus, porém esta expressão se refere a mais uma, livre, apropriação iurdiana, pois a sua origem se encontra na Umbanda:

ENCOSTO – Fenômeno que ocorre quando alguém morre e o seu espírito vaga na terra, próximo a um vivo (geralmente um parente), pedindo-lhe para que este faça preces e trabalhos a fim de aliviar sua vida. Este espírito pode atrapalhar a pessoa na qual “encosta”, mas também pode ajudá-la, dando avisos, mostrando caminhos etc (MAGGIE, 2001, pp. 143-144).

Retornando ao chamado interrogatório do “encosto”, após conhecer a “verdadeira” identidade do “chefe da legião” que se encontra no corpo da senhora N, o pastor iurdiano novamente o questiona para saber quais sofrimentos está causando na vida de sua vítima:

- “Está fazendo o que na vida dela?” (Quer saber o pastor).
- “*Destruindo!*” (Responde o “encosto”).
- “Destruindo como? Fala!” (Interpela o pastor).
- “*Acabando com ela! Comendo a carne dela!*” (Diz o “encosto”).
- “Você colocou alguma doença nela?” (Pergunta o pastor).
- “*Botei várias, várias!*” (Completa o “encosto”).

O bispo Edir Macedo, em seu polêmico *best seller Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?*, elabora uma lista de sintomas provocados pelos “espíritos possessores” que inclui desde o nervosismo, dores de cabeça, insônia, medo, demaios constantes ao desejo de suicídio. Porém, alerta o bispo Macedo (2000, p.57): “Nem todos os sinais de possessão, quando analisados separadamente, indicam possessão, contudo, em muitos e muitos casos, esses sintomas caracterizam a ação de demônios nas vidas das pessoas”.

A Igreja Universal do Reino de Deus além de enumerar esses sintomas para caracterizar a possível “possessão” de um ou mais “encostos” em uma determinada pessoa, defende também a ideia de que cada “espírito demoníaco” tem a sua finalidade específica. Segundo a IURD, assim como no caso dos santos católicos e das divindades afro-brasileiras, os “encostos” têm a sua especialidade relacionada ao seu nome atribuído.

Este é realmente um ponto muito interessante. Há uma relação muito grande entre os nomes usados pelos espíritos demoníacos e a ação de cada um deles. Na Igreja Católica, tal fenômeno é igualmente curioso, já que os santos católicos têm seus nomes também ligados às ações que lhes atribuem. Todas as pessoas que tiveram nossa ajuda em oração e que diziam sofrer de ataques epiléticos, ao receberem a oração, com a autoridade do nome de Jesus, manifestaram espíritos que tinham seus nomes ligados àquele mal. Omulu, por exemplo, que se intitula rei da calunga ou do cemitério, é um dos grandes responsáveis por esse tipo de enfermidade. Da mesma forma, pessoas que sofrem de feridas e chagas que os médicos não conseguem curar e ficam anos com as pernas feridas, normalmente são possuídas por esse demônio que é associado a São Lázaro, da Igreja Católica. Já oramos muitas vezes por pessoas viciadas em tóxicos, bebidas alcoólicas, cigarros ou jogo, e na maioria dos casos, o responsável por tudo é o exu chamado “zé pelintra” ou “malandrinho” ou outro dessa casta. Prostitutas, homossexualismo e lésbica sempre são possuídos por pomba-gira (“marias-molambo”, etc). Nos casos em que as pessoas estão perdendo tudo o que têm e caindo em desgraça, normalmente, por trás estão os demônios que se dizem chamar “exu do lodo”, “da vala”, e outros. Os espíritos, como já dissemos, não têm corpo,

tamanho ou sexo, entretanto, se alojam em um corpo humano e ali fazem miséria (MACEDO, 2000, pp. 42-43).

Por exemplo, na Igreja Universal do Reino de Deus, o “encosto” que se identifica como pertencente ao grupo Pomba Gira tem como especialidade causar danos às relações amorosas e as questões relacionadas a sexualidade de sua vítima ou de pessoas próximas a ela, podendo causar tanto o “esfriamento” do seu casamento quanto traições amorosas, desejo por um parceira(o) casada(o), prostituição e até mesmo a tendência ao homosssexualismo; já o Exu Tranca-Rua iurdiano atrapalha principalmente as questões financeiras das suas vítimas, causando o desemprego, dívidas, falência e “trancando” toda e qualquer oportunidade de crescimento econômico desta pessoa. Entretanto, o “espírito demoníaco” que “se manifestou” na senhora N identificou-se como o Exu Caveira – “entidade” que na Umbanda pertence à “falange” do cemitério – e portanto, seguindo uma interpretação iurdiana deste dado, o “encosto” Exu Caveira ou o Exu Caveira iurdiano é responsável principalmente por desenvolver doenças que até mesmo a medicina moderna não consegue tratar e conseqüentemente este “espírito demoníaco” acaba levando suas vítimas a uma morte precoce, por isso o bispo Guaracy afirma:

- “Tá vendo?! Olha ai... É aquilo que eu falo, um abismo chama outro abismo. Nem toda pessoa doente tem um ‘encosto’, mas quem está ‘carregado de capeta’ vai ter uma porção de [...] enfermidades”.

- “Olha ai, e quando parece que a pessoa está se recuperando de uma [doença], cai com outra”.

A figura do pastor iurdiano, ao tomar conhecimento da real identidade do “encosto” em questão, finalmente alcança um dos principais objetivos de sua pregação: comprovar a “verdadeira” origem, segunda a interpretação e a visão de mundo da Igreja Universal do Reino de Deus, das aflições que estão atormentando a vida e impossibilitando a felicidade das pessoas.

Retornando ao “ritual de libertação” da Igreja Universal do Reino de Deus, após a identificação do seu “encosto”, a figura do pastor iurdiano anuncia o início da vitória iurdiana sobre os seus inimigos; grupo formado pelos “espíritos demoníacos” e suas representantes aqui na terra, as chamadas “falsas religiões” segundo a interpretação da Igreja Universal do Reino de Deus. Vitória que não é anunciada, sem antes humilhar seu inimigo e todo o conjunto de símbolos que a ele pertence.

É neste momento que as orações ficam mais calorosas e proferidas aos berros por pastores e espectadores do culto iurdiano. É neste momento que a Igreja Universal do Reino de Deus ressalta todo o seu poder perante as religiões rivais, desqualificando-as ao ponto de humilhar seus símbolos; característica amplamente presente ao longo das pregações de seus pastores, mas principalmente nos “rituais de libertação” iurdianos em que a linha tênue que separa a sua estratégia de vilipêndiar as suas concorrentes diretas no mercado religioso brasileiro e a prática criminosa em propagar a intolerância religiosa praticamente desaparece.

O “ritual de libertação” iurdiano é todo estruturado na “humilhação do encosto”, porém humilhá-lo não é o principal objetivo do discurso de seus pastores. Pois relacionando diretamente seus “encosto” às divindades alheias, a Igreja Universal do Reino de Deus, ao humilhá-los, quer é atingir as religiões inimigas. Assim, tanto as pregações dos pastores quanto alguns dos rituais iurdianos são totalmente estruturados e desenvolvidos com a finalidade, única, de desqualificar as práticas, crenças e as divindades alheias, mas com um foco especial nas “entidades” da Umbanda:

- *“Eu ainda não ouvi você confessando a sua derrota e pedindo pra sair! Fala: - Eu, exu caveira sou um frouxo!”* (Ordena o bispo para que o “encosto” repita as suas palavras).

- Diga: - *“Um frouxo! Um frouxo! Um frouxo!”* (Ordena com maior intensidade o bispo).

- *“Eu quero ouvir um frouxo!”* (Explode o bispo em meios aos gemidos do “encosto”). – *“Eu quero ouvir: um frouxo , agora!”* - Diga: *“Eu sou frouxo!”* (Repete mais uma vez o bispo).

- *“Não!”* (Retruca o teimoso “encosto”).

- *“Jesus manda fogo setenta vezes mais forte do que mandou até aqui! Quebre o arco deste desgraçado! Quebra a força dele!”* (Esbraveja o, já sem paciência, bispo Guaracy). – *“E queima! E queima! Queima!”* (Retruca o bispo, até que):
- *“Eu sou frouxo. - Eu sou frouxo!”* (Grita o já vencido, humilhado e exausto “encosto”).
- *“Ah, e é mesmo!”* (Comemora o bispo por mais uma vitória na guerra contra o “mal”).
- *“Eu não aguento mais! - Eu largo ela!”* (Desiste e se entrega o cansado e derrotado “encosto”).
- *“Não! Eu tiro você dela em Cristo Jesus! Não é você que larga dela, não!”* (Retruca o bispo e ainda complementa):
- *“Eu tomo ela da tua mão! Perdeu, seu desgraçado! - Perdeu seu desgraçado! Perdeu, seu desgraçado!”*

E para finalizar com os sofrimentos e as influências do “encosto” na vida da senhora N, o bispo Guaracy realiza o golpe final e derradeiro:

- *“E, em nome de Jesus: Sai! Sai! Sai!”*

Finaliza o bispo, expulsando o “demônio” da vida da senhora N:

- *“E, não volta nunca mais!!!”*

Então: - “Está decretada a vitória do bem sobre o mal”. Diz o bispo Guaracy, agora com uma voz já mais calma e ao mesmo tempo que tranquiliza a senhora N que ainda se encontra meio desorientada. Ela sem entender muito bem o que aconteceu, apenas chora “de alívio e de felicidade”. – “Palmas para Jesus!”, poderia ter dito o pastor para comemorar e encerrar mais uma batalha vencida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo desta pesquisa indica que algumas características da Igreja Universal do Reino de Deus a aproximam de um modelo especializado na prestação de serviços religiosos o qual se recorre, quase que exclusivamente, em momentos de *aflição* (FRY & HOWE, 1975). Esta observação além de demonstrar que a IURD não apresenta a importância dada a prática do “batismo” tal como característico nas igrejas evangélica mais tradicionais, indica uma aproximação da Igreja Universal do Reino de Deus ao perfil dos serviços disponíveis na Umbanda.

Desta maneira, a mensagem religiosa iurdiana baseada na sua cosmologia dualista exerce propositalmente, ou pelo menos demonstra, uma certa desconsideração conceitual das suas concorrentes religiosas, pois transveste suas divindades e confere uma leitura [des]interessada da cosmologia alheia. Contudo, entre todas as manifestações religiosas com as quais compartilha o cenário religioso brasileiro, a Igreja Universal do Reino de Deus há muito elegeu um alvo preferido para os seus ataques: o universo simbólico umbandista.

E, se há por parte da IURD uma “confusão” da cosmologia alheia, ela recai principalmente sobre a representação do Exu da Umbanda, pois este acaba sendo, em partes, a objetivação do medo, da angústia, do desconhecido, do “mal”, do “terror” e do antagonismo iurdiano, segundo a própria Igreja Universal do Reino de Deus. Tanto que nos “rituais de libertação” praticados diária e exaustivamente no interior de seus templos, os “espíritos demoníacos” que “se manifestam” – os chamados “encostos” – em sua maioria, são identificados e principalmente autodenominados como Exus da Umbanda. Esta característica nos possibilita afirmar que *demonizar* a “entidade” Exu da Umbanda e o combate ao “demônio Exu” se refere a um dos fundamentos estruturais da Igreja Universal do Reino de Deus.

Ao relacionar diretamente as aflições das pessoas às “entidades” umbandistas, a Igreja Universal do Reino de Deus acaba elaborando toda uma rede de significados para interpretar os mais diversos problemas que atingem suas vítimas; rede de significados que é construída e está intrinsecamente relacionada ao pensamento mágico e a uma interpretação mágica do mundo. Pois para a Igreja

Universal do Reino de Deus, como exemplos, os problemas financeiros individuais e mesmo o desemprego não são consequências exclusivas de crises econômicas relacionadas à macroeconomia e nem mesmo pela insuficiente qualificação profissional das pessoas, mas principalmente pela influência de “espíritos demoníacos”, na maioria das vezes, “encomendados” nas chamadas “casas de encostos” por indivíduos invejosos que não desejam o seu bem. E até mesmo doenças, cujo tratamento médico convencional não surge efeito, não são exclusivamente justificadas pelo desenvolvimento de alguma enfermidade influenciada por uma predisposição hereditária ou determinada pelo estilo de vida adotado, a longo prazo, por esta pessoa, pois segundo a IURD qualquer doença pode ser interpretada, na maioria dos casos, como a expressão de um “trabalho” encomendado ou “coisa feita” por alguém que não lhe quer bem; e até esta predisposição genética no desenvolvimento de certas doenças é interpretada pela IURD como consequência de uma chamada “maldição hereditária”, pois esta mesma doença ou enfermidade pode ter assolado vários membros da sua família, principalmente seus antepassados mais próximos.

Para melhor compreender esta rede de significados praticada pela Igreja Universal do Reino de Deus, a qual denominamos *“interpretação mágica das aflições humanas”*, seria interessante incluir nesta discussão algumas reflexões sobre a magia como objeto de crença coletiva.

Iniciamos com a contribuição de Marcel Mauss do texto *Esboço de uma Teoria Geral da Magia*, no qual Mauss demonstra que a magia, mesmo quando praticada por indivíduos isolados, está sempre fundamentada em crenças coletivas. Para este autor, tantos os fenômenos mágicos quanto os fenômenos religiosos são igualmente eficazes, pois ambos dependem da sociedade e só têm razão de ser com relação a ela, pois para Mauss (2003, p.126): “a magia [assim como a religião] é, por definição, objeto de crença”. Assim, qualquer rito ou cerimônia mágica só tem sentido e eficácia porque quem está agindo através da magia é a própria sociedade.

A magia é, por definição, objeto de uma crença a priori. Crença está que é anterior ao resultado; sendo que, a operação mágica que fracassa nunca coloca em xeque seu sistema. Quando o resultado esperado não vem,

refazem-se os ritos, varia-se a técnica e, no limite, substitui-se o mágico; mas a crença no sistema mágico permanece (MONTERO, 1986, p. 12).

Para Mauss, a fonte comum entre a religião e a magia é o *mana*. E, é somente a partir da sua noção que se pode entender a magia e o poder mágico, desta maneira, *mana* é um dado precursor de toda experiência e condição necessária para o funcionamento das representações mágicas. Para Mauss, o valor da magia é sempre um valor socialmente atribuído e não uma qualidade inerente à coisa, esse valor depende do lugar atribuído à coisa e ou à pessoa pela opinião do grupo. *Mana* classifica coisas e pessoas, portanto a sua noção é central quando se busca compreender a magia como um sistema de conhecimento. Assim, torna-se evidente que as noções relacionadas à magia só ganham sentido quando apreendidas como uma resultante do próprio funcionamento da vida coletiva.

Segundo as reflexões de Mauss, a eficácia do rito mágico só existe quando sustentada por uma crença coletiva, assim, a eficácia da magia se assenta no ato coletivo da crença em um poder místico, sem o qual ela se torna pura técnica. Portanto, o poder da magia depende, exclusivamente, de uma crença *a priori*, pois a magia funciona porque as pessoas creem nela. E, essa espécie de poder sagrado Mauss a relaciona ao *mana*, uma força ou poder que está na base da magia e da religião.

Já para Claude Lévi-Strauss, no texto *O Feiticeiro e sua Magia*, não há por que duvidar da eficácia de certas práticas mágicas, pois procura-se os serviços mágicos não porque o seu agente provou ser eficaz, mas porque se acredita nele de antemão, pois: “[...] um indivíduo consciente de que é objeto de um malefício fica profundamente convencido, pelas tradições mais solenes de seu grupo, de que está condenado, e parentes e amigos compartilham esta certeza” (Lévi-Strauss, 1975, p. 181). E, segundo Lévi-Strauss, percebe-se que a eficácia mágica implica a crença na magia que se apresenta sob três aspectos complementares: primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; segundo, a crença do doente que ele trata ou da vítima que ele persegue no poder do próprio do feiticeiro; e, por fim, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam continuamente uma espécie de campo de gravitação no interior do qual se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.

Portanto, podemos concluir que para Lévi-Strauss, assim como em Mauss, é o caráter coletivo da crença *a priori* na sua eficácia que representa o aspecto mais importante do sistema mágico.

A identificação desta rede iurdiana de significados, a qual demos o nome de “*interpretação mágica das aflições humanas*”, possibilita realizar a observação de que a Igreja Universal do Reino de Deus e a Umbanda, apesar de todas as suas diferenças doutrinárias e do distinto desenvolvimento histórico, compartilham entre si a premissa cultural presente em grande parte das religiões que compõem o cenário religioso brasileiro. Portanto, uma discussão desenvolvida exclusivamente em torno da chamada tese do sincretismo para compreender o trânsito e as trocas simbólicas no campo religioso brasileiro não se mostra suficiente, pois seria mais produtivo incorporarmos à esta reflexão o elemento que [in]forma os sujeitos envolvidos diretamente neste contexto. Ou seja, a premissa cultural a qual pais e mães de santo, praticantes da Umbanda, frequentadores dos terreiros, bispos, pastores, “obreiros” e fiéis iurdianos, compartilham: o sistema de crença nos poderes mágicos; algo tão fortemente presente na religiosidade e no imaginário popular brasileiro como um todo.

A crença na magia e na capacidade de produzir malefícios por meios ocultos e sobrenaturais é bastante generalizada no Brasil desde os tempos coloniais. De acordo com a crença, certas pessoas podem usar consciente ou inconscientemente esses poderes sobre os outros, para atrasar a vida, fechar caminhos, roubar amantes, produzir doenças, mortes e uma infinidade de outros males. Essa crença encheu desde a Colônia as casas dos curandeiros, centros, terreiros, benzedeadas, espíritas, médiuns de todas as espécies. Norteou também a atuação de juizes, promotores, advogados e policiais. [...] Foi a partir da República, no entanto, com o decreto de 11 de outubro de 1980, que o Estado criou mecanismos reguladores ao combate aos feiticeiros, instituindo o Código Penal. No Código introduziu-se três artigos referentes à prática ilegal da medicina, à prática da magia e à proibição do curandeirismo. Aos serem instituídos, os artigos revelaram, da parte dos autores, temor dos malefícios e necessidade de se criar modos e instituições para combater os produtores (MAGGIE, 1992, p.22).

Portanto, esta observação nos permite afirmar que aqui no Brasil a crença na magia é algo de grande extensão e universalidade, pois tanto nos terreiros de Umbanda quanto nos púlpitos da Igreja Universal do Reino de Deus o sistema cognitivo compartilhado é baseado na crença nos poderes e na eficácia mágica. Pois, não há o questionamento e nem mesmo a discussão por parte da IURD, cuja origem histórica se encontra no tronco protestante, se a magia, de fato, existe ou funciona; a prática e principalmente a crença na eficácia mágica são referências previamente dadas e bem estabelecidas em todo o cenário religioso brasileiro e compartilhadas por seus atores, pois a crença no sistema lógico dos poderes mágicos é algo amplamente socializado dentro deste contexto.

O objetivo dos processos [criminais] no Brasil diferentemente de Zimbábue, onde a Lei de Supressão à Feitiçaria coíbe a acusação a feiticeiros e médicos adivinhos, não é de extirpar a crença, mas de provar que a feitiçaria existe e produz malefícios. A prova de que a feitiçaria é crença em que todos os que participam do processo acreditam está no fato da discussão travada entre acusados, acusadores, juízes, promotores e advogados não desqualificar a feitiçaria. Não se nega a existência do mal produzido de forma mágica. Nega-se ou aceita-se o fato de um indivíduo em particular praticar a magia maléfica, fazer o mal (MAGGIE, 1992, p. 81).

Quando afirmamos na introdução deste trabalho que as instituições religiosas são importantes espaços para refletirmos os contextos sociais em que estão inseridas, incluímos a Igreja Universal do Reino de Deus nesta afirmativa por constituir um fenômeno que nos auxilia na compreensão do cenário religioso brasileiro contemporâneo. Nele a crença no feitiço e na magia, esse operador lógico da esfera da ação possível de ser identificado em distintas manifestações religiosas, é um fato; contexto no qual transitam “guias” e “entidades incorporadas” em terreiros e centros de Umbanda, além de “encostos manifestados” e exorcizados em igrejas neopentecostais cuja matriz é protestante.

Estas conclusões levam a pensar a concepção da magia na sociedade brasileira contemporânea e o modo como ela se relaciona com as concepções de religião. A teoria da feitiçaria implica nessa idéia de um

sistema de pensar, de uma forma de conhecimento diferente da ciência e da religião, sobretudo porque pode correr paralelamente a elas. O feitiço não seria sobrevivência do arcadismo na sociedade brasileira. Está no centro mesmo da sua maneira de pensar contemporânea (MAGGIE, 1992, p. 274).

Portanto, a centralidade assumida pelas práticas de possessão presentes tanto nos terreiros de Umbanda quanto no púlpito de algumas igrejas neopentecostais demonstra um importante dado a ser observado no cenário religioso brasileiro: o compartilhamento por ambas de um mesmo sistema de crenças na eficácia mágica. Talvez este estreitamento entre expressões da religiosidade afro-brasileira e denominações de origem no protestantismo tenha ocorrido nem tanto pelo esforço de ambas visando exclusivamente este fim, mas principalmente por um terceiro, e fundamental, elemento do campo religioso brasileiro: o catolicismo, ou melhor, o catolicismo popular.

Citam-se a Universal e a Renovação por considerá-las os produtos mais recentes das transformações do campo religioso brasileiro. É como se, a partir delas, fosse possível recuperar parte do processo de interação das tradições católica, evangélica e afro-kardecista. Esses exemplos mostraram o espraiamento do pentecostalismo pelo catolicismo e pelo protestantismo histórico (dando origem aos carismáticos e renovados) e, simultaneamente, a absorção de práticas e crenças da umbanda, que, por sua vez, é resultado da articulação entre os universos kardecista e afrobrasileiro com a mediação do catolicismo, este sim, o grande doador não só de pessoas, mas também de um campo semântico comum às religiões no Brasil. (ALMEIDA & MONTEIRO, 2001, pp. 99-100).

Através do desenvolvimento desta dissertação buscou-se compreender, a partir de uma abordagem antropológica, a Igreja Universal do Reino de Deus e parte do seu sucesso no cenário religioso brasileiro tendo como referência o seu próprio universo simbólico. E, não são poucos os que atribuem integralmente o sucesso da Igreja Universal do Reino de Deus à sua moderna estratégia de expansão institucional baseada em grandes investimentos tanto na construção de templos quanto na sua presença em diversos meios e canais de comunicação, incluindo a

sua participação em partidos políticos. Entretanto, os investimentos realizados nestas distintas esferas estão voltados a um único objetivo: possibilitar o direcionamento em massa de pessoas para o interior de seus templos.

O objetivo e a necessidade de levar as pessoas a visitarem os seus templos se apresenta como de extrema importância para a sua estratégia expansionista, pois o maior investimento da Igreja Universal do Reino de Deus está em seu universo simbólico. É no culto e no interior de seus templos que se encontra a fórmula do sucesso iurdiano, exportada pela própria e até imitada por diversas denominações neopentecostais: a teatralização, ou seja a transformação em forma de espetáculo do seu discurso e da sua visão de mundo maniqueísta.

A sua expansão, desde o início, esteve baseada no proselitismo e no vilipêndio contra as suas concorrentes diretas no mercado religioso brasileiro; uma busca incansável por novos fiéis. Esta afronta se faz presente simbólica e intensamente no discurso e nas pregações de seus pastores, mas principalmente é apresentada de maneira explícita em seus exorcismos, pois é através do seu “ritual de libertação” que a Igreja Universal do Reino de Deus legitima e atualiza cotidianamente o seu poder perante as religiões com as quais disputa uma boa fatia no mercado religioso brasileiro. E, assim, é através dos chamados “rituais de libertação” que nos cultos iurdianos uma guerra santa é simbolicamente travada.

Diante disso, o foco de análise recaiu, principalmente, sobre a parte referente ao exorcismo, momento culminante do culto. O sermão, assim como a oração inicial, pela própria rapidez com que é realizado, tem o intuito de reconstruir o sentido do sofrimento daquelas pessoas e convencê-las da necessidade de “libertação”. Porém, o confronto travado entre Deus e as diferentes manifestações do diabo na vida de cada um e a “libertação” só ocorrerão no exorcismo. É nele que o sofrimento explicitado no início da reunião encontrará sentido; é nele que a “vitória” sobre esse sofrimento se efetivará; em suma, é para ele que todas as partes iniciais do culto convergem. Nesse sentido, o exorcista impõem-se ao pregador (ALMEIDA, 2009, p.80).

Preocupada com a contradição que envolve o sucesso iurdiano em seu empreendimento de “libertação” e a própria continuidade da Igreja Universal do

Reino de Deus, Alba Zaluar no prefácio da obra de Almeida (2009, p.16, grifo do autor), levanta a seguinte hipótese: “[...] obter sucesso nessa empreitada significaria ameaçar a continuidade da IURD. O fim das religiões afro-brasileiras implicaria o esvaziamento da mensagem de “libertação” do diabo e o fim do sofrimento, pois as entidades propulsoras teriam desaparecido”.

Esta hipótese elaborada por Alba Zaluar seria a profecia mais indicada para este cenário, porém alguns fatos apontado pelo Prof. Ronaldo de Almeida na banca de qualificação desta dissertação parecem indicar um rumo no mínimo intrigante para este paradoxo. Pois, começaram a surgir alguns vídeos na *internet*, disponibilizados pela própria IURD, demonstrando que a figura do diabo e seus “espíritos demoníacos” que esta tanto persegue estão deixando aos poucos o seu abrigo original nas religiões afro-brasileiras e encontrando refúgio em igrejas da própria corrente pentecostal. Tanto quanto Deus, a figura do diabo iurdiano, agora mais do que nunca, apresenta-se como um ser onipresente.

Caso exemplar deste novo capítulo da “Guerra Santa” iurdiana, é o vídeo nomeado “Aviso aos Incautos”²⁶ publicado em destaque no site oficial do grupo IURD e também no blog do bispo Edir Macedo. Neste episódio o bispo Macedo ao realizar a “libertação” de uma mulher se depara com um “encosto” que afirma ser o apóstolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, seu “servo”; e, este mesmo “encosto” se diz responsável por tirar pastores, fiéis e “obreiros” da IURD para serem convertidos na denominação do apóstolo Valdemiro.

Estes vídeos são a indicação de que a Igreja Universal do Reino de Deus está, aos poucos, não mudando o foco, mas ampliando para dentro da própria corrente pentecostal o número de instituições religiosas para declarar como inimigas. Coincidência ou não, esta iniciativa iurdiana teve início simultaneamente ao crescimento de denominações que podem representar um certo risco à hegemonia da IURD no movimento neopentecostal brasileiro. Um novo capítulo para compreender a inserção da Igreja Universal do Reino de Deus no cenário religioso brasileiro, mas que se mostra mais oportuno desenvolver em outro momento.

²⁶ Disponível em: <http://www.bispomacedo.com.br/2012/02/09/aviso-aos-incautos/> (Acesso: 23/05/2013).

Na maioria das vezes, os [des]encontros, as paisagens e mesmo as dificuldades que deparamos ao longo do percurso de uma longa viagem nos revelam ser tão ou mais divertida quanto o seu destino final. Talvez este seja o detalhe que transforma o simples deslocamento de um ponto a outro mais distante em uma grande aventura. Esta analogia podemos transferir à toda construção do conhecimento e ao desenvolvimento específico desta pesquisa, pois o aprendizado adquirido durante o processo de sua descoberta nos mostrou ser tão interessante e até mesmo mais produtivo do que a descoberta a qual nos propomos inicialmente debruçar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. A Universalização do Reino de Deus. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1996.

_____. A guerra de possessões. In: CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre; ORO, Ari Pedro (org.). Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas. P. 321-342, 2003.

_____. Dez Anos do “Chute na Santa”: A Intolerância com a Diferença. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

_____; Montero, Paula. Trânsito religioso no Brasil. São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação SEADE, São Paulo, v. 15, n. 3, 2001.

_____. A Igreja Universal e seus Demônios: um estudo etnográfico. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. (Antropologia Hoje).

BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: Elementos para uma Sociologia da Religião. São Paulo: Paulus, 1985.

_____; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

BITTENCOURT, José Filho. “Remédio Amargo”. In: As alternativas dos desesperados: como se pode ler o pentecostalismo autônomo. Rio de Janeiro: CEDI, 1991.

CAIAFA, Janice. “A pesquisa etnográfica” In. Aventura das Cidades: ensaios e etnografia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. 3^o Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

FERNANDES, Rubem César. Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro, ISER, 1996.

FRESTON, Paul. Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Campinas, Tese de doutorado em sociologia, IFCH - Campinas, 1993.

FRY, Peter; HOWE, Gary Nigel. Duas Respostas à Aflição: umbanda e pentecostalismo. In: Debate e Crítica . n.6 (pp. 75-94). São Paulo, 1975.

GEERTZ, Clifford. Negara: O Estado Teatro do Século XIX. Rio de Janeiro, Bertrand, 1991.

_____. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIUMBELLI, Emerson. O “chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. 2002: in <http://pt.scribd.com/doc/43374386/Giumbelli-Chute-Na-Santa>.

LEVI-STRAUSS, Claude. “O Feiticeiro e sua Magia”. In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MACEDO, E. B. Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Ed. Universal, 2000.

MAGGIE, Yvonne. Guerra de Orixás: Um Estudo de Ritual e Conflito – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MAGNANI, J. Guilherme. A Antropologia Urbana e os Desafios da Metrôpole. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP. Vol. 15. N.1, maio de 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo, Ed. Abril, 1978.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando. Dissertação de mestrado em Sociologia. São Paulo, FFLCH, USP, 1995.

_____. Igreja Universal do Reino de Deus: a Magia institucionalizada. Revista USP, São Paulo, n. 31, p. 120-131, Set/Out/Nov, 1996.

_____. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. Novos Estudos CEBRAP 44, PP. 24-44, mar. 1996a.

_____. Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. Revista USP 31, pp. 120-131, 1996b.

_____. O Reino da Prosperidade da Igreja Universal. In: CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre; ORO, Ari Pedro (org.). Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas. P. 237-258, 2003.

_____. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo, Loyola, 1999. 2ª Edição, 2005.

MAUSS, Marcel. A Prece. In: Ensaaios de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Esboço de uma Teoria Geral da Magia. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MONTERO, Paula. “A Percepção popular da doença e sua reinterpretação religiosa” In: Da Doença à Desordem: Magia e Umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. Magia e Pensamento Mágico. São Paulo: Ed Ática, 1986.

NEGRÃO, Lísias. Entre a Cruz e a Encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

Oro, Ari Pedro. Podem passar a sacolinha: um estudo sobre representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. Cadernos de Antropologia, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, n 9. Pp. 7-44, 1995.

_____. (org.). Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. / Ari Pedro Oro, André Corten, Jean-Pierre Dozon, (organizadores). – São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. Intolerância religiosa iurdiana e a reação afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Reencantamento e Dessecularização: A propósito do auto-engano em sociologia da religião. In: Novos Estudos CEBRAP, n. 49, pp. 99-117, jul./ago, 1997.

_____. A Magia. São Paulo: Coleção Folha Explica. Publifolha, 2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O Desencantamento do Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2003.

PRANDI, Reginaldo. Religião pagã, conversão e serviço. In: PIERUCCI & Prandi, A Realidade Social das Religiões no Brasil: religião sociedade e política. São Paulo, Hucitec, 1996.

REINHARDT, Bruno. Espelho ante espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador. São Paulo: Attar, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Prefácio ou Notícias de uma Guerra Nada Particular: Os Ataques Neopentecostais às Religiões Afro-brasileiras e aos Símbolos da Herança Africana no Brasil. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

TAVOLARO, Douglas. O Bispo: a história revelada de Edir Macedo / Douglas Tavolaro com reportagem de Christina Lemos. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

TURNER, Victor. The Forest of Symbol: Aspects of Ndembu Ritual. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

_____. O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Drama, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Ed UFF, 2008.

WEBER, Max. A Psicologia Social das Religiões Mundiais. In: WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. vol.1. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000.

_____. A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Metodologia das Ciências Sociais. Parte 2. São Paulo. Ed. Cortez, 1995.

ZALUAR, Alba. O Antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva. In A Máquina e a Revolta. São Paulo: Brasiliense, 2002.